



**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS
SUSTENTÁVEIS (MASTS)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPPG)**

FERNANDA IELPO DA CUNHA

**OS SABERES ANCESTRAIS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS:
ESTUDO NO QUILOMBO SÍTIO VEIGA, QUIXADÁ-CEARÁ**

REDENÇÃO

2020

FERNANDA IELPO DA CUNHA

OS SABERES ANCESTRAIS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS:
ESTUDO NO QUILOMBO SÍTIO VEIGA, QUIXADÁ-CEARÁ

Dissertação submetida ao Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito para obtenção do título de mestra.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

REDENÇÃO

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Cunha, Fernanda Ielpo da.

C972s

Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudo no quilombo sítio veiga, Quixadá-Ceará / Fernanda Ielpo da Cunha. - Redenção, 2020.

133f: il.

Dissertação - Curso de Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Luís Tomás Domingos.

1. Antepassados. 2. Cultura negra e identidades. 3. Sementes.
I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 981.00496

FERNANDA IELPO DA CUNHA

OS SABERES ANCESTRAIS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS:
ESTUDO NO QUILOMBO SÍTIO VEIGA, QUIXADÁ-CEARÁ

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira do Ceará (Unilab), para obtenção do título de mestra em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis. Área de concentração: Interdisciplinar.

Aprovada em: 04/11/2020.

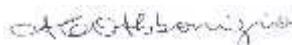
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)



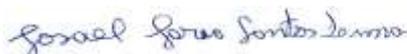
Prof.ª Dr.ª Geranilde Costa e Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)



Prof.ª Dr.ª Aline Cristina de Oliveira Abbonizio
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)



Prof.ª Dr.ª Leilane Barbosa de Sousa
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)



Prof. Dr. Josael Jario Santos Lima
Universidade Regional do Cariri (URCA)

AGRADECIMENTOS

A Deus, nosso pai de infinito amor, fonte de tudo que é belo e bom. Sem sua inspiração, Senhor, não poderia jamais ter produzido esta obra.

Ao meu companheiro, Gerardo, por estar sempre ao meu lado, incentivando-me, apoiando-me e torcendo pelo meu sucesso. Seu apoio foi fundamental na trajetória deste sonho.

Aos meus filhos de quatro patas: Pedrinho e Pepito, que foram luzes de energia, afeto, carinho, amor e muitas brincadeiras, os quais me ajudaram a relaxar e descontraír durante as fases de dificuldades.

À minha família, que sempre me dá forças em minha caminhada e projeto de vida, especialmente à minha mãe, dona Dilma, quem contribuiu com muito apoio, amor e incentivo, fortalecendo-me nos momentos necessários.

Ao professor Luís Domingos Tomás, meu orientador, ajudando-me na construção deste trabalho.

Aos amigos do Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (Masts): Acácio, Alexandrino, Flavinha, Liliane, Rubson, que, ao longo desta jornada, dividiram carinhos, alegrias, tristezas e conquistas.

À Ednir, que me ajudou fotografando os aspectos inerentes à pesquisa, cuja colaboração foi de grande relevância.

A todo corpo docente do curso do mestrado, em especial aos professores: Antônio Roberto Xavier, Elcimar Simão Martins, John Herbert da Silva Felix, Carlos Mendes Tavares, Olinaide Ribeiro de Oliveira Pinto e Juan Carlos Alvarado Alcócer, que souberam transmitir, com muita ética e compromisso, seus conhecimentos profissionais e humanos.

À comunidade quilombola Sítio Veiga, em especial aos(às) pesquisados(as) que fizeram parte deste trabalho, sem os(as) quais não poderia realizar este estudo.

Ao grande mestre ancestral Pai Xigano (*in memoriam*). Os seus ensinamentos foram a base que deram legitimidade a este trabalho, sem os quais seria impossível a sua consecução. Eternamente grata!

E, por fim, aos(às) membros(as) da banca examinadora, que contribuíram significativamente com suas críticas e contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

Memórias

As histórias aqui contadas, / Não ouvi por todo lado, / São dos nossos ancestrais, / Que aqui serão lembrados, / Foi no quilombo que ouvi, / E o prazer que senti, / E pra privilégios. / E sobre o bailar das árvores, / Sobre o frio que sentia, / Das visagens do passado, / E dos medos que fazia, / É falar sobre o passado, / Tudo será restaurado, / Nossos livros de fantasias. / Na debulha de feijão, / Se contavam as histórias, / Trazendo muita emoção, / Felicidade e memórias, / Nada tenho a declarar, / Estou aqui pra lhe falar, / O quanto é bom ouvir histórias. (RÁDLEI EUGENIO DÓROTH, Quilombola do Sítio Veiga).

RESUMO

Hoje as populações tradicionais são as grandes responsáveis por preservar técnicas e meios de cultivo, como as sementes crioulas nos espaços rurais. Todavia, desde o surgimento da agricultura moderna e do aprimoramento da mecanização e dos insumos agrícolas nos processos produtivos, a agricultura tradicional e as sementes crioulas têm perdido cada vez mais espaço, sendo inclusive esquecidas pelo poder público. O cultivo de sementes crioulas faz parte da sabedoria da herança ancestral, que pode ser contada desde o início da história da agricultura, sendo as comunidades tradicionais as grandes guardiãs desse patrimônio cultural, cujos ensinamentos transpõem meramente a preservação de suas memórias, uma vez que chamam a atenção pela preservação da própria vida no planeta e da biodiversidade existente e pensam no futuro das próximas gerações. Aqui, o passado se torna presente, os ensinamentos dos(as) ancestrais quilombolas estão presentes em cada semente plantada, sendo ensinados de uma geração à outra, fortalecendo, assim, a própria essência e singularidade de ser quilombola, do amor à terra, ao território e aos rituais sagrados em torno das sementes crioulas. Logo é um cultivo livre de agrotóxicos, retirando da natureza apenas o necessário para a subsistência familiar e para, assim, garantir o futuro das próximas gerações. Diante da relevância das sementes crioulas, o presente estudo tem como objetivo analisar como o cultivo de sementes crioulas contribui para a preservação da identidade sociocultural e sustentabilidade ambiental quilombola na comunidade Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará. Para tanto, a pesquisa teve como aparato metodológico a tipologia exploratório-descritiva com abordagem qualitativa, valendo-se das técnicas de entrevistas semiestruturadas, cuja modalidade norteadora foi a etnográfica de observação participante, métodos fundamentais para uma maior aproximação e interação com os sujeitos sociais da pesquisa. No que tange aos resultados da pesquisa, pode-se considerar a relevância dos saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas para a preservação da identidade sociocultural quilombola e os aspectos de preservação e sustentabilidade ambiental, de uma alimentação saudável com base nas sementes crioulas, simbolizando esses conhecimentos uma forma de manter vivos e atuantes seus costumes e tradições, tais como como a Dança de São Gonçalo e suas promessas em torno de uma boa colheita e ou da cura de uma enfermidade, transmitidos com a simbologia das 12 sementes crioulas, que representa a vida, o conhecimento e a oralidade, que serão perpetuados pelas próximas gerações como continuidade da existência quilombola.

Palavras-chave: Ancestralidade. Identidade. Quilombo. Sementes crioulas.

ABSTRACT

Today traditional populations are largely responsible for preserving techniques and means of cultivation, such as Creole seeds in rural areas. However, since the emergence of modern agriculture and the improvement of mechanization and agricultural inputs in production processes, traditional agriculture and Creole seeds have lost more and more space, being even forgotten by the public authorities. The cultivation of Creole seeds is part of the wisdom of ancestral heritage, which can be told from the beginning of the history of agriculture, with traditional communities being the great guardians of this cultural heritage, whose teachings transpose merely the preservation of their memories, since they call attention to the preservation of life itself on the planet and of the existing biodiversity and think about the future of the next generations. Here, the past becomes present, the teachings of quilombola ancestors are present in each seed planted, being taught from one generation to the next, thus strengthening the very essence and uniqueness of being quilombola, of the love of the land, the territory and sacred rituals around Creole seeds. Therefore, it is a pesticide-free crop, removing from nature only what is necessary for family subsistence and, thus, to guarantee the future of the next generations. In view of the relevance of Creole seeds, the present study aims to analyze how the cultivation of Creole seeds contributes to the preservation of the socio-cultural identity and quilombola environmental sustainability in the Sítio Veiga community, in Quixadá, Ceará. For this purpose, the research used the exploratory-descriptive typology with a qualitative approach as a methodological apparatus, using semi-structured interview techniques, whose guiding modality was the ethnographic of participant observation, fundamental methods for a closer approach and interaction with the social subjects of search. Regarding the results of the research, one can consider the relevance of ancestral knowledge of the cultivation of Creole seeds for the preservation of quilombola sociocultural identity and the aspects of environmental preservation and sustainability, of a healthy diet based on Creole seeds, symbolizing these knowledge a way to keep their customs and traditions alive and active, such as the Dance of São Gonçalo and its promises around a good harvest and or the cure of an illness, transmitted with the symbolism of the 12 Creole seeds, which represents the life, knowledge and orality, which will be perpetuated for the next generations as a continuity of quilombola existence.

Keywords: Ancestrality. Identity. Quilombo. Creole seeds.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|---|----|
| Figura 1 | – Quilombo Sítio Veiga em Quixadá, Ceará | 30 |
| Figura 2 | – Quintal das casas com hortas naturais | 31 |
| Figura 3 | – Armazenamento das sementes crioulas nas casas quilombolas com garrafas PET | 32 |
| Figura 4 | – Processo natural de transformação do urucum em colorau: derretimento ao fogo após a retirada das caixinhas (1ª etapa do processo) | 33 |
| Figura 5 | – Farinha para pilar (2ª etapa do processo)..... | 33 |
| Figura 6 | – Pilando o urucum e transformando em colorau (3ª etapa do processo)..... | 34 |
| Figura 7 | – Pesquisadora interagindo com o cotidiano familiar (alimentação reaproveitada para os porcos) | 35 |
| Figura 8 | – Capa do livro <i>Contos de antigamente</i> , de autoria de Rádlei Eugenio Dóroth | 37 |
| Figura 9 | – Apresentação do livro <i>Contos de antigamente</i> na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará..... | 37 |
| Figura 10 | – Momento de entrevista com um dos participantes da pesquisa | 40 |
| Figura 11 | – Arte produzida no quilombo Sítio Veiga simbolizando suas raízes africanas, a resistência, a luta pela terra e o território..... | 41 |
| Figura 12 | – Casa de sementes Pai Xigano, implantada em 2010..... | 43 |
| Figura 13 | – Contação de histórias nas debulhas de feijão contadas por Ana Eugenio, quilombola do Sítio Veiga | 66 |
| Figura 14 | – Momento místico com os pacientes do CRIO debatendo sobre a importância das sementes crioulas para uma alimentação saudável..... | 75 |
| Figura 15 | – O ritual sagrado da dança de São Gonçalo: Ana Eugenio indo de encontro ao pagamento de suas promessas | 78 |

LISTAS DE GRÁFICOS E QUADROS

| | | |
|-----------|--|----|
| Gráfico 1 | – Referente à Tabela 1 (ver Apêndice C)..... | 46 |
| Gráfico 2 | – Referente à Tabela 2 (ver Apêndice C)..... | 47 |
| Gráfico 3 | – Referente à Tabela 5 (ver Apêndice C)..... | 50 |
| Gráfico 4 | – Referente à Tabela 6 (ver Apêndice C)..... | 51 |
| Gráfico 5 | – Referente à Tabela 7 (ver Apêndice C)..... | 53 |
| Quadro 1 | – Comunidades quilombolas cearenses | 85 |
| Quadro 2 | – Comunidades quilombolas cearenses certificadas | 86 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| ABA | Associação Brasileira de Antropologia |
| CadÚnico | Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| Ceppir | Coordenadoria Especial para Promoção de Políticas Públicas para a Igualdade Racial |
| Cequirce | Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará |
| Compir | Conselho Municipal de Igualdade Racial |
| Conaq | Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas |
| CRIO | Centro Regional de Oncologia |
| Esplar | Centro de Pesquisa e Assessoria |
| FATE | Faculdade Ateneu |
| FCP | Fundação Cultural Palmares |
| Funasa | Fundação Nacional de Saúde |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| Idace | Instituto do Desenvolvimento Agrário do Ceará |
| Incra | Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária |
| IPEA | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |
| Masts | Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis |
| Nuafro | Laboratório de Afro-Brasilidade, Gênero e Família |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| Pronasear | Projeto de Assistência Técnica ao Programa de Saneamento para Populações em Áreas de Baixa Renda |
| PROPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| RTID | Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território |
| SDA | Secretaria de Desenvolvimento Agrário |
| Seduc | Secretaria da Educação e Cultura do Ceará |
| Seplag | Secretaria de Planejamento e Gestão do Estado do Ceará |
| Seppir | Secretaria de Promoção de Políticas Públicas para a Igualdade Racial |
| STF | Superior Tribunal Federal |
| SUS | Sistema Único de Saúde |

| | |
|--------|---|
| TCC | Trabalho de Conclusão do Curso |
| UECE | Universidade Estadual do Ceará |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UFPI | Universidade Federal do Piauí |
| Unilab | Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira |
| Unicef | Fundo das Nações Unidas para a Infância |
| URCA | Universidade Regional do Cariri |

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 | AS MOTIVAÇÕES E INTERESSES DO ESTUDO: UMA EXPERIÊNCIA QUE SE ENTRELAÇA À HISTÓRIA DE VIDA PESSOAL, PROFISSIONAL E ACADÊMICA | 19 |
| 2.1 | AVÓ QUIQUIU, UMA HERANÇA ANCESTRAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: UMA MULHER QUE FOI CAPAZ DE INSPIRAR UM CAMINHO POSSÍVEL ATÉ A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO VEIGA..... | 19 |
| 2.2 | A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: UMA LUTA PELA INCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE | 22 |
| 2.3 | DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA INCLUSÃO QUE SE FAZ NECESSÁRIA | 25 |
| 3 | SITUANDO OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA | 27 |
| 3.1 | DESDOBRAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA | 27 |
| 3.2 | APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA..... | 29 |
| 3.3 | QUEM SÃO ELES(AS) NA PESQUISA | 40 |
| 3.3.1 | Perfil socioeconômico | 45 |
| 4 | OS SABERES ANCESTRAIS QUILOMBOLAS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS: UMA TÉCNICA PASSADA ENTRE GERAÇÕES COMO UMA FORMA DE MANTER VIVAS A MEMÓRIA E A TRADIÇÃO | 55 |
| 4.1 | A SABEDORIA ANCESTRAL E SUA CONEXÃO COM O MEIO AMBIENTE E AS SEMENTES CRIOULAS: UMA FORMA DE APRENDIZADO QUE ESTABELECE A LIGAÇÃO ENTRE O SER HUMANO, O UNIVERSO, O MEIO AMBIENTE E O TRANSCENDENTAL . | 55 |
| 4.2 | A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS DEBULHAS DE FEIJÃO: UMA FORMA LÚDICA DE RESGATE DA MEMÓRIA DOS ANCESTRAIS..... | 62 |
| 4.3 | AS 12 SEMENTES CRIOULAS E A DANÇA DE SÃO GONÇALO: UMA EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA DE FÉ E CURA | 68 |
| 5 | OS SABERES ANCESTRAIS DO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS COMO AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL QUILOMBOLA | 79 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 5.1 | OS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS E SUA RELAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIOCULTURAL NO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS | 79 |
| 5.2 | SEMENTES CRIOULAS E AGRICULTURA FAMILIAR: UMA TÉCNICA DE PRESERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PLANETA E DAS FUTURAS GERAÇÕES..... | 95 |
| 5.3 | AS AMEAÇAS ENFRENTADAS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARA MANTER VIVA A TRADIÇÃO DO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS | 102 |
| 6 | CONSIDERAÇÕES..... | 109 |
| | REFERÊNCIAS | 113 |
| | APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 118 |
| | APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 122 |
| | APÊNDICE C – INSTRUMENTAL DE TABULAÇÃO – PERFIL SOCIOECONÔMICO | 124 |
| | ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP (APROVADO). | 128 |
| | ANEXO B – DECLARAÇÕES DE REVISÃO VERNACULAR E DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA | 133 |

1 INTRODUÇÃO

A relação de conhecimento do homem africano e dos povos quilombolas estabelece a referência à ancestralidade como campo dos saberes, da oralidade, do sobrenatural, dos rituais de passagem, da afirmação e da construção da identidade coletiva, ou seja, um elo de conhecimento que se perpetua para as gerações subseqüentes, cuja base maior é deixar vivos a tradição e o legado cultural desses povos, como o cultivo de sementes crioulas.

Assim, as populações tradicionais são as grandes responsáveis por preservar técnicas e meios de cultivo, a exemplo das sementes crioulas. Constantemente ameaçadas pelo agronegócio, as sementes crioulas são de grande importância para a preservação de aspectos biológicos e sociais. Os cultivos com sementes crioulas contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, ambientalmente equilibrada, além da preservação da memória e identidade cultural.

Todavia, apesar da relevância das sementes crioulas para um meio ambiente equilibrado, as multinacionais a serviço do grande capital estão intervindo com tecnologia de ponta, utilizando-se da biotecnologia e da manipulação da genética das sementes híbridas, transgênicas e orgânicas, na perspectiva de fins comerciais e patenteamento das espécies. Neste contexto, temos a própria substituição do cultivo das sementes crioulas pelo cultivo de sementes híbridas e transgênicas e do conseqüente uso desenfreado de agrotóxicos, fertilizantes e pesticidas artificiais na agricultura, levando os vários conhecimentos e técnicas das comunidades tradicionais a se perderem, a se tornarem excluídos ou dependentes das novas tecnologias.

É nesse cenário que a população do campo e as comunidades tradicionais passam a ser os mais prejudicados, em que os conflitos no campo se destacam pela acumulação das terras nas mãos de grandes empresários e latifundiários e em que há as migrações constantes de indivíduos da região Norte e Nordeste para áreas rurais escravizadas, a marginalização e o preconceito das técnicas tradicionais, vistas pelo mercado capitalista como de menor valor, daí incompatíveis aos ideais de progresso e desenvolvimento (FIGUEIREDO; BARBOSA; PINHEIRO, 2013).

Somada a essas questões, destaca-se ainda a realidade de exclusão social vivenciada pelas comunidades quilombolas, que buscam o reconhecimento de seus territórios, história, cultura e ancestralidade. Esses povos têm uma história de resistência e luta trazida

pelas raízes africanas, sendo até hoje esse legado cultural mal interpretado pela sociedade, o que coloca em risco a própria tradição e memória cultural.

O próprio entendimento da identidade quilombola é confuso na sociedade até hoje, século XXI. As pessoas só os veem à margem daquele povo “escravizado”, como se não fizessem parte da sociedade, como aqueles que ficaram no passado, como se não fizessem parte do Brasil. A não compreensão dessa história fragiliza, muitas vezes, a luta desse povo, visto que suas reivindicações não são prioridades na agenda do governo e das políticas públicas; quando há alguma iniciativa, ocorre de forma pontual e/ou fragmentada.

Cabe destacar que a titulação do território é de suma importância para esses povos, uma vez que estão neste solo sagrado há mais de um século, sendo neste solo que continuam a semear as diversas sementes crioulas, visando à manutenção de sua vida e a dos que estão ao seu redor. É também uma forma de manter vivos e atuantes seus costumes e tradições, como a dança de São Gonçalo, transmitidos com a simbologia das 12 sementes crioulas, que representam a vida, o conhecimento, a oralidade, que serão perpetuados pelas próximas gerações como continuidade da existência quilombola.

Assim, não há como negar que a luta e a resistência pela terra e o território das comunidades quilombolas se refletem como as condições de permanecer nesses espaços, como uma ferramenta de luta para a garantia de seus direitos e para manter vivas suas tradições e a memória de seus ancestrais, do direito de permanecer cultivando suas sementes crioulas.

Logo, é um dever da sociedade brasileira e do poder público reverem esse passado marcado pela violação de direitos, sendo essa uma marca da escravidão e dos estereótipos preconceituosos em torno da imagem dos negros e afrodescendentes, da sua cultura e dos ensinamentos de seus ancestrais. Essas violações têm suas raízes fincadas no passado escravocrata pelo qual a população negra foi obrigada a passar.

Diante disso, compreender as questões étnico-raciais é de fundamental importância para desconstruir ideias e valores que, muitas vezes, inferiorizam e não respeitam a cultura e os costumes das comunidades tradicionais. Deparamo-nos diariamente com a desvalorização e o desrespeito aos povos negros e afrodescendentes, os quais têm sua cultura, ancestralidade e história carregadas de juízos de valor que tendem a diminuí-los e inferiorizá-los. A imagem que perpassa pela população de matriz africana é aquela associada ao modelo de “escravidão”, já os quilombos são vistos como recintos de indivíduos marginais, espaços vinculados ao passado, que abrigam sujeitos “foragidos” que habitam nas florestas, isolados do resto da sociedade. A essa imagem se somam também os estereótipos que colocam os quilombolas como violentos, bandidos, preguiçosos, malandros, dentre outros.

Sendo assim, é preciso reeditar e legitimar a história quilombola, negada e camuflada ao longo dos processos históricos. É preciso reconstruir uma imagem positiva dessa história e desconstruir as visões ocidentais e eurocêntricas de uma cultura quilombola tachada como inferior e selvagem, daí a importância de situar esses sujeitos como protagonistas de sua própria história e validar suas diásporas no mundo.

Faz-se mister realçar que foi exatamente pelos laços coletivos instituídos no quilombo que a memória e a cultura dos africanos se mantiveram vivas. Pode-se observar isso nos laços de amizades e pertencimentos desse povo, revelados em suas expressões culturais, religiosas, artísticas, gastronômicas, bem como no cuidado com a terra e com a agricultura e no culto aos seus ancestrais, sendo estas repassadas entre gerações.

O cultivo de sementes crioulas ocorre até hoje em um contexto de luta dos povos quilombolas para manter viva essa tradição herdada pelas raízes ancestrais, somada à própria luta pela titulação da terra e do território. Os interesses econômicos capitalistas visam à lucratividade desses territórios, à exploração das terras e dos recursos naturais, representando relações conflituosas de interesses, sendo alvos de disputas territoriais, mortes, ameaças e morosidade do poder público e da justiça em reconhecer as terras e sua titularidade aos povos quilombolas.

Dito isso, fica patente a relevância deste estudo para dar visibilidade ao quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará, e socializar seus saberes, a relação com o meio ambiente e o cultivo das sementes crioulas. Esses elementos se afiguram como os meus maiores incentivos, somados à trajetória de luta e resistência desse quilombo em querer manter vivos sua tradição, o amor à terra e a memória de seus ancestrais.

Desse modo, justifica-se este estudo motivado pelo meu desejo de aprofundar os conhecimentos sobre a cultura dos africanos e seus descendentes quilombolas, posto que é preciso desconstruir as falas históricas à moda eurocêntrica que foram contadas e narradas de maneira equivocada, cheias de estereótipos e preconceitos acerca da cultura desses povos. Reeditar um novo olhar sobre esse passado – de quem eles(as) foram e dos ensinamentos de seus ancestrais – se legitima como uma possibilidade apontada para romper com as lacunas e vazios históricos que não os representam. Colocar os quilombolas como protagonistas principais da sua história é reeditar o que foi silenciado, enclausurado, e que precisa, portanto, chegar à sociedade, às instituições, ao ensino e à pesquisa.

Assim sendo, o reconhecimento das comunidades tradicionais quilombolas e da sua relação com o meio ambiente, especialmente dos cultivares de sementes crioulas, fere os próprios princípios de lucratividade e de consumo exacerbados do modelo capitalista.

Estabelece uma relação de manejo consciente, cujos ensinamentos repassados de uma geração à outra possibilitam a sustentabilidade ambiental, mantendo vivos os ensinamentos repassados por seus ancestrais. Daí surgiram as motivações em querer pesquisar, a partir das atividades do cultivo de sementes crioulas do quilombo Sítio Veiga em Quixadá, Ceará, como essas ações são socializadas, levando em consideração o lugar de vivência e os saberes repassados por seus ancestrais. Pretendo responder à seguinte pergunta de partida referente à pesquisa proposta: qual a relação entre os saberes ancestrais quilombolas e o cultivo de sementes crioulas para a preservação da identidade sociocultural e a sustentabilidade ambiental quilombola?

De modo interligado com a pergunta acima formulada, destaco o seguinte objetivo geral: analisar como o cultivo de sementes crioulas contribui para a preservação da identidade sociocultural e a sustentabilidade ambiental quilombola na comunidade Sítio Veiga em Quixadá, Ceará.

Para construir o caminho da pesquisa com a finalidade de alcançar o objetivo geral, formulei os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como os ancestrais quilombolas cultivavam as sementes crioulas e socializavam esses conhecimentos às gerações subsequentes.
- Verificar os principais impactos dos ensinamentos dos ancestrais sobre as sementes crioulas na manutenção da preservação e sustentabilidade ambiental.
- Identificar as principais dificuldades encontradas pelas famílias quilombolas em manter viva a tradição do cultivo de sementes crioulas, repassada por seus ancestrais.
- Entender como as técnicas de manejo dessas sementes são produzidas e organizadas pelas famílias.

Dessa forma, esta dissertação se divide em seis seções. A primeira, esta “Introdução”, contextualiza e problematiza as questões relacionadas aos conhecimentos ancestrais e ao cultivo de sementes crioulas, bem como apresenta as justificativas da pesquisa e seus objetivos.

A segunda, intitulada “As motivações e interesses do estudo: uma experiência que se entrelaça à história de vida pessoal, profissional e acadêmica”, faz referência à minha trajetória pessoal com minha avó indígena, Quiquiu, cuja influência norteou minhas escolhas profissionais e acadêmicas (como assistente social).

A terceira, intitulada “Situando os aspectos metodológicos da pesquisa”, apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa, retratando as primeiras aproximações com o objeto de estudo, a delimitação do campo de pesquisa, a experiência do campo e os sujeitos sociais da pesquisa.

A quarta, intitulada “Os saberes ancestrais quilombolas e o cultivo de sementes crioulas: uma técnica passada entre gerações como uma forma de manter vivas a memória e a tradição”. Esta seção apresenta discussões acerca das categorias ancestralidade quilombola e sementes crioulas, as quais serão abordadas e intercaladas com os resultados da pesquisa de campo e as vivências encontradas nas narrativas dos(as) entrevistados(as) e de alguns achados de produções acadêmicas e literaturas encontradas no quilombo. Para tanto, será dividida em três tópicos: o primeiro volta-se às discussões em torno dos saberes ancestrais e sua relação com o meio ambiente e as sementes crioulas na preservação da identidade quilombola; o segundo aborda a concepção acerca do cultivo de sementes crioulas através da experiência da adolescente quilombola Rádlei Eugenio Dóroth e sua obra *Contos de antigamente*, em que serão enfatizadas essas narrativas através das histórias contadas por seus ancestrais nas debulhas de feijão; o terceiro amplia a discussão sobre os conhecimentos ancestrais, com foco na experiência de vida pessoal da quilombola Ana Maria Eugenio, acometida por um câncer de mama, cuja referência para a superação da doença remete aos conhecimentos ancestrais quilombolas, especificamente à dança de São Gonçalo e às 12 sementes crioulas, presentes durante toda a sua fase de tratamento.

A quinta, intitulada “Os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas como afirmação da identidade sociocultural e sustentabilidade ambiental quilombola”, trata das categorias identidade e quilombo e das formas de construção coletiva a partir dos conhecimentos dos seus ancestrais e do cultivo de sementes crioulas. Logo, esta seção divide-se em três tópicos, em que o primeiro situa a formação da identidade quilombola a partir dos territórios ancestrais e do cultivo de sementes crioulas, as formas de organização econômica, política e social desse cultivo; o segundo versa sobre as sementes crioulas e a agricultura familiar, articulando esta discussão com a preservação e a sustentabilidade; e o terceiro debruça-se sobre as ameaças que sofrem as comunidades tradicionais para manter viva a tradição do cultivo de sementes crioulas.

Por fim, as “Considerações”, onde situo os resultados da pesquisa de campo, destacando os aspectos positivos com relação aos conhecimentos ancestrais e ao cultivo de sementes crioulas. São considerados ainda os aspectos negativos quanto às dificuldades da comunidade quilombola Sítio Veiga para manter viva e atuante essa tradição, em razão das limitações da posse da terra e da indústria do veneno.

2 AS MOTIVAÇÕES E INTERESSES DO ESTUDO: UMA EXPERIÊNCIA QUE SE ENTRELAÇA À HISTÓRIA DE VIDA PESSOAL, PROFISSIONAL E ACADÊMICA

Nesta seção, objetivo apresentar as motivações que me levaram à escolha do estudo em questão, em que trago um pouco da minha trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica como assistente social, destacando especialmente a influência da minha avó paterna indígena (avó Quiquiu), que foi fundamental aos meus compromissos frente às questões ambientais e étnico-raciais, assim como a identificação com a comunidade quilombola Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará.

2.1 AVÓ QUIQUIU, UMA HERANÇA ANCESTRAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS: UMA MULHER QUE FOI CAPAZ DE INSPIRAR UM CAMINHO POSSÍVEL ATÉ A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÍTIO VEIGA

As motivações que nortearam este estudo surgiram na minha vida desde a mais tenra idade, cuja influência inicial parte da miscigenação que dá origem à árvore genealógica da minha família, que relaciona índios, negros e brancos italianos, tornando-se esta relação fundamental para fazer uma leitura crítica das questões étnico-raciais e ambientais e definir a minha escolha profissional como assistente social e estudiosa dessas áreas.

Sou neta e descendente de índia(o). Minha avó se chama Maria Marques da Cunha, mais conhecida como avó Quiquiu, mãe do meu pai, Nildo Nicácio da Cunha (Borginho). Essa mulher é a minha avó e ancestral, cuja referência é positiva em minha vida. Reafirmo que tenho profundo orgulho dela, a qual foi a grande inspiradora deste estudo, pois relembrar a sua história é ir ao encontro de meu passado, nitidamente ligado às questões ambientais e étnico-raciais. Falo aqui de uma mulher de hábitos das comunidades tradicionais indígenas, fortemente conectada ao meio ambiente, à terra, ao mato, às ervas, à agricultura e à pescaria. Ela é de origem dos índios da nação Potiguara¹, que habitavam a orla entre o Rio Grande do Norte e a Paraíba e fizeram morada na praia de Rio do Fogo, lugar onde minha avó nasceu e viveu até sua morte.

¹ “[...] Os homens Potiguara costumavam perfurar o lábio inferior, durante a puberdade, por onde transpassavam ossos, pedras ou madeiras, às vezes também perfuravam as faces e orelhas para o mesmo fim; pintavam várias partes do corpo com desenhos e cores diversas, a predominar o negro, do suco de jenipapo, e o vermelho, extraído do urucum; utilizavam enfeites de plumas coloridas pelo corpo e cabelos, cordões de contas naturais e braceletes. Sua disposição física, com pouca sujeição às suas doenças e defeitos físicos, sempre foi vista com interesse pelos cronistas que ressaltavam a vivacidade das crianças, a formosura das mulheres e a longevidade dos homens” (LOPES, 1998, p. 49-50 *apud* ARAÚJO JÚNIOR, 2013, p. 3).

Durante toda a sua vida, minha avó foi vista como uma mulher feia por ter aparência indígena. As pessoas chamavam-na de mal-educada, sem cultura, ignorante, obscena, indecente, imoral ou, como falavam repetidamente, “encardida”², dentre outros estereótipos. Apesar desses olhares de reprovação, minha avó sempre perpetuou os seus hábitos nativos, a começar pelo seu corpo, pois nunca cresceu cabelos que fossem fora da sua cabeça; a pele era sempre lisinha, talvez porque, segundo relatos históricos, já existia o ritual da cultura de se arrancar os pelos das crianças logo que nascessem.

Minha avó odiava usar sapatos, por isso estava sempre descalça. Adorava ficar nua, sendo normal esse hábito na maior parte do tempo, além de fumar cachimbo e mascar fumo. O contato com a natureza era privilégio da praia onde morava, conservando o hábito de se refugiar nos matos em busca de suas ervas, que usava como remédio, para banhos de limpeza, etc. Ela também tinha o hábito de pescar, sendo a pescaria e a coleta de marisco os principais destaques de seus familiares, o que contribuiu para que todos os seus filhos se tornassem pescadores, assim como as várias gerações que a sucederam até hoje. Ela também só se alimentava com as mãos, repassando esses costumes entre gerações. Logo, ela nunca mudou o seu jeito de ser. Nunca precisou se adaptar a outra cultura que não fosse a sua e todos que adentravam em sua casa encontravam um cenário humilde, com uma casinha de barro revestida com palha, redes por toda parte, o fogão a lenha, as panelas de barro ou de alumínio pretas de cinza, onde ela fazia a tradicional tapioca ou beiju, servida com o peixe que era pescado por ela ou meu avô, além de uma deliciosa cocada, servida nas quengas de coco, que, por sinal, eram maravilhosas e tinham um sabor inigualável.

Logo, ir ao encontro da memória da minha avó talvez tenha sido a experiência de maior apreço, o que me faz recordar das minhas melhores lembranças de menina, visto que a imaginação flui ao rememorar os vários momentos com ela, em que o prazer e a alegria eram enormes, pois me sentia livre. O contato com ela me aproxima do meio ambiente, lugar sagrado para ela e de grandes aprendizados para mim, mas o movimento contrário era sempre tenso, pois trazê-la até o meu hábitat era bem diferente. Apesar dos meus então 6 – 8 anos, lembro-me de quando o meu pai levava minha avó para a cidade de Natal, lugar onde morávamos. Era horrível o olhar das pessoas quando nos viam na companhia dela; a reprovação era enorme, principalmente quando a levávamos para realizar algumas consultas médicas. Chamavam-na de velha, suja e doída, por ela ir às consultas sem sapatos. A própria cor da pele e os traços étnicos bem característicos eram alvos constantes de discriminações, principalmente ao se deslocar pela

² Segundo o *Dicionário On-line Português* (2019), “encardida” é o feminino de encardido, o mesmo que suja, imunda, ameaçadora.

cidade, lugar onde ela ficava enjoada e estranhava os ônibus, as ruas, os barulhos e as pessoas que lhe olhavam de forma preconceituosa. A sensação que ela demonstrava era algo semelhante ao sentir-se presa, enclausurada. Assim, ela sofria muito longe do seu paraíso natural, da sua casinha fria de barro e palha.

Apesar de todo o preconceito, minha avó nunca se intimidou com os olhares de negação de sua cultura. Era uma mulher muito forte e tinha sempre uma resposta na ponta da língua para quem a olhava com discriminação. Não aguentava desaforo e muito menos que zombassem dela. Era guerreira, atrevida e se defendia fosse fisicamente, com briga corporal, ou oralmente, com uma resposta à altura do preconceito. Fomos desde pequenos educados a amá-la, respeitá-la e aceitá-la, tendo muito orgulho de nossas raízes.

Tudo isso me faz lembrar do amor incondicional do meu pai por minha avó. Ele sempre se orgulhou dela, nunca impôs nada a ela que a desagradasse, apesar de suas tentativas em querer proporcioná-la melhores condições habitacionais, o que ela nunca quis, visto que talvez o que representasse conforto para ele fosse para ela uma forma de perder seus costumes, a aproximação com seus ancestrais, sua cultura. Lembro-me nitidamente dela dizendo que gostava da casinha daquele jeito, que achava a casa fresquinha, pois era muito ventilada, uma vez que não existia porta, apenas um enorme buraco à frente e atrás da casa, as quais eram fechadas apenas à noite, com uma espécie de escoras de palhas de coqueiro para garantir a ventilação. Ela não tinha ambição nenhuma e tudo que tinha compartilhava e dividia com todos(as), fossem de sua família, vizinhos ou até pessoas desconhecidas que estivessem necessitadas. Logo, as marcas da generosidade, a liberdade e não apego às coisas materiais eram os traços mais característicos de sua personalidade.

Fomos educados a respeitá-la e a nos adaptarmos aos seus hábitos. Quando viajávamos para visitá-la, dormíamos nas redes ou nas camas improvisadas por ela com um colchão de palha, comíamos no chão forrado com uma espécie de esteira de palha e íamos todos os dias para o rio na companhia dela. Ela aproveitava e colocava uma espécie de turbante na cabeça com uma enorme bacia carregada de louças e uma trouxa de roupa na cintura. Nisso, ela ficava nua sem nenhum constrangimento, fazendo seus afazeres, depois reservava um tempo para brincar com os netos e outras crianças, quando tínhamos experiências muito próximas de seus hábitos nativos. Eram momentos mágicos, cheios de contações de histórias, comidas feitas por ela na beira do rio, frutas colhidas, ervas que íamos caçar no mato ao lado dela, quem nos ensinava pacientemente suas propriedades (falava de cada espécie e para que servia cada uma; não podíamos tirar as frutas verdes, só as maduras), daí advêm os cuidados com o meio ambiente que já trago das raízes de seus ensinamentos,

representando bandeira de luta para mim o cuidado ambiental apreendido. Dentre aquelas doces lembranças, a mais marcante e inesquecível é aquela da minha avó nua, fumando o seu cachimbo com um olhar bem distante, como se estivesse conectada à natureza, comunicando-se com seus ancestrais, com os conhecimentos que lhe foram consagrados, com a responsabilidade firmada de repassar às próximas gerações seus aprendizados, o que acredito que, dentro de suas possibilidades, tenha conseguido sagrada e fielmente.

Como criança, fui uma das suas aprendizes; tive o privilégio de crescer e amadurecer, mas jamais de me esquecer dos ensinamentos deixados por ela, de valorizar sua memória e de amar a minha querida ancestral, avó Quiquiu.

2.2 A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL: UMA LUTA PELA INCLUSÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE

E foi pelas razões da história de luta da minha avó que ingressei no curso de Serviço Social, para trabalhar as questões sociais que permearam a minha trajetória de vida com a minha família, em especial as minhas raízes étnico-raciais. As questões étnico-raciais e ambientais ainda são pouco estudadas no curso de Serviço Social, precisando os profissionais oriundos deste curso ampliar seus estudos e leituras sobre essas questões, até porque a população afrodescendente se legitima como seus maiores usuários em potencial e suas demandas são reflexos das desigualdades, racismo e exclusão social.

Como mencionado acima, na minha trajetória profissional tanto as questões ambientais como as étnico-raciais estiveram presentes quase que conjuntamente, porém é importante ressaltar que as questões étnico-raciais sofreram influências muito positivas por parte da minha professora, Maria Zelma de Araújo Madeira³. Ela esteve presente em minha vida desde o meu ingresso na Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 1996, sendo minha professora e orientadora na graduação e pós-graduação. Trabalhamos juntas ao longo de cinco anos na Prefeitura Municipal de Fortaleza no Projeto de Assistência Técnica ao Programa de

³ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestra em Sociologia do Desenvolvimento também pela UFC e graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Coordenadora estadual de Políticas Públicas para a Promoção da Igualdade Racial do Ceará desde 2015. Professora do curso de Serviço Social da UECE. Professora do mestrado em Serviço Social, Trabalho e Questão Social. Coordenadora do Laboratório de Afro-Brasildade, Gênero e Família (Nuafro) da UECE. Líder do grupo de pesquisa Relações Étnico-Raciais: Cultura e Sociedade da UECE. Tem experiência na área de Sociologia, Serviço Social, atuando principalmente nos seguintes temas: família, gênero, relações étnico-raciais, políticas sociais, políticas de assistência social, cultura e religião de matriz africana.

Saneamento para Populações em Áreas de Baixa Renda (Prosanear)⁴ e nas ações de educação ambiental vinculadas a esse projeto. Logo, nossas vidas foram marcadas por momentos de profundas discussões sobre as relações de gênero, especialmente trazendo essas discussões com recortes étnico-raciais, direcionando o meu olhar a perceber elementos peculiares da discriminação, preconceito, violência, exclusão social, dentre outros elementos quando se trata do(a) negro(a) e da sua cultura na sociedade brasileira, influenciando, assim, minha luta em ocupar espaços profissionais capazes de trazer algumas mudanças possíveis para incluir a população afro-brasileira no campo dos serviços socioassistenciais e nas políticas públicas afirmativas, passando essas ações a permear o meu cotidiano como assistente social.

Os resultados dessa experiência me levaram a querer aprofundar os meus estudos nessa área e a realizar a minha primeira especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Sociais pela UECE, repercutindo na elaboração do meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), intitulado *Saneamento básico e meio ambiente: uma análise do saneamento básico integrando escola e comunidade através da educação ambiental no bairro João XXIII-CE*.

A minha segunda especialização foi em Gerontologia (Estudo do Envelhecimento), na qual trouxe à tona, consciente ou inconscientemente, a minha preocupação com a ancestralidade. Essa experiência faz parte de uma longa trajetória profissional com as pessoas idosas, especialmente aquelas vítimas de violência, o que remete a refletir que a violação de direito desses sujeitos sociais depende das heranças ancestrais e das culturas que engendram. Em algumas sociedades, as pessoas idosas são exaltadas, ocupando lugar de destaque, tendo respeitados seus saberes e conhecimentos. Já em outras sociedades, quando os idosos perdem seu vigor físico e capacidade laboral, são excluídos perante a sociedade, sendo, não raro, alvos das mais variadas violências. Assim, dessa relação elaborei a minha monografia, intitulada: *As diversas facetas da violência e suas implicações na vida do idoso*, apresentada à Faculdade Ateneu (FATE) em 2013.

Atualmente o estudo em questão tem como maior incentivo a trajetória de luta do quilombo Sítio Veiga, localizado em Quixadá-CE, cidade em que já trabalhei (2010-2012), deixando-me influenciar pela identificação com essas famílias no tocante aos problemas não só ambientais como étnico-raciais, pois, como falado anteriormente, trago sangue de ancestralidade das comunidades tradicionais, daí meu interesse em aprofundar essas questões no contextos das comunidades quilombolas.

⁴ O Prosanear foi implantado no município de Fortaleza para atender às famílias de baixa renda, cuja oferta de serviços prioriza obras de implantação de saneamento básico, ações de educação ambiental e acompanhamento social das famílias contempladas.

Logo, situar o quilombo Sítio Veiga nesta discussão traz à tona a própria questão social, posto que as comunidades remanescentes de quilombos vivenciam cotidianamente as expressões do modelo ideológico dominante, o qual tem forte influência nas relações econômicas, sociais e culturais, levando essas comunidades a não concorrerem em pé de igualdade nos processos produtivos de produção agrícola no que tange às sementes crioulas se comparadas com aquelas produzidas pelo agronegócio, o que compromete significativamente os conhecimentos repassados por seus ancestrais, cujo cuidado e amor à terra são os elementos fundamentais no cultivo dessas sementes crioulas e na preservação e sustentabilidade ambiental, elementos estes que nortearam a minha decisão pelo Sítio Veiga como campo de estudo.

Dito isso, justifica-se a minha trajetória profissional de luta pelas questões ambientais e étnico-raciais, sempre voltada à garantia de inclusão social desses sujeitos sociais. Assim, quando me desliguei do município de Quixadá-CE e recebi o convite para trabalhar no município de São Luís do Curu-CE (2011-2014), pude de fato concretizar metas e ações para além da dimensão teórica, abrangendo realizações e conquistas das ações que me foram designadas ao conjunto de responsabilidades do Selo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) nesse município. Passei a articular as questões ambientais do semiárido brasileiro e étnico-raciais no campo das políticas públicas, com mobilização envolvendo todas as instituições locais, com a participação de setores da sociedade civil, conselhos municipais, compreendendo as ações de promoção de igualdade racial, na perspectiva da Lei nº 10.639/2003, e a implantação do Conselho Municipal de Igualdade Racial (Compir), o que me levou inicialmente a fazer parte do referido conselho e posteriormente a ser eleita como sua presidente, sendo esta uma das minhas grandes conquistas pela luta e legitimação das políticas públicas e afirmativas nessa área.

Saindo de São Luís do Curu-CE, fui contratada para trabalhar no município de Miraíma-CE (2014-2016), em que foram priorizadas e fortalecidas ainda mais as ações anteriores, destacando-se esse município como ganhador da premiação e certificação do Selo Unicef (edição: 2013-2016). Nessa edição, foram priorizadas diversas ações de sensibilização, mobilização e estratégias de promoção de igualdade racial e educação ambiental implantadas nas escolas dos municípios (campanhas, palestras, oficinas, gincanas, etc.), o que contribuiu para a articulação da atuação dos conselhos municipais e para a parceria da sociedade civil nos processos de tomadas de decisão das políticas públicas na área acima mencionada. Tais ações foram fundamentais para a formação de multiplicadores sociais, despertando a reflexão da consciência e o protagonismo em torno das questões ambientais e étnico-raciais, ampliando novos olhares sobre essas questões e suscitando significativas mudanças de valores.

2.3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA INCLUSÃO QUE SE FAZ NECESSÁRIA

Somando-se à trajetória de atuação nos municípios acima destacados, não poderia deixar de mencionar que lecionei a disciplina Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira em algumas faculdades junto ao curso de Serviço Social, Psicologia e Optometria na cidade de Fortaleza-CE (2013-2018). A experiência como docente foi um grande desafio frente à visão já introjetada da história da África narrada pelo olhar eurocêntrico e embutida nos ensinamentos e grades curriculares anteriores à Lei nº 10.639/2003, visões essas cheias de estereótipos e preconceitos acerca da população negra e das comunidades tradicionais. O grande desafio era desconstruir o olhar superficial que alguns dos meus alunos já carregavam e reproduziam de forma bastante preconceituosa e racista sobre esses povos e comunidades, legitimando em seus comportamentos a ideia de superioridade e inferioridade entre brancos e negros, sendo encarada em seus discursos como “normal” a tal “superioridade racial”.

Dessa realidade foram surgindo meus desafios em sala de aula. Para o grupo de discentes com essa percepção, não deveria nem existir uma disciplina que tratasse especificamente da cultura e história africana e afrodescendente. Por considerarem desnecessária a disciplina na grade curricular de seus cursos, os discentes estabeleciam reações de resistência, como não priorizar essa disciplina como as demais, faltar às aulas e/ou realizar as tarefas solicitadas de maneira medíocre, permeada de juízos de valor, de modo incoerente com os conteúdos repassados em sala de aula, além de tecer críticas sem base teórica e científica, norteadas por percepções preconceituosas e estereotipadas, o que tende a “naturalizar” as desigualdades e sucessivamente a desvalorizar a cultura e história afro-brasileira.

Dito isso, não é tarefa fácil legitimar o que preceitua a Lei nº 10.639/2003. É um desafio constante para um educador comprometido com as questões étnico-raciais fazer valer as determinações atuais e desmistificar as bases curriculares anteriores à nova legislação. Trazer à tona essa nova história sobre a cultura africana é exatamente desmistificar o que nos foi negado, omitido e fundado em mentira narrada na perspectiva eurocêntrica. Daí surge o grande desafio de reescrever e falar o que não foi dito na íntegra, como afirma Domingos (2017, p. 196): “[...] África só existe a partir de uma biblioteca colonial por todo lado imiscuída, até no discurso que pretende refutá-la, a ponto de, em matéria de identidade, tradição ou autenticidade, ser impossível, ou pelo menos difícil, distinguir o original da sua cópia”.

É preciso, portanto, legitimar e reconstruir a história da África e dos afrodescendentes, dando respaldo e valorização aos seus ensinamentos e legado cultural, à

memória de seus ancestrais, à sua relação com o meio ambiente, com a terra e com suas expressões culturais. Faz-se mister reconstruir uma imagem positiva dessa história e desconstruir as visões ocidentais e eurocêntricas de uma África e cultura afro-brasileira sem cultura, inferior e selvagem. Nessa esteira, faz-se mais que necessário situar as comunidades tradicionais e todos os povos afro-brasileiros como protagonistas de sua própria história e da afirmação de suas diásporas no mundo.

Assim, situar o curso de Serviço Social dentro dessas discussões se faz de extrema importância para melhorar e ampliar a oferta de serviços dentro das instituições, programas e projetos que trabalham na elaboração e efetivação de políticas públicas, especificamente no âmbito das ações afirmativas, cujo objetivo maior é reverter o quadro histórico dos quais tais sujeitos foram e ainda são privados e excluídos – a população afrodescendente e as comunidade tradicionais.

Nesse sentido, fica patente a relevância desta pesquisa, que objetiva dar visibilidade ao quilombo Sítio Veiga, socializar seus saberes, a relação com o meio ambiente e o cultivo das sementes crioulas, somados à sua trajetória de luta e resistência em querer manter vivos sua tradição, o amor à terra e a memória de seus ancestrais.

3 SITUANDO OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, destaco o resultado da pesquisa de campo e as técnicas de coleta de dados utilizadas durante a realização da pesquisa, sendo empregados o método etnográfico, a observação participante, com ações de interação minhas, na condição de pesquisadora, com a vivência cotidiana dos(as) pesquisados(as) e a entrevista semiestruturada contendo perguntas abertas, o que contribuiu para uma melhor análise do estudo. Recorri ainda à pesquisa documental de alguns registros em torno do quilombo Sítio Veiga, em que efetivei a análise desse acesso e sua contribuição na construção do estudo.

3.1 DESDOBRAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, a qual, segundo Minayo (2009, p. 21), “[...] trabalha com o universo de significado, dos motivos, das inspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A referida autora enfatiza que esse tipo de abordagem é utilizado quando se busca compreender um determinado fenômeno na perspectiva dos indivíduos que o vivenciam. O estudo recorreu ainda à modalidade e revisão de literatura com análise bibliográfica, descrição etnográfica de observação participante *in loco*.

Os referidos métodos escolhidos se complementam nesta pesquisa. Quanto ao método etnográfico, cabe a relevância de compreender a realidade social das comunidades tradicionais, suas condutas, expressões culturais, modos de ser e viver singulares, cujas descrições dos eventos e dos lugares por onde transitam precisam de olhar mais cuidadoso, muitas vezes silencioso do pesquisador. “[...] O enfoque etnográfico intenta descrever a totalidade de um fenômeno (grupo social, aulas, festas populares, etc.) em profundidade e em seu âmbito natural, compreendê-lo desde o ponto de vista dos que estão implicados nele [...]” (LÓPEZ, 1999, p. 46). Portanto, subsidiará a aproximação necessária com a comunidade Sítio Veiga, ao mesmo tempo que irá nos permitir descrever e experimentar suas experiências, pois “[...] Tal método permite experienciar a experiência deles, aprender deles e de suas experiências, explorar conceitos [...]” (LÓPEZ, 1999, p. 46).

Em se tratando da observação participante, a escolha ocorreu em função de minha aproximação e conhecimento ao quilombo em questão, o que facilitou o contato estabelecido com os sujeitos sociais e o levantamento dos dados coletados. Assim, tanto pela necessidade de não ser mera observadora como por querer interagir com esses sujeitos sociais e com a

cultura local, participei de suas vivências e experiências ativamente, o que me possibilitou articular ainda mais o método etnográfico consubstanciado com a observação participante.

O método etnográfico permite a aproximação e detecção que favorecem a coleta de dados nas respectivas fontes, utilizando os principais instrumentos como observação participante, os entrevistados, os documentos pessoais, com o propósito de proceder a investigar dados descritos, palavras escritas e/ou orais, em condutas observáveis dos populares participantes, de conhecer as pessoas e perceber como elas desenvolvem suas próprias definições. (LÓPEZ, 1999, p. 46).

Diante disso, no período de junho a agosto de 2019, iniciamos as primeiras coletas de pesquisa de campo na comunidade de quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, após aprovação, autorização e determinação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Parecer de Aprovação nº 3.422.994 – que envolve seres humanos. As coletas das informações foram registradas em diário de campo e gravações audiovisuais, devidamente autorizados pelos(as) participantes da pesquisa, de acordo com os preceitos da Resolução nº 466/2012, que trata e regulamenta as diretrizes e normas que envolvem pesquisas com seres humanos, contendo ainda um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido escrito e assinado pelos(as) participantes, que permitiram ser observados(as) e voluntariamente participaram da pesquisa.

É importante enfatizar que o contato estabelecido com a comunidade e as coletas de dados ocorreram em diversos momentos que não se limitaram ao *loco* da pesquisa, ocorrendo, quase que semanal ou quinzenalmente, ao longo desses 24 meses, tendo como suporte os recursos virtuais de comunicação, principalmente no período da pandemia da Covid-19, o que facilitou bastante a interação e coleta das informações.

A população entrevistada foi composta por um quantitativo de 15 quilombolas, todos(as) maiores de 18 anos, que residem e moram no quilombo e que trabalham ou têm conhecimento no cultivo de sementes crioulas, os(as) quais voluntariamente se dispuseram a responder à entrevista com perguntas previamente semiestruturadas. Garanti o anonimato dos(as) participantes e de suas respostas, tendo sido a amostra delas definida de acordo com a congruência ou coincidência de opiniões contidas nas falas dos(as) entrevistados(as). Elegi nomes fictícios para identificar os sujeitos da pesquisa, referentes às diversas variedades de sementes crioulas, a saber: 1. Milho Cateta; 2. Milho Ibra; 3. Milho Vermelho; 4. Feijão Roxo; 5. Feijão Pingo de Ouro; 6. Feijão Amarelo; 7. Feijão Sempre Roxo; 8. Feijão do Everardo; 9. Feijão Sempre-Verde, 10. Feijão Querentin; 11. Feijão-Manteiga; 12. Feijão Balinha; 13. Feijão-Macáçar; 14. Feijão-Fava; 15. Fava Espirito Santo.

Para garantir total anonimato, não mencionarei o sexo e a idade dos(as) entrevistados(as) de modo específico, visto a proximidade entre eles(as) e a possibilidade de identificá-los(as) dentro do quilombo, o que foi solicitado pelos sujeitos sociais da pesquisa.

Os caminhos propostos pela observação participante seguiram um roteiro previamente elaborado, todavia aberto, podendo ser readaptado de acordo com a dinâmica da realidade *in loco*, com um maior envolvimento da pesquisadora nas atividades do cultivo de sementes crioulas e nas demais atividades compartilhadas e vivenciadas na comunidade, tais como: ações inerentes ao plantio e colheita das sementes crioulas; os rituais e festas celebrados em torno desse cultivo; a participação nas reuniões de representação da associação comunitária em torno da organização social e econômica dessa atividade; as visitas domiciliares a fim de conhecer melhor alguns aspectos individuais e familiares dos(as) pesquisados(as) e atinentes às reminiscências das suas memórias em torno dos conhecimentos recebidos por seus ancestrais; o envolvimento em feiras e intercâmbios promovidos e articulados pelo quilombo e outras entidades em prol das trocas de experiências compartilhadas sobre as sementes crioulas.

Assim, dividi a entrevista semiestruturada em duas partes. Na primeira, elenco perguntas sobre o perfil socioeconômico (ver Apêndice B). Na segunda, trago um roteiro, com perguntas de ordem mais subjetiva, relacionando os conhecimentos ancestrais e o cultivo de sementes crioulas, atrelados à própria compreensão da identidade quilombola e sua organização política, econômica e social no que tange ao cultivo de sementes crioulas, sendo estes resultados articulados com a contribuição de alguns(mas) autores(as) para fundamentar as discussões teóricas (ver Apêndice B).

Portanto, fica patente a relevância do presente estudo, que ocorreu pela procura sistemática de narrativas que fossem capazes de desvelar os sentimentos internalizados desses sujeitos sociais pertinentes à própria identidade quilombola, ao reconhecimento de sua cultura e história e à continuidade de sua tradição, conhecimentos repassados pelos ancestrais às gerações subsequentes, deixando registradas significativas contribuições ao legado acadêmico.

3.2 APROXIMAÇÃO COM O CAMPO DE PESQUISA

Nessa primeira fase, o objetivo foi se aproximar mais da comunidade a ser pesquisada e sentir de perto o seu cotidiano, ouvindo e compartilhando suas experiências e aos poucos me fazendo conhecer por eles(as). Logo, a pesquisa aconteceu com o meu contato

direto com a comunidade e com o convite para ficar hospedada no próprio quilombo Sítio Veiga, sendo-me oferecido ficar na residência de uma família quilombola durante toda a fase da pesquisa. Assim, conhecer sua cultura de perto, a dinâmica familiar, a relação com a agricultura e os conhecimentos ancestrais repassados entre gerações foi essencial, posto que não realizei apenas uma mera coleta de dados, mas obtive a oportunidade de observar e ao mesmo tempo me inserir ativamente nesse processo.

O acolhimento no quilombo despertou-me o sentimento e a sensação de que estava relembrando parte das minhas raízes ancestrais (avó Quiquiú). Uma experiência capaz de resgatar e ressignificar a minha vida pessoal, ampliando o meu olhar sobre a pesquisa, pois, no fundo do meu interior, dos meus sentimentos, já pertencia àquela comunidade, em razão de minha história pessoal como descendente de escravos e índios e dos resquícios do preconceito e exclusão social tão presentes na história que demarcam nossas trajetórias de vida. Portanto, aproximar-me desses laços significou uma oportunidade de me compreender ainda mais nessas relações e rever minhas lutas nesse processo de inclusão social dessa população, dando voz e protagonismo a esses(as) sujeitos sociais na construção deste trabalho a partir deles e das raízes de suas histórias, as quais foram negadas e silenciadas ao longo dos processos históricos.

Dito isso, começarei dando sentido à descrição do campo pela experiência ao adentrar no local de estudo. O cenário é muito bonito ao chegar ao quilombo, o qual se localiza em região de serra e possui clima frio com muito vento; todas as casas são cercadas de uma vegetação extraordinária, cuja valorização do território e da natureza é muito forte, como veremos na Figura 1.

Figura 1 – Quilombo Sítio Veiga em Quixadá, Ceará



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Observei que os quintais da maioria das famílias são cobertos por uma vegetação de plantas e ervas medicinais (capim-cidreira, babosa, hortelã, capim-santo, malva, mastruz, etc.), que auxiliam no tratamento de várias doenças; por meio dessas plantas e ervas, é possível fazer garrafadas, chás, temperos para comida, dentre outros. Encontrei ainda nesses quintais uma variedade de legumes e frutas, como: mamão, banana, pimenta, coentro, urucum, entre outros. Os animais também estão por todas as partes das casas, circulam no ambiente familiar e interagem em seus cotidianos, ao mesmo tempo que se ligam às sementes crioulas, alimentando-se delas, os quais servem ainda de alimentação para o homem e para os animais, como as galinhas e os porcos.

Figura 2 – Quintal das casas com hortas naturais



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

A relação das sementes crioulas com as garrafas PET se faz presente nas casas do quilombo. Geralmente as sementes são armazenadas dentro de garrafas PET e de tambores de plástico ou ferro espalhados por todos os lugares das casas e quintais. Esse armazenamento serve para as atividades do roçado, alimentando as famílias e os animais, pensando-se principalmente no futuro das próximas gerações. Por ser um material de decomposição letal no meio ambiente, essas garrafas plásticas podem se manter intactas por séculos no meio ambiente, sendo sua reciclagem e reaproveitamento um benefício para o meio ambiente. Elas são reutilizadas mediante um processo fácil de lavagem e descontaminação, onde poderão ser armazenadas as sementes por muitos anos.

Figura 3 – Armazenamento das sementes crioulas nas casas quilombolas com garrafas PET



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Assim, aventurei-me a colocar a mão nas sementes crioulas e vivenciei a experiência de aprender não só a debulhar o feijão, diferenciando as espécies e sabores, mas também aprendi a fazer o colorau, sendo este um processo artesanal minucioso, cheio de detalhes, carinho e muita consciência ambiental.

No Sítio Veiga, os princípios de reaproveitamento estão em toda parte, a exemplo das sementes que ficam armazenadas nas garrafas PET reutilizadas, levando à redução do lixo e à diminuição de matérias-primas, muitas vezes, não renováveis. Logo, o reaproveitamento se complementa em quase todos os processos em que se faz o alimento, como no processo do colorau. O pé de urucum, árvore de onde se extrai a matéria-prima para fazer o colorau, encontra-se nos quintais da maioria das casas; o preparo requer todo um cuidado, respeitando o ciclo do plantio, o tempo certo da colheita e a dimensão da preservação ambiental.

Desse modo, para fazer o processo de transformação do urucum no colorau, começa-se pela água, que é reutilizada, saindo da pia e chegando ao pé de urucum, o que deixa claro que não existe desperdício de água no quilombo. Quando o urucum amadurece, está pronto para a colheita. Primeiro se tira o urucum das caixinhas, sacolejando, depois se retiram as sementes, que, em seguida, são colocadas ao fogo, utilizando-se a banha do porco, que, segundo os(as) entrevistados(as), é mais saudável, por ser de origem animal, sendo ainda reutilizada para fazer os toucinhos. Assim, quando as sementes estiverem estalando ao fogo, começam a soltar uma tinta vermelha das sementes no óleo. O segundo processo é colocar a farinha dentro da panela, que pode ser de mandioca ou milho (neste caso, foi usada a de

milho), daí se acrescenta uma pitada de sal e espera esfriar um pouco. A terceira e última etapa é pilar as sementes e peneirar, transformando-as em um pó fino, sendo esse processo totalmente natural ou “um parto natural”, como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

Aqui o colorau é natural, sem agrotóxico [...]. É um parto natural. Aqui ele tem o período certo da florada, vai amadurecer no tempo dele; quando está quase secando que retira do pé, porque, se você tirar do pé antes, se demorar demais a tirar do pé, ele acaba morrendo. É importante que você retire a carga, para que ele possa continuar vivendo e preparar para a próxima.

Vejamos abaixo as imagens que ilustram esse processo:

Figura 4 – Processo natural de transformação do urucum em colorau: derretimento ao fogo após a retirada das caixinhas (1ª etapa do processo)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Figura 5 – Farinha para pilar (2ª etapa do processo)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Figura 6 – Pilando o urucum e transformando em colorau (3ª etapa do processo)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Continuando a explorar o meu campo de pesquisa e os ensinamentos apreendidos, percebe-se que, de modo geral, o reaproveitar está presente em tudo, o que me levou a aprimorar ainda mais os meus dotes culinários. Dessa vez, o cardápio serviria para alimentar os porcos, que não faziam parte do nosso cardápio. Então, amanhecemos o dia debulhando o feijão e retirando as partes podres com gorgulho para acrescentar na feijoada dos porcos; juntamos as tripas do mamão⁵, com o qual inclusive fizemos um doce no dia anterior; acrescentamos a casca do jerimum, pedaços de sabugo de milho e dos miúdos do porco que não serviam para comer, surgindo dessa receita uma feijoada nutritiva, saborosa e natural para os porcos, que não foram para a panela nesse dia. Essa experiência mais uma vez contribuiu para perceber as formas de conscientização do reaproveitamento, do não desperdício, da riqueza de nutrientes que, por vezes, são desperdiçados quando não se tem essa compreensão. Uma experiência de cidadania que se coloca a favor do meio ambiente e de uma alimentação natural, nutritiva, como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

Então, eu acho o mais importante nessa relação é o que você reaproveita e o valor nutritivo para os porcos, que é feita aqui, que sai da nossa terra, do nosso território, por isso que é importante o território para nós, pois dá alimento não só para nós, como para os nossos animais, então tudo se aproveita. O doce que nós fizemos aqui, o jerimum que nós comemos no almoço, o milho que nós comemos ontem, tudo se reaproveita na feijoada para os porcos, altamente nutritiva e natural, onde mais adiante vão para a panela, pois são os porcos que criamos aqui, que matamos hoje, que são criados aqui, assim como a galinha que nós matamos também, então quem diz que o interior é ruim de viver está mentindo; duvido que você consiga fazer tudo isso na

⁵ Segundo Fava Espirito Santo (2019), as tripas do mamão seriam pequenas tirinhas ou fiapos da polpa do mamão que ficam soltas sobre as sementes.

cidade, então é muito trabalho, mas é um trabalho gostoso, que te deixa realizado, que é uma comida que é feita aqui, que está na nossa terra, no nosso território [...].

Figura 7 – Pesquisadora interagindo com o cotidiano familiar (alimentação reaproveitada para os porcos)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Não poderia deixar de registrar que na foto acima estou com uma touca de plástico na cabeça, o que destaca a experiência na parte da beleza também socializada no quilombo, cujo momento propiciou vivenciar com as mulheres quilombolas uma hidratação para o cabelo feita com babosa e mel, uma receitinha caseira e natural, com grandes benefícios para os cabelos, fortalecendo e ajudando no crescimento, tirando o ressecamento, dando brilho e maciez, dentre outros aspectos. Aqui a experiência se volta aos aspectos da vaidade, principalmente feminina, de como se manter bonita sem o uso de produtos químicos que agredem os cabelos, em detrimento dos produtos ofertados pela indústria do consumo, que deixa em último plano a saúde e a qualidade de vida das pessoas e do meio ambiente. Assim, pude perceber que é possível gastar pouco com alternativas naturais que estão geralmente perto da gente, dentro de nossas casas, nos quintais, nas feiras populares, o que deixa claro que essas alternativas são uma atitude de consciência ecológica e de preservação do meio ambiente.

Dos aspectos acima apreendidos não tenho como negar que existe por todos os lugares no quilombo uma relação muito forte que envolve as pessoas e o meio ambiente, fazendo com que tudo fique muito próximo, que se conecte, a exemplo do vento frio da noite, que parece falar durante a madrugada, despertando uma sensação sensível aos ouvidos para além da matéria e da vida urbana, possibilitando uma atenção especial aos aspectos

ambientais, capazes de fazer com que nos sintamos parte do universo e de todas as coisas, um sentimento de completude, de interligação. E tudo isso é muito diferente da vida urbana, que faz com que nos distanciem dos aspectos sensoriais, do contato com a natureza e – por que não dizer – dos nossos ancestrais, bem como de uma alimentação saudável e livre de veneno, tal como as sementes crioulas.

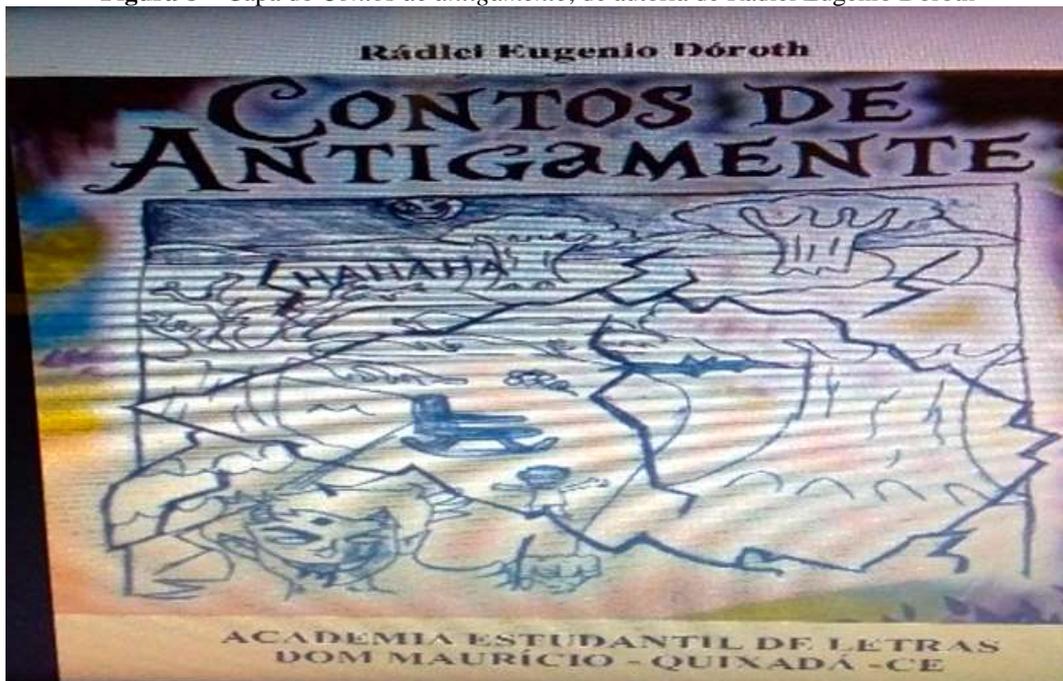
No Sítio Veiga, os ensinamentos sobre as sementes crioulas estabelecem uma interação com tudo em sua volta, presente nas vivências cotidianas, nas debulhas de feijão que ocorrem com as contações de histórias e nas conversas à noite. Durante a noite, as famílias ficam reunidas em torno das debulhas de feijão. Esses são momentos muito preciosos, por reunirem as diversas gerações do quilombo; os mais velhos, lembrando as memórias de seus antepassados, compartilham suas experiências diárias, as lutas, o cansaço, seus sonhos; as crianças e adolescentes aguardando que alguém conte as histórias antigas de assombração. Logo, eles(as) crescem escutando as histórias de seus(uas) ancestrais, perpetuando-se através da oralidade entre as gerações.

Os momentos acima explicitados são mágicos e criativos, em que as crianças desde muito cedo aprendem o ofício do cultivo de sementes crioulas; os dedinhos miúdos ajudam a debulhar o feijão, nas atividades diárias, cuja recompensa mais esperada é a contação de histórias narradas, como a famosa história da “Cruviana”⁶, contadas por tia Ana Eugenio, além dos *Contos de antigamente* da escritora adolescente quilombola do Sítio Veiga Rádlei Eugenio Dóroth, entre outras histórias, como: “A velha chata e o pé de pião-roxo”, “O alto da Pelelê”, “O cachorro que comia ata”, “O homem que não ia ao enterro até o fim”. Todas essas histórias foram apreendidas por seus ancestrais e repassadas entre as gerações, fazendo potencializar suas lembranças com a memória latente, trazendo à tona sua presença e a saudade dos que se foram, mas que se mantêm vivos nos contos narrados.

Sobre os aspectos mencionados, tive a honra de ser convidada pela mãe da autora Rádlei, Ana Eugenio, para participar da organização da segunda edição do livro *Contos de antigamente*, apresentado na XIII Bienal Internacional do Livro no Ceará, em 2019. Aqui o nosso interesse foi contribuir com a visibilidade da cultura quilombola nos espaços de produção de conhecimento, situando estes sujeitos sociais como produtores de seus saberes, dada a relevância deste trabalho e do conhecimento ancestral por ele apreendido.

⁶ A Cruviana é o vento forte que assobia durante a madrugada. A história sobre a Cruviana narrada por tia Ana Eugenio fala de um viajante que havia pedido abrigo no quilombo, quem foi alertado pelos moradores para ter cuidado com a Cruviana durante a madrugada. O viajante, porém, não sabia que a Cruviana era o vento, o que despertou muito medo nele, que passou a noite acordado e atento ao possível aparecimento da Cruviana, que ele achava que era um bicho grande e perigoso.

Figura 8 – Capa do *Contos de antigamente*, de autoria de Rádlei Eugenio Dóroth



Fonte: Cedida por Rádlei Eugenio Dóroth (2019).

Figura 9 – Apresentação do livro *Contos de antigamente* na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará



Fonte: Cedida por Rádlei Eugenio Dóroth (2019).

Dessa relação também fomos capazes de elaborar três artigos com a participação da estudante quilombola Ana Eugenio, o primeiro intitulado “Ana Maria Eugenio da Silva: uma quilombola que venceu o câncer escrevendo e dançando com São Gonçalo” (CUNHA; SILVA; VASCONCELOS, 2020), em que descrevemos a autobiografia de Ana Eugenio, destacando o processo da descoberta do câncer de mama, os impactos, as angústias, os medos

e as discriminações vivenciados por ela durante esse processo. O estudo situa ainda os aspectos socioculturais do quilombo, da dança de São Gonçalo e das 12 sementes crioulas utilizadas durante toda a fase de tratamento da enfermidade. O referido artigo foi aprovado pela *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, sendo publicado em abril de 2020.

O segundo artigo intitula-se “Casa de sementes Pai Xigano: um olhar para os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE” (CUNHA; VASCONCELOS; SILVA, 2019), que teve como objetivo fazer uma análise dos conhecimentos repassados pelos ancestrais quilombolas no cultivo de sementes e sua relação com a formação da identidade quilombola, atrelados à compreensão do território e do meio ambiente no quilombo Sítio Veiga. O referido texto foi aprovado pela revista *Cocar*, sendo publicado na edição de setembro a dezembro de 2019.

O terceiro artigo, com título “A cor da escravidão e do racismo no quilombo Sítio Veiga em Quixadá, Ceará” (CUNHA *et al.*, 2020), buscou compreender como foram construídos os estereótipos racistas a partir da escravidão dos povos africanos e suas diásporas no mundo, segundo os remanescentes quilombolas do Sítio Veiga. O referido texto é um recorte deste estudo que ora desenvolvo, dada a relevância dos diversos achados coletados nas discussões suscitadas ao longo da pesquisa. Encontramos algumas narrativas que situam as questões inerentes à própria identidade quilombola, atreladas à memória sobre a escravidão e o racismo vivenciados pelos sujeitos sociais da pesquisa. O artigo foi aprovado pelo *Brazilian Journal of Development*, publicado em julho de 2020.

Dessas produções científicas e da interação com os(as) pesquisados(as), fui fazendo descobertas significativas, principalmente de compreender a própria singularidade de uma comunidade quilombola e dissociá-la das discussões que abrangem o próprio movimento negro, pois, segundo eles(as), nem todas as discussões e pautas presentes no movimento negro representam as demandas e especificidades quilombolas, apesar de reconhecerem a relevância do movimento negro para fortalecer a luta da população afro-brasileira, em que também estão inseridos(as). Foi participando das discussões socializadas com as lideranças do quilombo que pude compreender todas as inquietações deles(as), ao não quererem se limitar às pautas e interesses unicamente do movimento negro, como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

A especificidade quilombola tem uma forte ligação com o território, a terra, a luta por nosso reconhecimento e a posse de nossas terras. Não podemos achar que tudo que o movimento negro coloca como pauta nos contempla; podemos até ser contemplados em parte, mas temos nossas especificidades. Me irrita quando chego em um evento e um representante do movimento negro é convidado a sentar na mesa e não chamam um representante do quilombo [...]; eles não podem falar por nós; acho que deveria ter nesses momentos pessoas do próprio quilombo [...].

Essas especificidades e singularidades do que é ser quilombola também me fizeram refletir sobre seus conhecimentos, cuja originalidade de onde estes sujeitos estão e de onde falam deve situá-los como os principais atores deste estudo, respeitando não só suas narrativas, mas o próprio silêncio, que se apresentou nesta pesquisa por muitas vezes. Hoje compreendo que, para além de uma resposta ou fala, no caso das entrevistas realizadas, as ações cotidianas dos(as) entrevistados(as), por si sós, já falavam por eles(as), o que me ajudou a ampliar os meus conhecimentos para além de uma resposta verbalizada. Como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

Eles não sabem que sabem, mas eles sabem, e nem sempre eles sabem descrever algo, mas eles sabem. Logo, é de fundamental importância compreender e considerar esses aspectos do silêncio na pesquisa, também ampliando o nosso olhar para algo além da fala, pois eles realmente sabem e suas ações muitas vezes falam mais do que a fala não emitida.

As reflexões acima suscitadas chamam a atenção, portanto, para as singularidades dessas famílias, fato que me levou a rever e redefinir muitos dos aspectos da pesquisa, até porque existem por lá hábitos, costumes, crenças, um ritmo de vida peculiar. No quilombo, eles acordam cedo: a ida para o roçado acontece ainda de madrugada, com o cantar do galo. Quando retornam do trabalho, já é no horário de meio-dia, o qual reservam para o descanso, sendo inconveniente nesse horário incomodar. Nesse sentido, precisei organizar parte das minhas entrevistas para acontecerem aos finais de tarde e durante a noite. Percebe-se, assim, um jeito peculiar bastante diferente do nosso da vida urbana. É uma maneira de ser que respeita os tempos do corpo, da mente e da natureza, essencial para recompor parte da energia até então dispendida.

É perceptível que as famílias ainda são muito unidas no quilombo, algo como a extensão de uma grande família. O alimento é compartilhado e todos que lá chegam são convidados a comer, tomar um café ou ajudar a realizar algo, como o debulhar de feijão, sendo normal a realização dessas atividades em seus cotidianos, seja na mesa ou no chão, acompanhadas de diversas outras atividades que se intercalam unindo as pessoas.

Foi nessa vivência e acolhimento que fui encontrando as pessoas interessadas a fazerem parte da minha pesquisa, “quebrando gelo” e transpondo obstáculos, que foram essenciais para extrair de suas falas e ações cotidianas os tipos de relações e representações em torno dos conhecimentos ancestrais, do cultivo de sementes crioulas e da própria identidade quilombola. Com a aproximação e interação estabelecidas, todo o direcionamento da minha pesquisa aconteceu da maneira mais informal possível, aberta e com roteiro sequencial, todavia flexível à adaptação. Os lugares das entrevistas foram determinados por

eles(as), acontecendo geralmente em momentos que estavam debulhando o feijão, como: nas cozinhas de suas casas, nos alpendres ou nos quintais, o que possibilitou uma melhor compreensão deles(as) com as perguntas suscitadas, como mostra a Figura 10.

Figura 10 – Momento de entrevista com um dos participantes da pesquisa



Fonte: Cedida por Ednir (2019).

Fica patente a relevância do campo para mim, como pesquisadora, que, ao ser norteada pelo instrumental metodológico e aproximação com a vivência e realidade dos(as) entrevistados(as) no quilombo, pude perceber e apreender um pouco de seu cotidiano quanto aos conhecimentos ancestrais, às sementes crioulas e à singularidade de sua identidade quilombola, sendo esta experiência fundamental para os objetivos desta pesquisa, em que tentarei analisar e explicar essas questões com os resultados da pesquisa e os referenciais teóricos.

3.3 QUEM SÃO ELES(AS) NA PESQUISA

Falar da comunidade de quilombo Sítio Veiga, campo em que se situam os homens e mulheres quilombolas da minha pesquisa, não é só uma grande responsabilidade, mas uma honra, pois a trajetória histórica e social dessa comunidade tem uma vivência marcada pelo racismo, exclusão social, exploração de sua força de trabalho e negação de seus direitos, o que demarca historicamente a população negra escravizada e suas diásporas no mundo, tal como as comunidades de origem tradicional quilombolas no Brasil.

Dito isso, não tem como descrever a comunidade Veiga sem situá-la na luta pelo reconhecimento de sua identidade como etnia quilombola, cujos ensinamentos de seus ancestrais reafirmam o compromisso com essa identidade de manter suas tradições e costumes vivos, como o cultivo de sementes crioulas e a luta e resistência pela ocupação e titulação de suas terras, representando esses aspectos uma forma de viabilizar sua autonomia e liberdade nas atividades agrícolas sem precisar plantar nas terras de terceiros suas sementes crioulas, uma demanda que se faz presente desde o envolvimento nos movimentos sociais, nas lideranças comunitárias, mas também na arte, como reflete a Figura 11.

Figura 11 – Arte produzida no quilombo Sítio Veiga simbolizando suas raízes africanas, a resistência, a luta pela terra e o território



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Hoje a comunidade de remanescentes de quilombo Sítio Veiga é uma comunidade tradicional, negra e rural, situada geograficamente no município de Quixadá, Ceará, localizada no distrito de Dom Maurício, também conhecido como Serra do Estêvão, a três quilômetros de distância da sede do distrito, oito quilômetros do município de Choró-Limão e 25 quilômetros da cidade de Quixadá, destacando-se ainda como um dos pontos turísticos da referida cidade. A estrada é de difícil acesso, repleta de curvas sinuosas e elevações, havendo uma estrada carroçável já perto da comunidade. O acesso ocorre pela subida da Serra do Estêvão, contando 60 curvas⁷ até chegar ao Distrito de Dom Maurício.

⁷ Segundo informações repassadas por Ana Eugenio, quilombola do Sítio Veiga, existem 60 curvas da Serra do Estêvão até chegar ao Distrito de Dom Maurício, lugar onde se situa o Sítio Veiga.

Quando se chega ao Sítio Veiga, o cenário é muito bonito, cercado por serra e uma rica vegetação, com clima frio. O acesso à maioria das casas se dá a pé, em decorrência dos desníveis dos terrenos, sendo algumas casas localizadas em lugares mais baixos, outras em locais mais altos, sendo ainda distantes umas das outras, o que dificulta o percurso de carro. A maioria das casas é construída de tijolos, sem água encanada nem iluminação pública. Contudo, todas as casas possuem cisternas e energia. Algumas famílias têm televisão e rádio, mas os eletrodomésticos, de modo geral, são bem simples, assim como o estilo de vida dessas famílias.

No Veiga, residem atualmente 39 famílias; a maioria delas tem a mesma origem do casal fundador, Francisco Ribeiro Bessa (conhecido como Chiquinho Ribeiro ou Pai Xigano) e Maria Fernandes da Silva (conhecida como Mãe Veia), oriundos de Pau dos Ferros, município do Rio Grande do Norte. Segundo registros históricos, em 1906, esse casal e sua família migraram de Pau dos Ferros para a região da Serra do Evaristo, em Quixadá, onde fixaram raízes e iniciaram a história da comunidade, na localidade onde hoje está o Sítio Veiga. Ao longo do tempo, a família Ribeiro se misturou, por meio de trocas matrimoniais, com a família Eugenio, do distrito de Dom Maurício, em Quixadá, estando hoje na sexta geração quilombola.

Em 2010, a comunidade iniciou a construção de uma casa de sementes, conhecida carinhosamente como casa de sementes Pai Xigano, nome escolhido pelos moradores que remete à memória e ancestralidade de Francisco Ribeiro Bessa, quem primeiro fecundou a semente crioula no então quilombo, juntamente com sua esposa, Maria Fernandes, e seus filhos. Essas sementes representam ainda o patrimônio da humanidade, cujos laços de pertencimento de um povo se firmam na identidade cultural, celebrados, compartilhados e socializados em suas inúmeras expressões socioculturais e nos rituais de passagem, tais como a forte tradição da dança de São Gonçalo e suas 12 sementes crioulas, um ritual que faz promessas em torno da saúde, de uma boa plantação e colheita, dentre outras.

A casa de sementes recebe estoques coletivos mantidos por doações do Centro de Pesquisa e Assessoria (Esplar)⁸, por meio do Projeto Sementes do Semiárido. A construção da casa de sementes ocorreu de maneira coletiva, cuja consciência ambiental proposta nessa ação foi fundamental para despertar o valor das sementes e da biodiversidade embutido nesse cultivo, bem como da saúde humana, sendo de suma importância no processo de resgate de algumas espécies até então perdidas, fomentando o intercâmbio entre diversas comunidades tradicionais.

⁸ Organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974, no município de Fortaleza-CE. A organização atua diretamente em municípios do semiárido cearense, desenvolvendo atividades para a agroecologia e agricultura familiar.

O papel da assessoria do Esplar nesse resgate foi essencial, posto que as doações das sementes por esse órgão contribuí para que a comunidade possa identificar e resgatar as suas sementes perdidas, assim como não depender apenas das sementes do governo, que, para a maioria dessas famílias, é uma semente envenenada, que traz sérios prejuízos à saúde e contamina o solo. A partir desse projeto, a comunidade pode identificar suas sementes tradicionais, dando um significado ao resgate de suas memórias, dentre as quais se destacam: feijão pingo de ouro, feijão amarelo, feijão do Everardo, fava espírito santo, feijão roxo, milho ibra, milho cateta, milho vermelho, entre outras espécies cultivadas no Sítio Veiga desde sua origem, as quais agora ficam guardadas na casa de sementes Pai Xigano.

A Figura 12 mostra a fachada da casa de sementes, porém o nome pintado no espaço está escrito errado (Pai Xingano). Segundo os pesquisadores, o correto é Pai Xigano.

Figura 12 – Casa de sementes Pai Xigano, implantada em 2010



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

Logo, foi dos ensinamentos de seus ancestrais que trabalhavam e viviam da agricultura que foram sendo fomentados no Sítio Veiga o respeito e o cuidado com a terra e as sementes crioulas, sendo estes perpetuados de uma geração à outra, mantendo-se o hábito não só de plantar as sementes, mas de respeitar cada ciclo da terra e da semente, ou seja, o tempo de plantar, o tempo de colher, o que colher para comer e o que guardar para as próximas plantações, pensando nas gerações subsequentes. Assim, durante todo o ano, a colheita segue o ritmo de abastecer o consumo próprio das famílias, mas também se separam e se estocam em garrafas PET e tambores de ferro ou plástico as melhores sementes, que podem ser armazenadas por até cinco anos, dependendo da espécie e armazenamento adequado.

Como existe uma relação de intercâmbio por meio de socialização das sementes entre as famílias do quilombo e diversas comunidades tradicionais, cada família tem todo o cuidado tanto de armazenar individualmente em suas casas as sementes como de reservar outra parte para a casa de sementes Pai Xigano, bem como de fornecer doações comunitárias às comunidades registradas pelo Esplar, contribuindo para a socialização e integração comunitária e as trocas de conhecimentos e experiências, fortalecendo as ações de agricultura dessas comunidades, unindo-as, fortalecendo o seu processo de autonomia, considerando-se a limitação que a maioria tem por não possuir a regularização de suas terras e depender das terras alheias para plantar.

Os que lá residem vivem da agricultura de subsistência, sendo a principal renda advinda da terra, cujas atividades ocorrem pela socialização dos saberes repassados por seus ancestrais em seus roçados, como o plantio de sementes crioulas, por exemplo: milho, feijão, fava, melancia, maxixe, jerimum, pepino, etc. Portanto, além da produção oriunda dos roçados, há também uma pequena parte da produção dos quintais produtivos, tais como: plantio de frutas, verduras e plantas medicinais e criação de animais de pequeno porte. Quase toda a produção é destinada ao consumo das famílias e o pouco excedente, quando sobra, as famílias comercializam para outras comunidades ou é vendido na própria comunidade ou no entorno.

No quilombo Sítio Veiga, é visível a forte influência dos seus ancestrais, cujo conhecimento reflete basicamente na agricultura de subsistência, ou seja, os(as) quilombolas dependem praticamente da terra e das sementes crioulas para a sua sobrevivência, visto que é a partir delas que retiram sua alimentação e a de seus animais, os remédios do mato usados por muitos, até o próprio ritual religioso da dança de São Gonçalo depende da terra e das sementes crioulas que são utilizadas durante os pedidos dos promesseiros e o pagamento das promessas, o qual geralmente ocorre em torno de uma boa colheita e de obtenção de uma cura.

Assim, é por meio da luta pelo reconhecimento da terra e do território que as comunidades tradicionais, dentre elas a comunidade Sítio Veiga, organizam-se em busca da legitimidade por seus territórios, sendo este um dos grandes dilemas enfrentados por essa comunidade, palco constante de suas bandeiras de lutas, reivindicações e resistências. Assim, o autorreconhecimento e a certificação como comunidade de remanescentes de quilombo foram algumas das grandes conquistas do quilombo Sítio Veiga, no ano de 2009, concedidos pela Fundação Cultural Palmares (FCP)⁹.

⁹ “Órgão criado em 22 de agosto de 1988, estabelece no § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20/11/2003, reserva à Fundação Cultural Palmares – FCP a competência pela emissão de certidão às comunidades

Desse modo, o autorreconhecimento para eles(as) foi uma conquista para além do reconhecimento do direito negado ao longo dos processos históricos, incluindo-os(as) hoje nas políticas públicas afirmativas e nos programas sociais. Esse processo também passou a dar visibilidade à identidade quilombola dessas populações. Assim, ao serem reconhecidos(as), traz-se à tona a própria singularidade dessa comunidade – elemento este essencial, segundo eles(as), ao pertencimento e recorte étnico-racial do que é ser quilombola; suas raízes estão fincadas na terra, nas suas lutas e resistências, nas reminiscências dos saberes repassados por seus ancestrais, tal como o cultivo de sementes crioulas.

Por fim, eles(as) apontam o quão importante é a titularidade das terras às comunidades tradicionais quilombolas, em razão da própria limitação existente por não possuírem suas terras e dependerem de terceiros para plantar, ou seja, eles(as) precisam pagar para plantar nas terras privadas, além de parte da colheita ser dividida com os donos da terra, tirando sua autonomia para plantar na quantidade que desejam, não reaproveitam as forragens¹⁰, que poderiam servir para alimentar seus próprios animais, além de serem obrigados(as) a limpar os terrenos antes dos ciclos concluídos das colheitas, comprometendo o meio ambiente, a própria qualidade dos próximos plantios e principalmente o futuro das próximas gerações.

3.3.1 Perfil socioeconômico

- **Faixa etária**

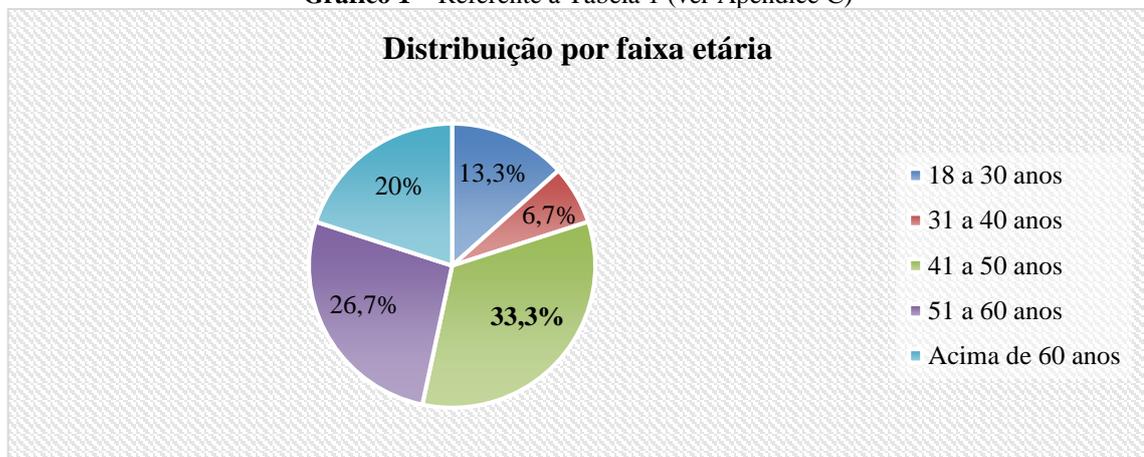
Conforme os resultados da pesquisa, os dados relacionados à faixa etária dos(as) entrevistados(as) elucidam que o maior percentual está entre 41 e 50 anos (33,3%), seguido das faixas etárias de 51 a 60 anos (26,7%) e acima de 60 anos (20%). Tem-se ainda entre

quilombolas e sua inscrição em cadastro geral. É importante ressaltar que a FCP não certifica essas comunidades a partir de um trabalho de conferência de quem é ou não quilombola, mas sim respeitando o direito à autodefinição preconizado pela Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), certifica aquelas comunidades que assim se declaram. Para isso, três documentos são exigidos, de acordo com a Portaria FCP nº 98, de 26/11/2007: ata de reunião específica para tratar do tema de autodeclaração, se a comunidade não possuir associação constituída, ou ata de assembleia, se a associação já estiver formalizada, seguida da assinatura da maioria de seus membros; breve relato histórico da comunidade (em geral, esses documentos apresentam entre 2 e 5 páginas), contando como ela foi formada, quais são seus principais troncos familiares, suas manifestações culturais tradicionais, atividades produtivas, festejos, religiosidade, etc.; e um requerimento de certificação endereçado à presidência desta FCP”. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2019.

¹⁰ Segundo o *Dicionário Português On-line* (2019), forragem é uma espécie de vegetal usado para alimentar o gado, cavalo ou outros animais.

os(as) entrevistados(as) o percentual de 13,3% para as faixas de 18 a 30 anos e apenas 6,7% entre 31 e 40 anos. Esses dados revelam que a maioria dos(as) entrevistados(as) está em uma faixa etária considerada mais madura, com casamento, filhos e atividade profissional definida, que, no caso deles(as), é a própria agricultura. Os menores percentuais evidenciam uma faixa etária muito jovem, marcada por projetos de vida e redefinição da atividade profissional. E, por último, tem-se a faixa etária que abrange cronologicamente sujeitos considerados idosos¹¹, cuja vida é definida pela concretização de alguns sonhos, pela aposentadoria, por alguma doença inerente ao processo de envelhecimento, etc.

Gráfico 1 – Referente à Tabela 1 (ver Apêndice C)

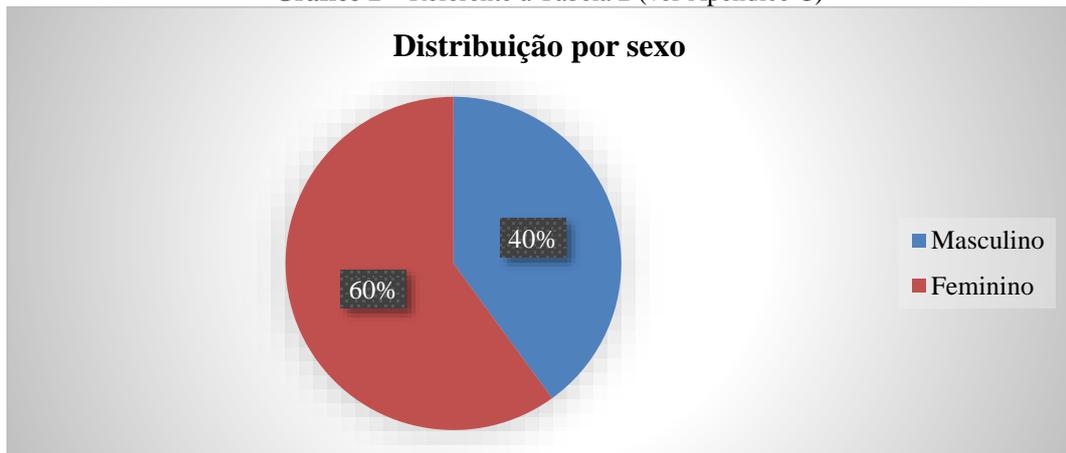


Fonte: Pesquisa direta (2019).

- **Sexo**

Quanto ao sexo, a maioria dos(as) entrevistados(as) é do sexo feminino, representando um percentual de 60%, contra 40% de indivíduos do sexo masculino. Com esses dados, observa-se que a maioria dos(as) entrevistados(as) é do sexo feminino, quebrando os estigmas sociais que sinalizam que a agricultura é um lugar eminentemente masculino, sendo as mulheres peças fundamentais no cultivo de sementes crioulas, cooperando com seus companheiros e participando, dentro de suas possibilidades, das inúmeras fases desse processo: desde a plantação até a colheita do produto. Essa realidade também é confirmada pelos dados do último Censo Agropecuário de 2017 no Brasil, que mostram que o número de estabelecimentos com atividades agrícolas administrados por mulheres entre 2006 e 2017 subiu de 12,7% para 18,6%, com quase um milhão de mulheres envolvidas, há cerca de 11 anos, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados no Censo Agropecuário (CANAL RURAL, 2018).

¹¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais.

Gráfico 2 – Referente à Tabela 2 (ver Apêndice C)

Fonte: Pesquisa direta (2019).

Assim tem sido a luta das mulheres quilombolas do Sítio Veiga no combate às desigualdades sociais e na luta por ocupar espaços negados historicamente a essas guerreiras. Hoje elas trilham caminhos de superação das desigualdades sociais e raciais, buscando o acesso à terra, ao território, à saúde, à cultura e principalmente à inclusão dessas políticas capazes de respeitar suas singularidades (SILVA, C., 2018). Estão ainda presentes nos diversos espaços de representação política e tomadas de decisão, como na própria Associação Comunitária dos Remanescentes de Quilombolas do Sítio Veiga, cuja maioria dos representantes é composta por mulheres: a diretoria tem 17 membros, sendo 12 mulheres; estão juntas aos movimentos sociais quilombolas; articulam-se com as políticas públicas municipais e afirmativas; estão entrando nas universidades e são as que mais participam das decisões comunitárias dentro e fora do quilombo.

- **Procedência**

No que diz respeito à procedência, 100% afirmaram que são de origem quilombola e que firmaram moradia no Sítio Veiga desde sua migração, no ano de 1906, por meio de seus ancestrais de raízes africanas. Assim, iniciaram suas histórias estando nesse solo ocupado há mais de 100 anos. No Veiga, a maioria delas tem a mesma origem do casal fundador, Francisco Ribeiro Bessa (Chiquinho Ribeiro ou Pai Xigano) e Maria Fernandes da Silva (Mãe Veia), de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, conforme citado anteriormente.

De acordo com Silva, C. (2018), a segunda família a se fixar no Veiga tem origem da própria região, ou seja, da Serra do Estêvão, sendo conhecida como Eugenio. Criada por Chiquinho Ribeiro, Maria Luiza Ribeiro de Sousa (conhecida como Mãe Luiza) casou-se com

Raimundo Eugenio (conhecido como Raimundo Bar), sendo um dos filhos de Ambrósio Anastásio de Sousa. Mãe Luiza teve sete filhos com Raimundo Bar, assim ela consolidou a aliança e cruzamento dessas duas famílias.

Para as famílias quilombolas, Mãe Luiza foi muito importante, pois, além de ser uma grande parteira que ajudou no nascimento de muitas crianças, no Quilombo, ela consolidou o cruzamento das duas famílias e também contribuiu com outras expressões e práticas culturais: a Dança de São Gonçalo, a solidariedade, a partilha, a troca de sementes crioulas, os mutirões comunitários, a batucada, as histórias de assombração contadas nas debulhas de feijão e rodas de conversas, os terços de Santa Luzia e São João, enfim, o jeito de ser e viver dos quilombolas que ali resistem. (SILVA, C., 2018, p. 20).

Esses dados mostram que os(as) entrevistados(as), em sua maioria, ao se casarem pela junção dessas duas famílias, acabam morando junto de seus familiares e fixando suas raízes no próprio quilombo, estando hoje na sexta geração. É nesse espaço que continuam a se remeter à memória de seus ancestrais, a seus ensinamentos sobre a agricultura e a suas sementes crioulas, onde praticam as expressões de cunho sociocultural e religioso, tal como a dança de São Gonçalo. Um território onde vivem, resistem e lutam em prol da terra e da própria existência de ser quilombola.

Segundo relatos dos(as) entrevistados(as), ao se fixarem no Sítio Veiga, Chiquinho Ribeiro e sua esposa, Maria Ribeiro Fernandes, preocuparam-se em construir seu abrigo, uma casa foi feita de palha de coco-catulé, uma árvore nativa da região, cujos frutos serviriam para a alimentação humana e dos animais.

As famílias que ali residem vivem há mais de 100 anos, basicamente da agricultura de subsistência em suas terras de heranças ou arrendadas, criação de animais de pequeno porte, apicultura, quintais produtivos onde plantam fruteiras, verduras e remédios caseiros. Outra forma de renda das famílias são os benefícios sociais, como Bolsa Família e aposentadoria rural. (SILVA, C., 2018, p. 21).

Observa-se ainda, de acordo com o Relatório Antropológico de Reconhecimento e Delimitação do Território (RTID) produzido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em 2012, que a ocupação das terras nas proximidades do Sítio Sorocaba foi acontecendo nos anos posteriores, com a articulação das atividades agrícolas da família Ribeiro e a ocupação de diversas áreas, tais como: Fazenda Flores (terras registradas em cartório como Sítio Cafundó e Sítio Tanques), Macambira, Lapa, Sítio Freitas, Sítio de Dentro ou Colorado, Sítio Pascoal e Sítio Veiga. É importante ressaltar que as referidas localidades hoje fazem parte do território do quilombo, que vêm sendo ocupadas desde 1906.

Os dados registrados pelo Inbra (2012), conforme as informações da comunidade do Sítio Veiga, remetem à planta do Memorial Descritivo do Território, elaborado pela equipe técnica do Inbra (2012). O documento mostra que a área ocupada tradicionalmente pelas famílias do Sítio Veiga equivale a 967 hectares. Os dados confirmam ainda que, em outubro de 2012, existiam 141 quilombolas, distribuídos em 39 famílias cadastradas, os quais moravam dentro do território, das quais apenas oito se autodeclararam como não quilombolas.

- **Religiosidade**

Com relação à religiosidade, 93,3% afirmaram ser católicos(as) e apenas 6,7% afirmaram ser evangélicos(as). Esse dado revela, quase por unanimidade, a prevalência do catolicismo, o que acaba chamando a atenção pela forte expressão cultural católica da dança de São Gonçalo, sendo este o santo católico de suas devoções. Geralmente os devotos fazem suas promessas em prol de uma boa colheita, resolução de problemas de saúde, etc. Eles geralmente se reúnem no mês de novembro para pagar suas promessas, cuja realização é consumada numa linda festa, com uma romaria em homenagem a São Gonçalo.

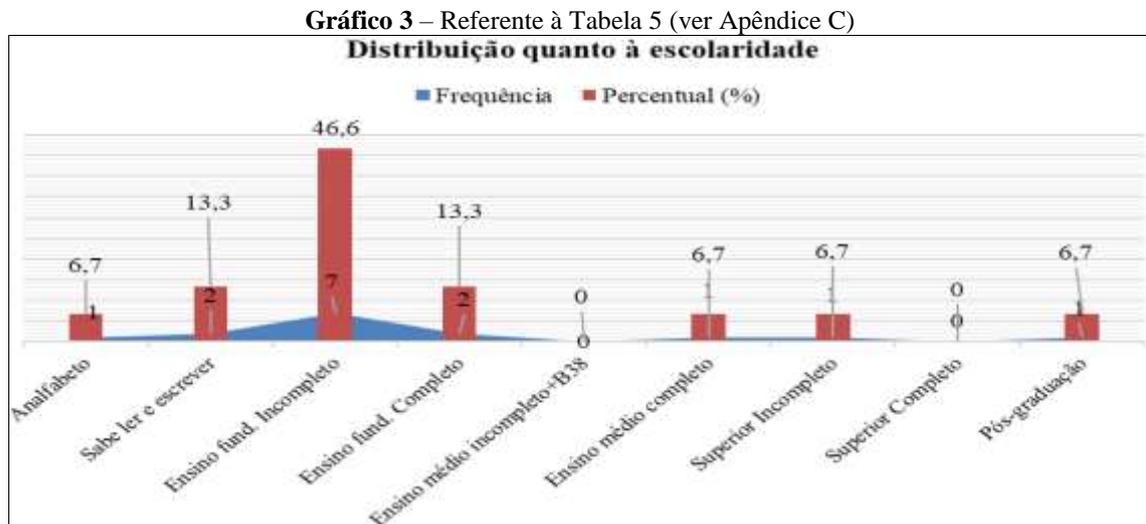
Desse modo, as manifestações culturais e os rituais sagrados são elementos fortes para os povos negros, sejam elas de cunho religioso ou não, estabelecendo uma forma de resistência à história do homem eurocêntrico e branco, que desqualificou, inferiorizou e “demonizou” os costumes e as crenças dessa população.

Assim, a dança de São Gonçalo é uma manifestação cultural religiosa que tem raízes ancestrais, passadas de uma geração à outra, sendo também uma forma de resistência, por manter vivos e atuantes os costumes herdados, contribuindo para a própria identidade quilombola, dando-lhe visibilidade. Essas famílias se organizam em prol desse evento, dando legitimidade às suas expressões socioculturais nos diversos espaços públicos.

- **Nível de escolaridade**

No tocante ao nível de instrução, o maior percentual (46,6%) dos(as) entrevistados(as) possui apenas o ensino fundamental incompleto; 13,3% sabem apenas ler e escrever; 13,3% possuem o ensino fundamental completo; houve um percentual semelhante para quatro resultados (6,7%), sendo uma pessoa analfabeta, uma pessoa com ensino médio

completo, uma pessoa com ensino superior incompleto e uma pessoa com pós-graduação incompleta.



Fonte: Pesquisa direta (2019).

Quando consideramos os dados acima, deparamo-nos com a situação bastante preocupante da educação básica na realidade brasileira e especificamente da educação das comunidades tradicionais. Esses sujeitos sociais nem sequer chegaram a concluir o ensino fundamental, pois tinham que trabalhar com seus pais no roçado, sendo esta a realidade das crianças da sua época, somada à fome nos tempos de seca e à barriga vazia que tinham que enfrentar quando iam para a escola, lidando ainda com as longas jornadas de trabalho, os extensos percursos até a escola, os preconceitos sofridos por serem negros e quilombolas e a inequação dos conteúdos repassados em sala de aula, que negligenciavam ou se esquivavam do trato dessas questões (SILVA, C., 2018).

Desde de 2009, existe uma demanda solicitada para a implantação de uma escola quilombola pela Associação Comunitária do Sítio Veiga, com uma metodologia adequada às suas singularidades, capazes de dialogar com os outros discentes, com trocas de experiências voltadas ao respeito, à diversidade e à singularidade. Infelizmente esse sonho ainda não se concretizou, mas continua na pauta de suas reivindicações.

Apesar das dificuldades e desafios ainda presentes na vida da população negra e dos quilombolas para se inserirem dignamente nos espaços de educação com uma metodologia que possa dialogar com suas singularidades, fundamental à interação humana e ao respeito à diversidade, conquistas também foram alcançadas na comunidade Sítio Veiga, a considerar que atualmente temos uma mulher quilombola graduada em Serviço Social pela UECE, a qual cursa hoje pós-graduação no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades na

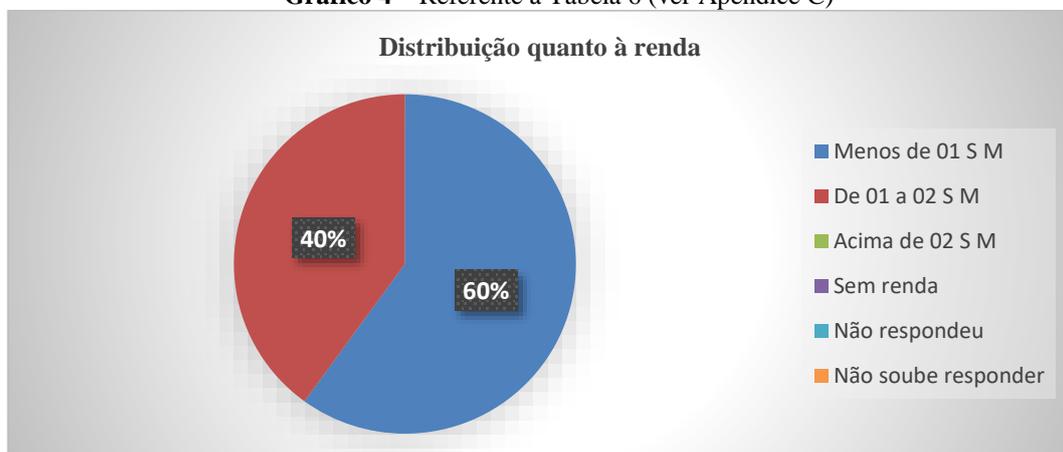
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). No ano de 2018, a comunidade teve mais uma conquista, através das cotas específicas para quilombolas, quando dez discentes ingressaram na referida universidade, distribuídos nos cursos de Agronomia, Administração Pública, Antropologia, Enfermagem, História, Humanidades, Pedagogia e Sociologia. Uma conquista que merece destaque, dada a negação da educação a esses sujeitos sociais ao longo dos processos históricos, sendo de fundamental importância a legitimidade das cotas nesse processo como um instrumento de inclusão social.

Diante dessa realidade, faz-se mister considerar a educação como um espaço de inclusão necessário às comunidades tradicionais, considerando-se a negação da educação a esses sujeitos ao longo de sua história. Rever esse passado também deverá incluir uma educação que dialogue com suas singularidades, valorizando suas culturas, seus territórios e as reminiscências das memórias de seus ancestrais, cujas raízes carregam africanidades.

- **Renda familiar**

A renda familiar dos(as) pesquisados(as) evidencia um percentual de 60% com menos de um salário mínimo, para 40% que ganham entre um e dois salários mínimos. A análise desses dados revela que os rendimentos familiares são muito baixos e que a grande maioria sobrevive com menos de um salário, que é complementado com a aposentadoria de algum parente (pai, mãe, pessoa com deficiência), benefício social do Programa Bolsa Família e atividades do cultivo de sementes crioulas, que só servem para a subsistência humana. Essa situação leva, muitas vezes, as pessoas do quilombo a saírem em busca de trabalho, distanciando-se de seus familiares, dos laços de vizinhança de sua cultura.

Gráfico 4 – Referente à Tabela 6 (ver Apêndice C)



Fonte: Pesquisa direta (2019).

A realidade anteriormente explicitada faz parte do quadro nacional do perfil socioeconômico das diversas comunidades quilombolas no Brasil, em que se enquadra também a comunidade quilombola Sítio Veiga. Consoante os dados da Secretaria de Políticas Públicas de Promoção e Igualdade Racial (Seppir), essas populações se encontram em situação de pobreza¹² e extrema pobreza¹³. No último balanço estatístico feito pela Seppir (BRASIL, 2013), havia no Brasil 80 mil famílias quilombolas cadastradas no CadÚnico, destas 64 mil famílias (79,78%) do total são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família. Nessa realidade, há um percentual de 74,73% das famílias quilombolas em situação de extrema pobreza.

Os dados do CadÚnico também elucidam que, dentro da realidade nacional, 92,1% se autodeclararam pretos ou pardos, 24,81% não sabem ler e 82,2% desenvolvem atividades na agricultura, extrativismo ou pesca artesanal. No caso do Sítio Veiga, a atividade predominante é a agricultura, especificamente o cultivo de sementes crioulas, sendo, na maior parte das vezes, para a subsistência humana, dadas as dificuldades em concorrer com a produção das sementes do governo, que possui uma produtividade em larga escala devido aos agrotóxicos, fertilizantes. Outro aspecto mencionado é o título da terra, que ainda se encontra na justiça, levando-os(as) a plantarem nas terras de terceiros, tendo que pagar para plantar e dividir parte de sua produtividade com os donos dos terrenos.

A precarização das condições limitantes da renda dessas famílias também se reflete em outras demandas e vulnerabilidades sociais em seus domicílios, conforme apresentado nos dados oficiais nacionais que retratam a realidade quilombola, a exemplo da ausência de saneamento básico (54,7%), esgoto a céu aberto (15,07%), fossa rudimentar (39%), ausência de coleta de lixo (57,98%), falta de água encanada (55,2%), dentre outros. Todas as situações acima elencadas também estão presentes na realidade da comunidade Sítio Veiga, fazendo parte, assim, das estatísticas oficiais da Seppir (BRASIL, 2013).

Percebe-se nessa realidade a grande preocupação e demanda do Sítio Veiga pela titulação de suas terras, posto que, ao dependerem das terras de terceiros, não conseguem ter autonomia e uma renda capaz de suprir todas as suas necessidades

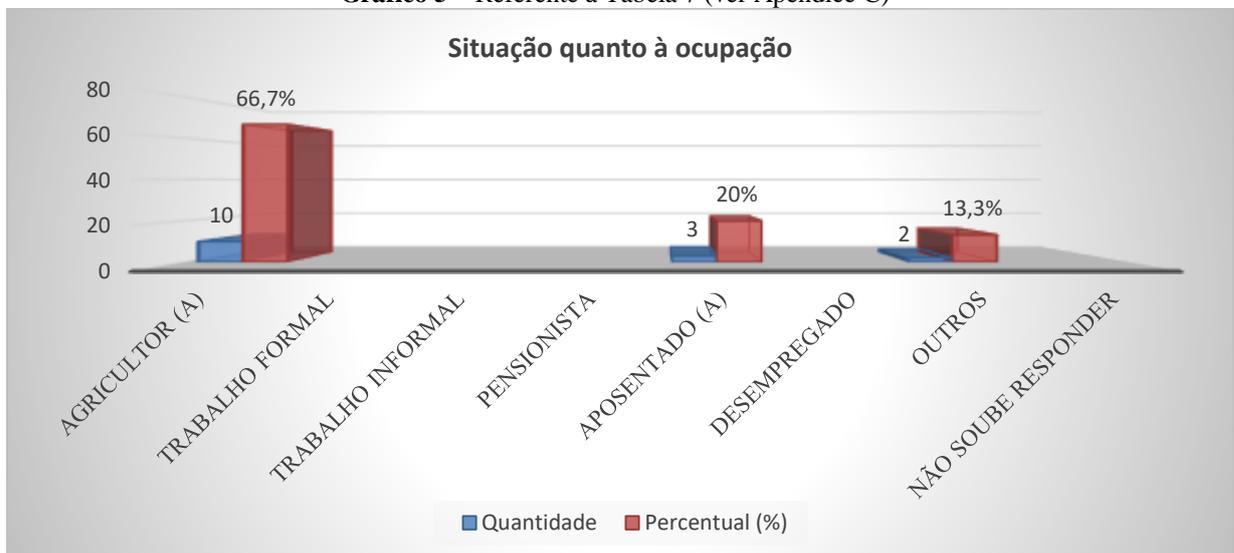
¹² Segundo a Seppir (BRASIL, 2013), o CadÚnico considera famílias em situação de pobreza aquelas que têm renda *per capita* de R\$ 70,01 a R\$ 140,00 por pessoa.

¹³ Segundo a Seppir (BRASIL, 2013), o CadÚnico considera famílias em situação de extrema pobreza aquelas que têm renda familiar *per capita* de até R\$ 70,00 por pessoa.

• Ocupação

Quanto à ocupação profissional, 66,7% encontram-se inseridos(as) na agricultura, 20% são aposentados(as) e 13,3% responderam outros. O que se percebe a partir desses dados é que a maioria encontra-se inserida nas atividades de agricultura, o que revela uma atividade herdada entre as gerações, uma bandeira de luta pelo reconhecimento de suas comunidades quilombolas e o título de seus territórios, visto que ainda se encontram na dependência de plantarem suas sementes nas terras privadas.

Gráfico 5 – Referente à Tabela 7 (ver Apêndice C)



Fonte: Pesquisa direta (2019).

Em números oficiais, temos ainda 2.197 comunidades reconhecidas oficialmente pelo Estado brasileiro¹⁴; 2.040 comunidades certificadas pela FCP, sendo 63% delas no Nordeste; 1.229 processos abertos pela titulação das terras no Incra; e 207 comunidades tituladas com área total de 995,1 mil hectares, beneficiando 12.906 famílias. No quadro geral da população quilombola no Brasil, estima-se a possibilidade de existirem 214 mil famílias e 1,17 milhões de quilombolas em todo o Brasil¹⁵ (BRASIL, 2013).

Essa realidade se reflete ainda mais na luta pelo título das terras pelos quilombos onde tivemos. Segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), houve um total de 24 assassinatos no período entre 2011 e 2017: dois entre 2011 e 2015; oito em 2016; e 14 no período de 2017, consoante dados do

¹⁴ “Essa quantidade é a soma das 2.040 comunidades certificadas acrescidas das 157 tituladas não certificadas” (BRASIL, 2013, p. 16).

¹⁵ “As comunidades em processo de certificação (360) e das famílias das comunidades tituladas que não são certificadas (157). A média de pessoa por família foi baseada na apontada na Chamada Nutricional Quilombola (2006)” (BRASIL, 2013, p. 16).

Conaq (2017). Esse último ano, 2017, foi apontado como o mais violento para os povos quilombolas.

A luta do movimento quilombola caracteriza-se pela defesa do seu território, conseqüentemente, de sua sobrevivência enquanto grupo específico ameaçado pelo avanço da especulação imobiliária, dos grandes empreendimentos, que afetam e alteram diretamente a existência desses grupos. (CONAQ, 1995, p. 3).

O caso do Quilombo Iúna, em Lençóis, na Bahia, retrata uma realidade cruel que traz à tona a violência no campo: uma chacina brutal que matou sete quilombolas em um intervalo de pouco mais de um mês (junho/agosto), sendo seis deles no início de agosto. Tal realidade deixou não só traumas às famílias quilombolas, mas o próprio abandono de seu território para se protegerem, como veremos abaixo:

A violência teve duros efeitos sobre a comunidade. Das 42 famílias de quilombolas que viviam no território, apenas 12 permaneceram após o massacre. A Escola Municipal Irineu Dutra, a única da comunidade, ficou fechada por mais de um mês e só voltou a funcionar depois que a polícia, após recomendação do Ministério Público Federal (MPF), passou a vigiar a instituição. (CONAQ, 2017, p. 1).

Diante dessa realidade, é notória a relevância da regularização da titulação das terras às comunidades tradicionais quilombolas, haja vista que, sem a legitimação do território reconhecida pela Estado, essas comunidades ficam vulneráveis à violência no campo, ao êxodo rural, à exploração de sua força de trabalho e à contaminação de suas sementes crioulas pela terra envenenada por agrotóxicos, colocando em risco sua própria existência e os conhecimentos herdados por seus ancestrais.

4 OS SABERES ANCESTRAIS QUILOMBOLAS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS: UMA TÉCNICA PASSADA ENTRE GERAÇÕES COMO UMA FORMA DE MANTER VIVAS A MEMÓRIA E A TRADIÇÃO

Nesta seção, pretendo discutir três tópicos. O primeiro debruça-se sobre o conceito pertinente aos conhecimentos ancestrais e sobre a sua relação com o cultivo de sementes crioulas, atrelados à relação ser humano/natureza. O segundo aborda o conceito sobre os conhecimentos ancestrais, com destaque para a obra da escritora adolescente Rádlei Eugenio Dóroth e seus *Contos de antigamente*, cujo enredo faz lembrar suas vivências de infância e aprendizados das sementes crioulas, ligados às histórias contadas nas debulhas de feijão por seus ancestrais. E, por fim, o terceiro amplia o conceito sobre os conhecimentos ancestrais e as sementes crioulas com base na experiência pessoal da autobiografia de Ana Maria Eugenio da Silva, quilombola do Sítio Veiga que foi acometida por um câncer de mama, sendo a dança religiosa de São Gonçalo e a consciência de uma alimentação natural das sementes crioulas fundamentais para a obtenção da cura de sua enfermidade.

4.1 A SABEDORIA ANCESTRAL E SUA CONEXÃO COM O MEIO AMBIENTE E AS SEMENTES CRIOULAS: UMA FORMA DE APRENDIZADO QUE ESTABELECE A LIGAÇÃO ENTRE O SER HUMANO, O UNIVERSO, O MEIO AMBIENTE E O TRANSCENDENTAL

Compreender os conhecimentos perpassados pelos ancestrais é ir ao encontro da história, visto que é no passado que se pode compreender as lacunas do presente. Assim, é preciso legitimar o conhecimento científico africano e de sua diáspora no mundo a partir de suas oralidades, histórias, lutas, resistências e culturas retidas nas teias e nas memórias de seus ancestrais.

[...] um velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a ‘ciência das terras’ (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a ‘ciência das águas’, astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 167).

Nas comunidades de remanescentes quilombolas, os seus ensinamentos e expressões socioculturais fazem referência aos conhecimentos herdados pela influência africana, tais como o cultivo de sementes crioulas, as quais têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente tanto pelas famílias camponesas, dentre elas as famílias

quilombolas, quanto pelos povos indígenas, podendo estas ser trocadas entre regiões e até países, levando os vários povos a se unirem em prol do resgate e da preservação da espécie, reconhecendo as culturas locais, suas histórias e saberes.

As sementes crioulas têm sido guardadas, reproduzidas e melhoradas milenarmente pelas famílias camponesas e povos indígenas em todo o mundo. As sementes têm garantido ao campesinato e a toda a humanidade a diversidade étnico-ambiental que herdamos. E servem como alimento para o corpo e para as emoções. Elas medeiam crenças nas relações místicas com o sagrado, unem os diferentes quando se fazem alimentos no cotidiano da vida social, insinuam a partilha pelo seu significado de alimento potencial que pode ser repartido entre os que necessitam plantar e deixam-se latentes para despertar como a genealogia de um insuspeitado vir-a-ser, de uma nova ou renovada relação dos homens com a natureza. (ALVES; MARQUES; MENDONÇA, 2013, p. 3).

Logo, na comunidade de quilombo Sítio Veiga não há como tratar de sementes crioulas sem falar da historicidade, a qual é símbolo – bandeira de luta – dos povos escravizados e dos seus descendentes quilombolas, que até hoje lutam pela legitimação de seus territórios, pelo direito de plantar suas sementes crioulas na forma original, sem que sejam contaminadas pela indústria do veneno, pelo direito de continuar socializando e perpetuando os ensinamentos de seus ancestrais, o que se faz necessário para continuarem existindo como comunidade quilombola, tal como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

E assim, primeiro que as sementes crioulas são importantíssimas para a manutenção da nossa vida. Alguns escritos eu não lembro onde eu vi, mas, quando você fala de sementes, vai voltar sempre às historicidades, não é? [...]. Então, essa população, esses escravizados, quando eles conseguiam escapar, eles carregavam consigo as sementes nos cabelos; nosso cabelo é crespo, então é fácil de fixar qualquer coisa [...]; então contam alguns escritos que essas sementes foram levadas para os quilombos por essa população, né, e lá, se você for olhar a história do quilombo dos Palmares, no que diz respeito à produção agrícola, eles tinham a melhor produção, inclusive um dos intuitos dos senhores escravocratas era destruir os quilombolas exatamente porque eles não conseguiam competir com a produção agrícola existente no quilombo, que era uma diversidade de sementes. E tanto era diversa em quantidade e qualidade, e isso causou muita revolta, muita luta, derramamento de muito sangue de gente, de muito preto e preta, né? Conseguiram destruir Palmares, mas não destruíram as sementes, porque eu sempre digo que nós, as sementes crioulas, temos uma resistência muito grande, e vejam que até hoje a gente luta, depois de 130 anos após a abolição [...]; a gente não teve muito avanço, e os avanços que nós tivemos foram praticamente de 2013 para cá, no governo do PT [Partido dos Trabalhadores], e agora nós estamos perdendo todos nossos direitos, da noite para o dia, sabe, mas a gente está resistindo, assim como as sementes crioulas, que resistem às secas sob sol, com muita chuva.

Essas sementes estabelecem, portanto, um paralelo entre os saberes tradicionais e a utilização dos cultivares de sementes crioulas repassados entre gerações. Representam o patrimônio da humanidade, cujos laços de pertencimento de um povo se firmam na identidade cultural, celebrados, compartilhados e socializados em suas inúmeras expressões socioculturais e

nos rituais de passagem. Representam ainda uma técnica milenar, capaz de preservar a identidade sociocultural de um povo, ao mesmo tempo que preserva o meio ambiente e a vida, estabelecendo uma conexão de harmonia, de respeito e de equilíbrio entre o homem e a natureza.

Mesmo que cada família, comunidade e povo tenham determinados recursos e sementes que são parte da sua cultura e identidade, o intercâmbio tem sido um elemento sempre presente, ao qual se tem dado não só conteúdos práticos e materiais, mas também sociais, religiosos, culturais. Por exemplo, em muitas culturas indígenas, o dote de casamento é a entrega de sementes de uma família para a outra; é muito comum que os camponeses partilhem as suas sementes como presentes aos outros etc. (RIBEIRO, 2003, p. 54).

Desse modo, compreender a origem da história do quilombo tem sua relevância, pois seu significado estabelece relações de uma identidade construída historicamente pelos povos africanos que deixaram o seu legado e ensinamentos para seus descendentes no mundo. Uma história marcada não só pela luta, mas também pelo amor à terra e respeito aos ensinamentos dos seus ancestrais, dos rituais de passagem perpetuados nas reminiscências de suas memórias, como veremos abaixo:

[...] sempre quando a gente vai plantar, a gente está se lembrando do nosso antepassado. Eita! Como lembro que meu pai gostava tanto de plantar essa semente; não deixava se acabar, não. Aí a gente tem o cuidado de ir guardando nas garrafas [...]; só você que tem dela que vai plantando, como fazia nosso antepassado, aí se espalha no meio do mundo que você tem aquela semente, aí o povo sai catando aquela semente e perguntando: 'Fulano, você tem aquela semente de feijão? Eu não tenho mais [...]. Dá para você arranjar um litro ou meio litro?'. Aí vai arrumar aquela semente para ele; vai plantando e plantando de novo, e aumentando a semente que não tinha mais. (FAVA, 2019).

[...] eu, quando nasci, já existiam as sementes, que era o meu pai que plantava, trabalhando na agricultura, né, aí eu fui crescendo e pegando um entendimentozinho, trabalhando mais com ele no roçado, e fui conhecendo o que é a lavoura, né, como é que se planta o feijão, como é que se planta o milho, como é que se planta a fava, o trabalho no roçado [...]. Aí acontece que eu fui vendo o meu pai fazendo tudo aquilo ali e eu aprendi; hoje, graças a Deus, pude ensinar os meus filhos, os meus netos, ajudando alguns parentes [...]. Hoje os meus filhos já estão todos adultos, mas ensinei a trabalhar até cada um deles se governar, e eu já não estar mais no comando deles [...]. (FEIJÃO DO EVERARDO, 2019).

Os exemplos chamam a atenção pela relação perpetuada desde muito cedo pelos ancestrais no quilombo Sítio Veiga, cuja memória e oralidade envolvem ações e saberes para além de uma simples técnica ao se plantar as sementes crioulas. Nas entrevistas, ao perguntar aos(as) entrevistados(as) de que forma haviam aprendido o cultivo de semente crioula, todos(as) foram unânimes em responder que haviam aprendido com seus antepassados (pais, avós), fazendo parte esses conhecimentos do cotidiano familiar do quilombo, pois cresceram cercados por sementes crioulas tanto nas atividades da agricultura como nas atividades domésticas: a debulha de feijão, os hábitos culinários, as hortas de seus quintais, etc.

Dito isso, percebe-se que no quilombo Sítio Veiga não tem como falar das sementes sem relembrar a memória de seus ancestrais, suas histórias passadas oralmente e contadas de uma geração à outra, não só com vistas a dar continuidade à tradição, mas principalmente dar oportunidade às próximas gerações de usufruírem desse patrimônio cultural. Isso faz com que se reflita que a ancestralidade não envolve apenas o conhecimento transmitido por um ancião, a qual pode ser repassada por uma pessoa comprometida com um conhecimento oral, capaz de se preocupar com a dimensão humana e os valores éticos associados, por exemplo: os laços de coletividade, a percepção das gerações futuras, a sustentabilidade e a preservação da vida planetária, enfim, que contribua para o desenvolvimento de mudanças significativas nas relações humanas, sociais e ambientais, a exemplo do cultivo de sementes crioulas. Sobre esse assunto, cabe transcrever o discurso de Feijão Pingo de Ouro (2019):

É de extrema importância o conhecimento repassado pelos mais velhos, detentores de sabedoria pela experiência no chão que habitam, porque acredito ser uma constituição dos conhecimentos, opiniões, gostos e valores das pessoas que vieram antes de mim, minha bisa, avó e tantas outras ancestrais. Somos resultados de conhecimentos, culturas, crenças, costumes, valores civilizatórios e até desse pertencimento identitário repassado pelos mais velhos [...].

Logo, é na tradição oral que os conhecimentos dos ancestrais são repassados de uma geração à outra, garantindo o testemunho verbal da palavra transmitida e sua preservação. “[...] Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, isto é, a tradição oral” (VANSINA, 2010, p. 140). É nessa relação baseada na tradição oral que se encontram a fundamentação das relações sociais e o processo de institucionalização social, que trazem consigo uma identidade própria, cuja representação coletiva encontra-se amparada na transmissão dos conhecimentos orais transmitidos.

Tudo que uma sociedade considera importante para o perfeito funcionamento de suas instituições, para uma correta compreensão dos vários *status* sociais e seus respectivos papéis, para os direitos e obrigações de cada um, tudo é cuidadosamente transmitido. Numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição. (VANSINA, 2010, p. 146).

Isso faz lembrar a força da oralidade dos saberes ancestrais perpetuados no quilombo Sítio Veiga, cuja tradição dos ensinamentos está presente para além da dimensão individual, posto que estabelece uma conexão com os(as) outros(as), formando a coletividade, com laços de amizade e socialização de conhecimentos, estabelecendo as redes sociais de

intercâmbios mediante trocas de experiências e resgates de algumas sementes perdidas, aproximando homens e mulheres e suas comunidades tradicionais, sendo eles(as) seus(uas) guardiões(ãs), tal como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

[...] A gente troca as sementes nos encontros estaduais. [...], eu levo as minhas sementes e tento trocar pelas que foram perdidas. Agora, aqui na Unilab, já trouxe sementes do quilombo e entreguei para os indígenas, os Canindés, não lembro as outras etnias dos povos, mas foi para três povos indígenas aqui do Ceará. Com isso, conseguimos resgatar algumas espécies que foram se perdendo. Sim, inclusive a semente de quiabo do quilombo Veiga. Eu lembro desse quiabo ainda quando era menina; quando minha mãe tinha essa semente, e a gente acabou perdendo, e foi através dessas ONGs (Esplar, Antônio Conselheiro) e participando dos encontros, das trocas de experiências com outros agricultores, em outras cidades, outros espaços, que a gente sempre trocava sementes. Então, a gente adquiriu novamente a semente de quiabo [...]. Então, quando se recupera uma semente assim, quando é uma semente única, uma única muda, a gente escolhe uma pessoa no quilombo que ficará responsável por ela. Essa pessoa de fato passará a ser responsável, será a sua mãe, vai estar ali cuidando. Não que os outros não sejam responsáveis, mas precisa ser alguém que tenha algo especial com as sementes, aquela do tipo uma mãezona [...]. Geralmente se escolhe uma pessoa que goste muito de plantar e que assuma o compromisso de cuidar para distribuir depois.

No quilombo Sítio Veiga, o próprio nome da casa de sementes Pai Xigano remete à sua memória, à sua ancestralidade, haja vista que Pai Xigano foi a primeira semente crioula a fecundar o então quilombo, juntamente com sua esposa, Maria Fernandes, também conhecida como “Mãe Veia”, e seus filhos, simbolizando os ensinamentos herdados, a força de manter vivas a memória e a ancestralidade latentes em cada semente plantada e germinada, perpetuando-se e seguindo entre as gerações, tal como elucida Feijão Bolinha (2019): “[...] Esse projeto foi em homenagem ao nosso bisavô, que era conhecido como Pai Xigano, uma forma da gente sempre se lembrar dos ensinamentos dele, pois cada semente que é plantada é como se ele estivesse com a gente [...]”.

Consoante Domingos (2011), os ancestrais seriam, portanto, seres humanos preciosos, uma biblioteca do tempo passado, trazendo para o tempo presente a sabedoria, a autoridade aos que vão envelhecendo, passando de uma geração à outra os ensinamentos dos que já se foram, mas que se mantêm vivos na memória. Logo, os ciclos da vida e seus rituais são revelados e socializados pelo passado no presente, tais como o nascimento, o casamento, a morte, etc., mas também os festejos, celebrando e renovando a vida, o plantio, a colheita, a caça, etc. Tal fato suscita a reflexão do quanto são de fato importantes os ensinamentos ancestrais nas fases que acompanham o desenvolvimento do ser humano, da consciência de si mesmo(a), de suas raízes, o que deve ser ensinado desde a mais tenra idade, a exemplo da

celebração dos rituais de passagem e da dimensão transcendental, como a fé e a devoção a São Gonçalo, tal como enfatiza Feijão Pingo de Ouro (2019):

Levando para a dimensão espiritual, Sobonfu Somé diz ser necessário manter a relação com os espíritos/ancestrais para nos mantermos em bons caminhos, bons relacionamentos, boa sanidade e para sabermos quem somos e como seguir nesse plano material. Então, acredito que todo esse conhecimento dos espíritos é importante para sabermos quem somos e de onde viemos, porque, se eu sou o que sou hoje, é porque eles querem e me guiam para isso.

Esses valores que regem a sabedoria ancestral têm uma forte relação com a cosmovisão africana, posto que a influência de suas culturas está arraigada na própria identidade quilombola dos moradores do Veiga e nas relações de cuidado, amor e respeito à terra e às sementes, ou mais precisamente, como enfatiza Domingos (2017), a relação natureza e homem se completa na cosmovisão africana e suas diásporas no mundo, isto é, existe uma ontologia antropocêntrica, que é a unidade de interligação e complementariedade entre todas as coisas. Uma vez existindo qualquer ruptura ou destruição nessa relação, o homem estaria fadado ao desequilíbrio e à própria destruição, dado que perderia as energias do Universo e de Deus como o seu criador.

*Bazimus*¹⁶, os espíritos, explicam o destino do homem; o homem é o centro dessa ontologia; animais, vegetais e fenômenos naturais e objetos sem a vida biológica constituem o meio ambiente onde o homem vive, se aprovisiona, extrai os meios de existência e, se for necessário, o homem estabelece relações místicas com ele. Esta ontologia antropocêntrica é uma unidade completa. É uma relação de solidariedade na qual não pode haver ruptura ou destruição. E se acontecer o contrário, causa desequilíbrio do próprio homem, da natureza, enfim, de todo o Universo. Destruir ou remover uma destas categorias é destruir toda a existência incluindo a destruição do Criador. A soma desses elementos constitui uma força, poder, energia que penetra em todo o Universo. É Deus a Fonte Controladora desta força, mas os espíritos têm acesso a uma parte dela. (DOMINGOS, 2011, p. 4).

Logo, a não evolução do seu *munthu*¹⁷ levaria ao caos, à destruição, como afirma Domingos (2011, p. 3): “A desintegração, a separação com a Natureza constituiu para o homem africano o obstáculo do desenvolvimento integral do *munthu*, Ser Humano”. Assim, o autor supracitado afirma o quanto é significativo para o homem africano e suas diásporas no

¹⁶ Aqui *Bazimus* são os espíritos que explicam o destino do homem e sua relação com o meio ambiente, com Deus e com o universo como um todo. Detêm os espíritos parte de uma força (menor) concedida por Deus (força maior), capaz de levar o homem a se conectar com o meio ambiente e com o universo como um todo. Assim, cabe ao homem respeitar e estabelecer uma relação de equilíbrio com o meio ambiente de um modo global, posto que qualquer desequilíbrio nessa relação poderá repercutir na sua própria destruição e na do universo que o cerca (DOMINGOS, 2011).

¹⁷ Nas línguas bantas africanas: “*munthu*” significa homem, ser humano, composto por “*nthu*” (força vital). Faz referência ao homem em seu processo de estágio de desenvolvimento integral para tornar-se um ser humano mais evoluído. Estabelece uma relação de luta contra o seu enfraquecimento para o desenvolvimento de sua força vital e consequentemente evolução do ser humano, incontestável e dinamicamente ligada à natureza (DOMINGOS, 2011).

mundo se conectar com a natureza, sentindo-se parte integrante nessa relação, o que envolve uma relação de profundo respeito, cuidado e preservação. Nessa relação, o homem não é um ser abstrato, individualizado e singular, não se separa da natureza, funde-se nela.

Nessa percepção, a vegetação seria a árvore da vida, com poder de proteção e fecundidade, local de realização de muitos rituais de passagem e iniciação; um local sagrado em que as mulheres encontrariam a possibilidade da fertilidade e sucessivamente da continuidade da vida; um local cujo território liga as mulheres às ervas e às plantas; um local que proporciona aos homens um contato maior com os minerais, as pedras, os grãos e as forças potentes extraídas (DOMINGOS, 2011), confirmando, assim, as palavras de Feijão Sempre-Verde (2019):

Aqui a gente tem muito cuidado com nossa mata; tem lugar na mata que respeitamos, ninguém mexe, ninguém entra nele nem agride; ela é preservada por todos. É uma mata virgem. E, quando vamos, é para nos ligarmos aos nossos antepassados [...]; vamos para nos desligar do mundo, ficar em silêncio e fazer nossos pedidos.

Ou ainda, como enfatiza Domingos (2011), a mãe terra assume a dimensão da própria fonte de subsistência da vida, de valores, de rituais, de iniciação, de conhecimento, de sabedoria e de criação, onde tudo se une e se funde na natureza. Seria a relação de pertencimento do homem à terra, à religião, aos espíritos, a todos os deuses; a força transcendental e cosmológica se comunicando com a terra viva, da terra como mãe, da terra como vida, o que se reflete nas palavras de Fava Espirito Santo (2019):

Então, essas sementes são construídas em um processo organizativo, e quando a galera está ali, limpando o mato ou plantando, está falando do seu dia a dia, está planejando, está falando do passado. Então, falar de sementes crioulas é falar de ancestralidade, é manter vivas nossas memórias. É você olhar e começar a analisar a história da semente crioula, não olhar para sementes só como uma semente, mas como uma vida.

Nessa perspectiva, fica evidente a relevância dos conhecimentos ancestrais e do cultivo das sementes crioulas nas comunidades tradicionais, um ensinamento perpetuado entre gerações, mantendo viva a memória de seus antepassados e do amor à terra, ao território, ao meio ambiente e às formas de ritualização, cujas sementes crioulas tocam na sensibilidade de celebrar e de festejar a colheita, relembrando nesses momentos a memória, a saudade e a reminiscência dos ancestrais. Uma semente natural, nativa, que germinará, mas nunca perecerá, ficando retida e guardada na lembrança de seus guardiões que estão vivos e daqueles que no futuro darão continuidade à tradição.

4.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS DEBULHAS DE FEIJÃO: UMA FORMA LÚDICA DE RESGATE DA MEMÓRIA DOS ANCESTRAIS

As histórias em torno das debulhas de feijão talvez sejam um dos aspectos mais criativos e lúdicos, levando as crianças do quilombo Sítio Veiga, desde a mais tenra idade, a se conectarem com seus ancestrais, aprendendo esse ofício. Assim, surgiu de dentro do quilombo a escritora Rádlei Eugenio Dóroth, sendo os seus ancestrais a sua maior fonte de inspiração. Uma fonte de memória recordada nas suas escritas, em suas lembranças infantis, nos dedinhos que se debruçavam nas debulhas do feijão, das sementes crioulas, inspirando-a na elaboração da obra *Contos de antigamente*¹⁸, cuja elaboração remete à reminiscência de seus ancestrais.

Em *Contos de antigamente*, Dóroth (2017) destaca quatro histórias: “A velha chata e o pé de pião-roxo”, “O alto da Pelelê”, “O cachorro que comia ata” e “O homem que não ia ao enterro até o fim”. Nestas histórias, a autora destaca a forte conexão que tem com seu avô, ancestral considerado por ela como inspirador de seus personagens. Destaca que as histórias de assombração seriam aquelas mais apreciadas pela criançada do quilombo. Além disso, Dóroth articula os ensinamentos de seus ancestrais com os personagens de sua vida cotidiana no quilombo, dando, assim, maior ênfase aos animais, às plantas, ao sobrenatural.

Nas sociedades caracterizadas pela tradição oral, a contação de histórias possui uma importância fundamental, na medida em que se constitui como um forte manancial de saberes e conhecimentos e, sobretudo, como uma forma de transmissão destes que, aliados à memória, mostram-nos e ensinam muito sobre os significados e significantes sociais presentes nessas sociedades, como o culto às divindades e aos ancestrais, a relação com o tempo e com a natureza, fenômenos que são atravessados secularmente e ensinados de geração a geração. (HAERTER; BARBOSA JÚNIOR; BUSSOLETTI, 2017, p. 91).

Para os autores supracitados (HAERTER; BARBOSA JÚNIOR; BUSSOLETTI, 2017), o ato de contar histórias nas comunidades tradicionais geralmente é trazido por aqueles que têm o compromisso com a memória de seus ancestrais, que conhecem suas raízes e tradições, representando uma forma de manter vivos seus costumes. Esse ato estabelece ainda uma maneira de resistência e luta por suas histórias, por sua cultura, pelo modo de ser daquela comunidade, sendo a transmissão do conhecimento compartilhado e socializado oralmente uma forma de garantia dos aspectos de socialização dessas comunidades, o que aproxima

¹⁸ A referida obra foi organizada pela Escola de Ensino Infantil e Fundamental Antônio de Almeida e pela Academia Estudantil de Letras de Quixadá, Ceará, no ano de 2017. A segunda publicação da obra foi exposta na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará, da qual participei na organização e colaboração da produção de alguns exemplares.

ainda mais os membros do grupo, suscitando a reflexão do quão importante é o papel de um narrador de história dentro das famílias tradicionais.

Mas a contação de histórias nessas comunidades também foi, e continua sendo, uma expressiva forma de resistência, na medida em que, cultural e historicamente falando, os quilombolas resistiram através da memória e da preservação e ressignificação de suas crenças, costumes, valores civilizatórios marcadamente africanos. (HAERTER; BARBOSA JÚNIOR; BUSSOLETTI, 2017, p. 93).

Dito isso, na história “A velha chata e o pé de pião-roxo”, Dóroth (2017) é muito enfática quanto à memória de seu avô, fazendo alusão inicialmente aos seus costumes e práticas cotidianas da tradição do cultivo de sementes crioulas presentes nas contações de histórias, em que as famílias debulham o feijão, selecionam suas sementes, alimentam-se delas, plantando-as e guardando-as para as próximas gerações. Sobre isso, cabe trazer o que diz a autora: “Meu avô contava muitas histórias na debulha de feijão [...]” (DÓROTH, 2017, p. 5), o que remete à forte relação das sementes crioulas presente no cotidiano das famílias do quilombo Sítio Veiga, cuja dimensão criativa das contações de histórias permite manter vivos os ensinamentos de seus ancestrais, aproximando a jovem narradora do seu avô e das transmissões de conhecimentos por ele repassados, como podemos perceber na história abaixo:

A velha chata e o pé de pião-roxo

Meu avô contava muitas histórias na debulha de feijão. As histórias de assombração eram as mais apreciadas por todos. Um dia ele contou que havia uma mulher muito, mas muito ruim, ela era uma velha chata que negava tudo a todos, tudo que lhe era pedido, era negado. Certo dia essa mulher adoeceu e morreu. Como ninguém gostava dela, não havia ninguém que quisesse enterrá-la. Mas, como a velha não podia ficar cheirando mal dentro de casa, chamaram uns bêbados para levá-la para o cemitério que ficava muito distante. Eles pegaram a rede, puseram um tronco de árvore e se puseram a caminho. Só que tinha um problema: a velha era muito gorda e os bêbados não podiam com ela, soltaram a velha no chão e pegaram um pé de pião roxo [*sic*] e deram uma pisa nela até cair a última folha. Diziam eles que pé de pião roxo [*sic*] era sagrado e retirava as penas que a velha tinha que pagar. O cheiro ruim incomodava muito, então eles tomavam um trago de cachaça e continuavam o caminho. Assim a velha ficou mais maneira e os bêbados sacudiam a rede para um lado e para o outro e seguiam para o cemitério. (DÓROTH, 2017, p. 5-6).

Na referida obra, a autora estabelece a relação entre as plantas e o seu poder sobrenatural, chamando a atenção para a dimensão do sagrado ao referir-se ao pé de pinhão-roxo¹⁹ e seu poder para retirar os maus espíritos, a maldade, obter uma cura, amenizar e aliviar o sofrimento. O enredo da história mostra os bêbados pegando os galhos do pé de

¹⁹ “Pinhão-roxo, *Jatropha gossypifolia*, é muito conhecido pelos quintais e campos brasileiros – e também muito usado na medicina popular, nos banhos de descarrego, possuindo inúmeras propriedades” (GREENME, 2016, s.p.).

pinhão-roxo e dando uma surra no corpo da velha chata, uma forma que encontraram para retirar as maldades do corpo dela, as quais sobrecarregavam o caixão, permitindo, após esse ritual, que ficasse mais leve e fosse assim enterrado. Por todo o exposto, percebe-se o forte papel e poder que têm nos quintais dessas famílias as plantas e as sementes, que servem para a alimentação e para os rituais sagrados. O galho das plantas do pinhão-roxo é prática ainda frequente que se utiliza com as rezas, servindo para retirar o quebranto, o mau-olhado, estabelecendo a aproximação com as magias, os fenômenos sobrenaturais, consubstanciando as palavras de Milho Vermelho (2019):

Bom, eu conheço muitas plantas; aprendi com os meus pais. Algumas servem para a cura de algumas doenças [...]. Você adocece, vai no mato, pega uma casca de pau, faz um chá e consegue ficar curado [...]. A quina-quina é um remédio muito bom para cicatriz e fortalece os ossos [...]. Aí você aprende e vai passando de geração em geração para fortalecer a história dos nossos antepassados.

Assim, é na contação das histórias e dos rituais sagrados e da dimensão do sobrenatural que se permite a autenticidade da história das comunidades tradicionais quilombolas e de suas raízes culturais africanas, ressignificando suas vidas e os elementos de sua cultura original, da história latente de seus ancestrais.

Conforme Haerter, Barbosa Júnior e Bussoletti (2017), as contações de histórias contribuem significativamente para o processo de ensino e aprendizado das crianças, despertando inúmeras vivências, emoções e valores, tais como: medo, respeito, responsabilidade e valores morais. Tal fato remete à fala dos(as) entrevistados(as), segundo os(as) quais a relação dos ensinamentos ancestrais sobre o cultivo de sementes crioulas estabelece uma relação para além do plantio, despertando os valores do respeito aos conhecimentos ancestrais, o repasse desses conhecimentos às outras gerações, a preservação do meio ambiente e o cuidado a cada etapa do plantio das sementes, como veremos abaixo:

Nós já nascemos sabendo das sementes [...]; desde criança que nós fomos criadas aprendendo com nossos pais e avós. Eles contavam muitas histórias dessas sementes e diziam: ‘Aquela é para guardar; aquela é para comer’, e foi assim que a gente foi criada [...]. (FEIJÃO SEMPRE ROXO, 2019).

Dando sequência às narrativas da autora Dóroth, no conto “O alto da Pelelê” o destaque é dado para os fenômenos sobrenaturais, chamando a atenção, mais uma vez, para a dimensão dos espíritos, o campo do desconhecido e enigmático. O conto fala das encruzilhadas, bem como do respeito e do cuidado que devemos ter com aquilo que não

conhecemos, suscitando alguns daqueles personagens existentes na própria comunidade, como a madrinha Nena, severamente castigada ao transgredir o sobrenatural.

O alto da Pelelê

Contava ele que antigamente havia um alto assombrado, o alto da Pelelê. Esse alto era comum durante o dia, mas, quando chegava à meia-noite, quem passasse por lá, um pilão rolava alto a baixo atrás das pessoas. As pessoas tinham que correr muito rápido, pois quem não corresse o pilão atropelava e arrancava suas pernas. Quem tinha que passar por lá deveria ir antes ou depois de meia-noite. Certo dia, madrinha Nena tinha saído de tarde e só voltou à noite. Esqueceu que era proibido andar naquela hora. Quando ela chegou na encruzilhada do alto, ela olhou para os dois lados e começou a correr. Correu, correu muito, até que cansou. Quando olhou para trás, lá vinha o pilão quase alcançando. Ela entrou em casa, trancou a porta e contou a todos o que aconteceu. Quando abriu a porta, viu o pilão lá no alto. Ela passou a mão nos olhos e olhou novamente, então não viu mais nada. (DÓROTH, 2017, p. 6-7).

A relação com o sobrenatural enfatizada acima também é percebida na história: “O homem que não ia ao enterro até o fim”. A narrativa da autora mostra um homem que não cumpria os rituais fúnebres, ficando com a maldição e o castigo de ter seu corpo pesado após a morte, não conseguindo ser carregado e sendo necessária uma surra de pinhão-roxo para trazer leveza ao seu corpo e assim poder ser enterrado.

O homem que não ia ao enterro até o fim

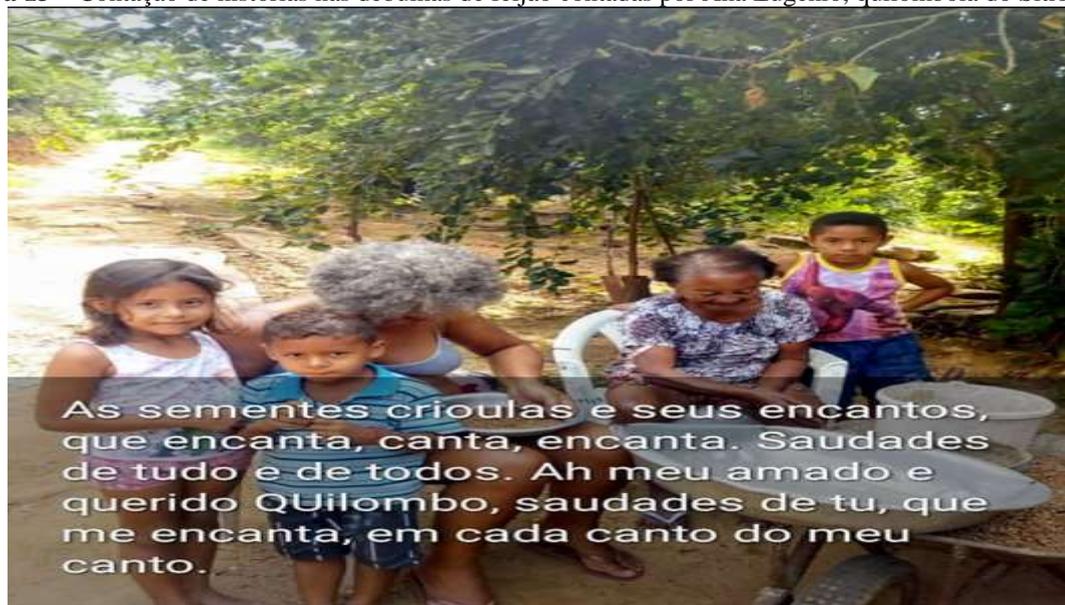
Uma vez, a minha mãe me contou por que devemos sempre ir ao enterro até o final e nunca só até o meio do caminho. Havia um homem que sempre ia ao enterro, mas nunca até o fim. Quando chegava num certo lugar, ele parava e sempre dizia que teria que voltar. Inventava muitos motivos e em todos os enterros esse homem parava no mesmo lugar e com algum pretexto voltava para casa. Passaram-se anos, e esse homem ia ficando velho e fazendo sempre a mesma coisa. As pessoas prestavam atenção naquele comportamento. Um dia, o homem morreu e todos foram enterrá-lo. Quando chegaram num certo lugar, o caixão pesava tanto que ninguém conseguiu segurar e caiu no chão. Ninguém conseguia mais levantar. Uma velhinha que conhecia o comportamento do homem compreendeu o que estava acontecendo e disse: - Não adianta vocês tentarem levantar o caixão, pois daí não sairá! Vocês lembram que esse homem ia a todos os enterros, mas sempre voltava para casa do mesmo lugar? Ele não passará daqui. Então a velhinha experiente mandou trazerem um pé de pião roxo [*sic*] e trouxeram, ela deu uma pisa nele até cair a última folha e só assim levantaram o caixão até o cemitério e o enterraram. (DÓROTH, 2017, p. 7-8).

Percebe-se na história acima que Dóroth (2017) já não destaca o seu avô como o protagonista da história narrada. Aqui a história apreendida ocorre através de sua genitora, Ana Eugenio, uma geração anterior à sua, mas que também cresceu ouvindo as histórias de seus antepassados, tal como enfatiza em sua autobiografia (2018) ao recordar seus momentos de infância, como veremos adiante:

À noite, em tempos de colheita, sentávamos em forma de círculo para debulhar feijão e ouvir as histórias de trancoso²⁰. De todas histórias contadas, a que me causava mais medo era a da mulher que descia o Quilombo de uma ponta à outra, chorando em profundo desespero. Este fato ocorria a partir de meia-noite, logo, muitos moradores deixavam de sair neste horário. José Lourenço, meu pai, quando não bebia, era maravilhoso, sobretudo quando no período da colheita de feijão nos animava com as contações de histórias. Eu amava quando ele contava a história do compadre rico e do compadre pobre, era uma história que movimentava meu imaginário, principalmente por conta do pé de gameleira na qual a história se passava. Nunca vi um pé de gameleira, mas sempre que vejo árvores grandes sou remetida de alguma forma a esse tempo/espaço. Aquele momento fazia com que esquecêssemos os momentos de embriaguez e fome que nos tiravam a paz. (SILVA, A., 2018, p. 25-26).

Desse modo, Ana Eugenio se preocupou em dar continuidade à oralidade por eles(as) transmitidas nos contos. Ela hoje também é referência lúdica no quilombo, uma contadora de história muito querida pela criançada. Ela canta, encanta, escreve poesias, relembra em cada debulha de feijão o quão importante é transformar o lúdico em aprendizado, fazendo a ponte entre a reminiscência do passado e a memória latente do presente, cujos contos narrados constroem a biblioteca oral deixada para as gerações futuras, tal como a história da Cruviana, contada no tempo de infância de Ana Eugenio por seu pai, Zé Lourenço, como podemos perceber no poema a seguir, que ilustra a imagem de Ana Eugenio, sua mãe e algumas crianças do quilombo, com a debulha do feijão fazendo-se sempre presente nesses momentos.

Figura 13 – Contação de histórias nas debulhas de feijão contadas por Ana Eugenio, quilombola do Sítio Veiga



Fonte: Acervo do quilombo Sítio Veiga (2019).

²⁰ Histórias contadas pelos mais velhos e repassadas pelas gerações oralmente, sendo popularmente conhecidas com esse nome. Essas histórias são conhecidas popularmente como “de trancoso” por conta de um caráter inventado; em verdade, estão interligadas diretamente com casos vividos, sendo experiências relatadas.

Agora recordaremos a história da Cruviana, que arrepia os cabelos da criançada do quilombo e deixa os(as) que lá chegam cheios(as) de curiosidades e fantasias, como a pesquisadora em questão. Logo, a Cruviana é história contada a todos(as) que chegam ao quilombo pela primeira vez e que lá são convidados(as) para dormir. Assim, as perguntas iniciais feitas pelos(as) moradores(as) do quilombo é: “Você sabe quem é a Cruviana?”; “Você conhece a história da Cruviana?”. Claro que a resposta é: “Não conheço”. E essa foi a minha resposta. Diante de meu desconhecimento sobre a história da Cruviana, tia Ana Eugenio (2019) entra em cena e faz alusão à tão famosa história, como veremos adiante:

A Cruviana²¹

Meu pai, Zé Lourenço, contava que certo dia chegou um viajante em um cavalo muito bonito e bateu na porta de um casal que morava no quilombo – já era bem tarde da noite – e resolveu pedir abrigo; falou que tinha vindo de muito longe e que nem ele nem o cavalo poderiam continuar a viagem, pois estavam muito cansados. O dono da casa respondeu: ‘Minha casa é pequena. Aqui já tem eu, minha mulher e meu filho, mas, se você quiser ficar e dormir, tem o alpendre’. O viajante respondeu que aceitaria. O dono da casa fez um alerta para o viajante, dizendo que tivesse muito cuidado, pois, quando dava de meia-noite chegando para a madrugada, a Cruviana apareceria e não deixaria ninguém dormir. O viajante foi dormir, mas ficou esperto: pegou um pau de jucá e deixou pertinho dele. Só que de repente começou a zoar, as árvores balançavam, as telhas voavam, o cavalo começou a ficar agitado, começou a se pisar. O viajante se desesperou, pegou o pau de jucá e disse que ia acabar com a Cruviana, mas a escuridão era terrível. Mesmo assim, correu em direção ao cavalo, pois achava que estava sendo atacado. Chegou lá perto do cavalo, pegou a vara de jucá e tacava em todos os lugares que ele imaginava que a Cruviana estivesse. De repente, tudo se acalmou e ele achou que tinha acertado nela e foi dormir morto de cansado. Quando foi de manhã, o dono da casa acordou primeiro do que o viajante, pois ele estava muito cansado da briga com a Cruviana que durou a noite quase toda. Quando ele se acordou, o dono da casa perguntou: ‘Como passou a noite? Você viu a Cruviana?’. O viajante respondeu que tinha visto a Cruviana, que passou a noite quase toda atrás dela e que a teria acertado com um pau de jucá e a matado. O dono da casa pediu ao viajante que eles fossem olhar a Cruviana morta; o viajante seguiu atrás dele e, quando eles chegaram perto do pé de jucá, o que encontraram foi o cavalo morto. O dono da casa perguntou: ‘O que você fez, meu amigo? O que você pensou que era a Cruviana?’. O viajante respondeu: ‘Eu pensei que era um bicho, meu amigo, uma coisa do outro mundo’. O dono da casa respondeu: ‘Meu amigo viajante, a Cruviana é o vento. Você não viu nem sentiu as árvores balançando, o frio da madrugada, as telhas querendo voar?’. O viajante perguntou: ‘Por que você não me falou? Você me fez matar o meu cavalo e passar a noite acordado. E agora, como vou seguir viagem sem o meu cavalo?’. O dono da casa respondeu: ‘Quem mandou você se precipitar?’. E assim terminou a história.

É nesse terreno do sobrenatural que as histórias tomam vida nos diversos achados dos contos no quilombo, todavia sempre um novo elemento vem à tona, o que faz refletir sobre o que está por trás dessas contações. Na Cruviana, os aspectos sensoriais, como a percepção dos elementos da natureza, a exemplo do barulho do vento, são suscitados nas

²¹ História contada por Ana Eugenio na primeira noite em que dormi na sua residência no quilombo Sítio Veiga. A referida história será publicada com outros contos, os quais estão sendo organizados no quilombo com a minha participação.

noites no quilombo. Eles(as) sabem distinguir cada tipo de som emitido nessa relação, como: o barulho do vento nas árvores, o barulho do vento sobre o telhado, o vento com a chuva, contudo quem não conhece apavora-se mesmo, precipita-se e sofre com seus medos imaginários, como aconteceu com o viajante ao matar seu cavalo por confundi-lo com a assombração e não assimilando que fosse o vento. E quem vai pela primeira vez e não escuta a história real da Cruviana pode se assustar, pois a intensidade do vento que passa pelas costas é assustadora, sem falar que os barulhos emitidos por esses fenômenos naturais parecem vozes, causando um sentimento de medo, principalmente para quem mora na cidade e vai para o interior, visto que no interior há poucas casas e muito mato, o que faz com que o vento se intensifique, passando aquela sensação que está assobiando, gritando, levando a pensar que seja algo do plano sobrenatural, como aconteceu com o personagem viajante que pediu abrigo no quilombo. Percebe-se, assim, a importância de o ser humano se conectar com a natureza, senti-la, ouvi-la, protegê-la, criar uma atmosfera de harmonia, não a agredindo e tirando dela apenas o necessário para si e os outros, devolvendo o que dela utilizou e pensando nas futuras gerações, tal como o cultivo de sementes crioulas.

Diante do exposto, as contações de histórias aqui narradas estabelecem uma relação com os mistérios da vida, do sobrenatural e dos rituais sagrados, a relação com a natureza, cujos ensinamentos orais transmitidos pelos ancestrais aos contadores de histórias estabelecem o elo entre os vivos e os mortos, ressignificando suas culturas, saberes, crenças, valores e memórias.

4.3 AS 12 SEMENTES CRIOULAS E A DANÇA DE SÃO GONÇALO: UMA EXPERIÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA DE FÉ E CURA

Ela se chama Ana Maria Eugenio da Silva, quilombola do Sítio Veiga, cuja história carrega um diagnóstico de câncer de mama. Ana Maria, disposta a lutar, resolve escrever sua autobiografia²², encontrando nesses relatos e na dança de São Gonçalo²³ e das sementes crioulas uma forma de superação, resiliência e fé.

²² O presente estudo faz referência ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da autora Ana Maria Eugenio da Silva, intitulado *Enfrentamento e superação do câncer de mama: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola*, apresentado à Universidade Estadual do Ceará (UECE) para a obtenção do título de graduada em Serviço Social no ano de 2018.

²³ “A dança de São Gonçalo foi trazida pelo casal Chiquinho Ribeiro e Mãe Veia no início do século XX. O ritual é em homenagem ao santo português Gonçalo, que nasceu na cidade de Talgide, em 1187. Em Portugal, a tradicional festa é realizada na cidade de Amarante no dia 7 de junho, com uma semana de festejos, procissões, banda de música e folguedos populares. Gonçalo estudou em uma escola arquiépiscopal em

[...] fico a pensar nos sujeitos acometidos pelo câncer que não sabem ler, escrever, pois não tiveram oportunidade de estudar, assim como eu tive. Penso que estes devem sofrer ainda mais com o impacto da doença. Por isso, a escrita foi uma das maneiras de desabafo e também de enfrentamento e superação do câncer de mama. (SILVA, A., 2018, p. 17).

Cabe ressaltar que o ato de narrar e descrever sua própria autobiografia deixa para a ciência e a pesquisa os caminhos de aproximação com a realidade vivida pelas mulheres quilombolas, com fundamento em: crenças, valores, relações com a terra e o território, dimensões do sobrenatural reveladas pelos ensinamentos dos seus ancestrais, tradições da dança de São Gonçalo e as 12 sementes crioulas, dimensões da espiritualidade, ampliando o debate do câncer de mama a partir das especificidades de uma mulher de origem quilombola ainda pouco exploradas e debatidas nos espaços acadêmicos e da pesquisa.

[...] É através da prática da espiritualidade, os negros acessam às suas divindades [...], e encontram nas suas práticas espirituais e de rituais uma linguagem que vai além da consciência; eles entram em contato com a energia orgânica do próprio indivíduo protegendo-os de seus efeitos autodestruidores. Essas práticas estabelecem nos indivíduos ou comunidade um sentido para a vida. Isto é, um resgate a esse ser humano ecológico e ético. (BARROS, 2011, p. 6).

O método autobiográfico abre, portanto, os caminhos para contestar a cientificidade positivista, que tanto discriminou os registros históricos dos povos africanos e de suas diásporas no mundo. Nesse modelo, esses sujeitos sociais tiveram sua oralidade silenciada e invisibilizada pelas narrativas eurocêntricas, sendo meros espectadores de suas histórias e vivências, resultando na superficialidade e não originalidade de suas verdadeiras histórias, daí a importância de colocar as populações étnicas como protagonistas de sua própria história, fazendo com que transponham para o mundo a essência de suas memórias e narrativas autobiográficas, o seu potencial criativo.

É fato notório na história das ciências humanas a influência exercida pelos métodos experimentais desenvolvidos no âmbito das ciências físicas e biológicas, sobre as formas com que cada uma se conduziu para investigar os fenômenos sociais que lhes dizem respeito. Entretanto, o que foi a princípio um verdadeiro fascínio – pois servir-se de tais métodos era a condição para se ter o reconhecimento como disciplina científica – veio a se tornar com o tempo uma verdadeira tirania [...]. Não se trata aqui de reconstituir essa história, mas de lembrar que este é um dos principais pontos que dão origem às insatisfações que vão surgindo no interior de cada uma dessas disciplinas e ensejam um movimento de rupturas e mudanças que se iniciou nas primeiras décadas do século passado e não cessou de se desenvolver até os dias de hoje. Tais mudanças dizem respeito não somente à busca de novos métodos de investigação, mas, sobretudo, a um modo novo de conceber a própria ciência. Ou seja, ao abrir mão dos métodos

Braga, foi ordenado sacerdote e posteriormente pároco de São Paio de Vizela. O culto ao santo foi permitido apenas no ano de 1551, pelo papa Júlio III, e foi canonizado em 1561” (SANTOS, 2009, p. 54).

experimentais e seus correlatos, que traduziam a ambição de se constituir em cada campo uma ciência racional e objetiva, capaz de dar conta da tarefa de descobrir as regularidades que ocorrem na natureza e as leis que regem tais fenômenos, estava-se na verdade abdicando de um conceito de ciência em favor de outro. (BUENO, 2002, p. 13-14).

A autora supracitada afirma ainda a relevância de irmos ao encontro de novos métodos científicos, capazes de extrair a subjetividade dos sujeitos sociais. Enfatiza que é preciso compreendermos os aspectos subjetivos dos sujeitos sociais, a oralidade, situando-os também como sujeitos de suas histórias. “[...] A subjetividade passa a se constituir, assim, na ideia nuclear, vale dizer, no próprio conceito articulador das novas formulações teóricas e das propostas que realimentam a área a partir dessa viragem” (BUENO, 2002, p. 13).

Desse modo, realça-se a relevância de colocar as populações africanas e suas diásporas como protagonistas de sua própria história, fazendo com que transponham para o mundo a essência de suas memórias e narrativas, o seu potencial criativo e sua essência de seres humanos no mundo.

[...] o pensamento eurocêntrico sempre tentou manipular grande parte da identidade moderna, colocando os negros como o seu espelho negativo. Quando o europeu se coloca como o mais civilizado, seu parâmetro era dizer que o negro era primitivo, supersticioso, incivilizado, sem história e sem cultura. (BARROS, 2011, p. 5).

É preciso, portanto, legitimar o conhecimento africano, respeitando sua história e as raízes ancestrais herdadas pelos povos africanos e suas diásporas no mundo, cujo conhecimento estabelece a ligação com a espiritualidade e o desenvolvimento da pessoa como ser humano. A negação e/ou destruição da compreensão humana africana, do ser e sua essência natural, leva a humanidade à condenação do *maafa*, compreendido como o infortúnio de morte ou, como enfatiza Marimba Ani (1994 *apud* NOBLES, 2009, p. 281):

[...] a característica básica do *maafa* é a negação da humanidade dos africanos, acompanhada do desprezo e do desrespeito, coletivos e contínuos, ao seu direito de existir. O *maafa* autoriza a perpetuação de um processo sistemático de destruição física e espiritual dos africanos, individual e coletivamente.

Os estudos autobiográficos de Ana Eugenio têm raiz ancestral africana, carregam a compreensão de espiritualidade centrada na dimensão pessoal e de ser humano, colocando-a como a protagonista de sua própria história, trazendo para a pesquisa e a ciência uma autobiografia a partir de suas entranhas, da sua gênese:

Este estudo busca também fomentar o debate no mundo acadêmico, visto que a autobiografia é também um caminho para se aproximar da realidade, por sobretudo aqui se tratar de um estudo baseado na historicidade de uma mulher negra

quilombola, visto que neste meio debate-se pouco sobre as referidas populações supracitadas. (SILVA, A., 2018, p. 15).

Assim, os estudos autobiográficos elaborados por Ana Eugenio chamam a atenção para a sua vivência pessoal, história de vida, compartilhando suas dores na busca pelo enfrentamento do câncer de mama, cuja escrita faz a conexão com o seu território, os aprendizados das raízes ancestrais, dimensões com a espiritualidade, as quais foram fundamentais no processo de superação e cura de sua doença. “Cabe ainda destacar a importância da espiritualidade para a saúde. Na minha experiência, o território, o sentimento de pertencimento a uma cultura, a tradição religiosa da Dança de São Gonçalo e o apoio da escrita contribuíram para o processo de cura” (SILVA, A., 2018, p. 16).

Desse modo, Nobles (2009), em seus estudos sobre a psicologia ocidental e africana, tece grandes reflexões sobre a dimensão da espiritualidade e da relação do ser humano como essência e existência. Evidencia que a psicologia ocidental estaria mais voltada a prover e legitimar o próprio regime imperialista e racista que a criou (CCHR, 2003 *apud* NOBLES, 2009). Todavia, consegue empiricamente, no âmbito da ciência, ter validação tanto médica como psicológica dentro de suas abordagens psiquiátricas e psicoterapêuticas, usadas para perpetuar as ideias eurocêntricas, as quais se destinam, na maioria das vezes, a oprimir, em vez de buscar a cura e a prevenção da saúde mental.

Ao apresentar a psicologia africana, Nobles (2009) destaca sua relevância para o processo de libertação física, mental e espiritual, uma vez que esse modelo está mais preocupado com a essência humana africana, ligada aos aspectos natural e instintivo, cuja busca é a cura do ser, do vir a ser e dos laços de pertencimento africanos em todas as suas dimensões e expressões históricas.

Para os africanos, o entendimento humano exige o exame e a explicação do significado, bem como o funcionamento da natureza (essência) do ser humano. Diferente da noção de ‘essencialismo’ encontrada no pensamento ocidental, a ideia africana de ‘essência’ ou natureza humana ainda está por ser explorada e compreendida em termos africanos. Não podemos aceitar *a priori* o pressuposto de que a noção africana de ‘essência’ ou espírito corresponda ao essencialismo europeu. A África e as coisas africanas devem ser examinadas e apreendidas em terreno africano (ou seja, com significados e aplicações africanos). Agir de outra forma é restringir o conhecimento africano e as suas inspirações ao campo de visão dos instrumentos e das interpretações europeus. (NOBLES, 2009, p. 279-280).

Assim, para compreender as relações religiosas de matriz africana, deve-se levar em conta o significado e a conscientização de ser humano e pessoa, questões estas mais importantes do que o próprio sincretismo religioso, tão presente nas raízes africanas no Brasil, em que a ancestralidade africana traz à tona o significado de quem são/eram esses

indivíduos, de onde vieram, dos laços de pertencimento e do significado da própria existência (NOBLES, 2009). Enfatiza o referido autor que é preciso extrair do *Medu Netcher* (A escrita de Deus) a compreensão do *sakhu* e *shetí* dos povos africanos, pois sua compreensão é algo muito profundo, além da materialidade. O primeiro termo, o *sakhu*, seria, portanto, aquele que traz a iluminação, ou seja, o olho e a alma do ser humano e daquilo que o inspira. Já o *shetí* estaria intrinsecamente ligado aos aspectos da pesquisa, dos estudos e dos livros sagrados.

O *sakhu shetí* exigiria que se interrogassem a linguagem e a lógica dos povos africanos tradicionais para apreender de forma profunda e nítida o funcionamento dos povos africanos contemporâneos. Nossos ancestrais foram trazidos para o Novo Mundo destituídos de liberdade, ou seja, em grilhões, mas não chegaram destituídos de pensamento ou crenças sobre quem eles eram. Nossos ancestrais vieram com uma lógica e uma linguagem de reflexão sobre o que significava ser humano e sobre quem eles eram, a quem pertenciam e por que existiam. Somente por meio de uma interpretação profunda da linguagem e da lógica de nossa própria ancestralidade seremos nós, os africanos diaspóricos, capazes de verificar os significados e as compreensões que determinadas comunidades transportaram para o maafa da escravidão. (NOBLES, 2009, p. 281).

Temos, pois, na relação estabelecida entre *sakhu* e *shetí* a busca pela interrogação da linguagem, o estudo, o conhecimento e o aprendizado dos povos africanos tradicionais, exigindo, a partir desse legado histórico-cultural, a própria compreensão do funcionamento dessas raízes tradicionais e suas diásporas na contemporaneidade (NOBLES, 2009).

Dito isso, seguem as narrativas descritas por Ana Eugenio, que, ao descobrir o diagnóstico de câncer, relata sua dor e sofrimento, algo semelhante ao cantar do galo e do acauã: “[...] descrevi, ainda que de forma fragmentada, um pouco da minha trajetória junto ao meu território, minha vivência junto aos meus, o cantar do galo fora de hora, o canto melancólico da acauã, que anuncia que algo sinistro vai ocorrer [...]” (SILVA, A., 2018, p. 17).

Percebe-se que a escrita e a espiritualidade tomam significados bastante relevantes na vida de Ana Eugenio, fazendo-a se aproximar ainda mais de seus familiares e dos laços de solidariedade e proteção, tão presentes durante a trajetória da doença; dos conhecimentos perpetuados por suas raízes ancestrais, tais como: a dança de São Gonçalo e das sementes crioulas, sendo esses aspectos fundamentais durante o processo de luta e superação do câncer de mama.

Nessa busca da superação de sua doença, Ana Eugenio traça seus caminhos rumo à sua cura, indo de encontro a si mesma, em um constante vir a ser, cujas raízes têm africanidade. Esse encontro exige, então, uma relação íntima consigo mesma, introspectiva,

no interior mais profundo da própria existência humana, fazendo da inautenticidade uma possibilidade de descoberta de si; o ser humano se reconhece assim como percebe as transformações que necessita para a sua vida, seja pessoal ou espiritual (BARROS, 2011). Como enfatiza o referido autor: “[...] Todas as práticas e todos os rituais o colocam em contato direto com suas próprias crises (inautenticidade) para que possam assumi-las e ordená-las” (BARROS, 2011, p. 6).

O autor supracitado ressalta ainda que a dimensão dos rituais está inserida em duas dimensões: a primeira relaciona-se ao aspecto objetivo, que fundamenta a própria realidade presente no ritual; a segunda liga-se ao processo de individualização, sendo uma escolha individual, pessoal e subjetiva, dando ao sujeito a liberdade de escolhas sobre sua própria fé, da qual ele não pode se eximir. “[...] Todo processo de iniciação que realiza o processo de individualização é processo individual e só o sujeito pode se engajar nele” (BARROS, 2011, p. 9).

Isso faz refletir, portanto, que realizar uma promessa para a cura de uma enfermidade não é algo tão simples, visto que passa por uma experiência individual e não tem necessariamente relação com religiões e crenças, contudo é na espiritualidade que o indivíduo pode se conectar com o que considera sagrado, com suas divindades, com suas crenças, com os diversos elementos em torno de suas promessas, o que irá lhe remeter ao plano da dimensão transcendental.

[...] Religião e espiritualidade foram consideradas como uma e a mesma coisa até a virada do século 19. A partir de então, estabeleceu-se gradualmente uma distinção entre elas. Religião passou a ser entendida como prática institucionalizada de um sistema de crenças, rituais e símbolos, compartilhada por uma comunidade. Espiritualidade, por sua vez, pode ser entendida como uma busca pessoal por significado e sentido maior no existir e sua relação com o sagrado e o transcendente, podendo estar vinculada ou não a uma religião formalizada ou designação religiosa. (DAL-FARRA; GEREMIA, 2010, p. 588).

De acordo com Ana Eugenio, a dimensão da espiritualidade e fé que envolve o ritual sagrado da dança de São Gonçalo adentrou em sua vida desde muito cedo, mais precisamente desde a infância, quando ela participava e acompanhava seus familiares e a comunidade do quilombo Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará, na tradição religiosa da dança de São Gonçalo, sendo o senhor Joaquim Roseno²⁴ o mestre que puxava a dança de São Gonçalo

²⁴ “Essa expressão cultural é repassada através das gerações para os descendentes da comunidade. Atualmente, a dança é animada pelo neto de Chiquinho Ribeiro e Maria Ribeiro, seu Joaquim Ferreira da Silva (Joaquim Roseno), hoje com 79 anos, mestre da dança. Em 2010, foi reconhecido como Mestre da Cultura pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, da qual passou a receber um salário vitalício e começou a participar do encontro dos mestres de cultura de todo o Brasil” (SILVA, A., 2018, p. 63).

e responsável pelo evento de comemoração da dança, que acontece todos os anos no mês de novembro. Essa tradição ocorria e até hoje perdura pelo repasse de conhecimento de seus ancestrais, sendo socializada oralmente de uma geração à outra, orientando sobre a importância da fé, da devoção e das promessas para a realização de um desejo, objetivo, a exemplo da cura de uma doença, de uma boa colheita, da obtenção de um emprego, dentre outros: “[...] O rito é símbolo sagrado; de uma forma ou outra exerce uma influência na psique humana, seja para a saúde ou, quando negligenciado, para a doença” (BARROS, 2011, p. 9).

Segundo os(as) entrevistados(as) da pesquisa, consubstanciando as palavras de Ana Eugenio, faz-se a São Gonçalo os mais variados pedidos, sendo os mais solicitados aqueles pertinentes a uma boa colheita e à obtenção de uma cura. Dito isso, foi exatamente no momento de maior dor e aflição que Ana Eugenio recorreu ao santo com todas as suas forças, e isso ocorreu após sua primeira cirurgia de retirada da mama, precisando se submeter a uma segunda cirurgia de urgência com menos de 24 horas após a primeira para a retirada de um coágulo e rompimento de um vaso sanguíneo que havia danificado sua prótese. Assim, diante de tanto medo e aflição, ela clamou a São Gonçalo, firmando devotamente sua promessa.

Foi neste momento de dor e aflição que recorri a São Gonçalo e pedi forças para suportar a segunda cirurgia, em menos de vinte e quatro horas. Se porventura alcançasse a graça, em novembro do mesmo ano assistiria toda a dança e na última jornada ficaria em frente ao altar segurando São Gonçalo. (SILVA, A., 2018, p. 43).

Fu-Kiau (1991 *apud* NOBLES, 2009) ressalta que foi dos povos banto-congo que os nossos ancestrais angolanos afirmavam a existência de energia e poder que a pessoa seria capaz de emanar, assemelhando-se a um “Sol vivo”, e que teria um espírito (essência) cognoscente e cognoscível estabelecendo uma conexão profunda com o universo total à sua volta, de maneira perceptível e ponderável. “A pessoa é ao mesmo tempo o recipiente e o instrumento da energia e dos relacionamentos divinos. É a essência espiritual da pessoa que a torna humana” (NOBLES, 2009, p. 282).

Ana Eugenio se conecta com seus ancestrais por meio dessa energia sensível, buscando na dança de São Gonçalo e nas sementes crioulas as possibilidades de sua cura, tornando-se mais humana e sensível à compreensão das questões espirituais e do conhecimento de si mesma como pessoa e ainda mais solidária, especialmente com as outras pacientes que apresentavam a mesma patologia, estabelecendo uma relação de humanização mútua. Inicialmente pedindo forças a São Gonçalo durante todas as fases de seu tratamento, desde a descoberta do diagnóstico positivo do câncer, depois nas sessões de quimioterapia e radioterapia, posteriormente se cuidando para manter uma alimentação mais saudável com

base nas sementes crioulas. Essa preocupação com o corpo despertou-lhe para a realização de oficinas terapêuticas sobre a importância de uma alimentação saudável com as pacientes do Centro Regional Integrado de Oncologia (CRIO). Esses conhecimentos passaram a ser socializados e compartilhados entre as pacientes.

Foi tudo tão lindo! As diversidades de sementes, os relatos dos pacientes, sobre aquele momento. Lembro-me que um deles dizia que aquele momento trouxe de volta lembranças vivas de seus familiares. O destaque maior foi a importância da produção de alimentos saudáveis e de que é possível, sim, produzir sem utilizar agrotóxicos. (SILVA, A., 2018, p. 49).

Com efeito, mediante as atitudes de Ana Eugenio, a direção da casa de apoio para as pacientes abraçou o projeto das sementes crioulas, fortalecendo essas ações com a implantação de uma horta comunitária, a fim de as pacientes produzirem seus legumes e hortaliças sem agrotóxicos, entrando a instituição com as compras de insumos e as pacientes com seus conhecimentos herdados pelas raízes ancestrais sobre o cultivo das sementes crioulas, posto que a maioria pertencia às comunidades de agricultores(as) rurais e já trazia consigo esses aprendizados.

Daquela rico momento assumimos um compromisso de fazermos uma horta comunitária, com intuito de ser uma terapia para nós, pacientes, a partir de nossa realidade e produzir verduras, hortaliças para o consumo dos que estão na casa de apoio. Dito isto, nossa contrapartida seria nosso conhecimento para iniciar e cuidar e a instituição entraria com a compra dos insumos. (SILVA, A., 2018, p. 49).

Figura 14 – Momento místico com os pacientes do CRIO debatendo sobre a importância das sementes crioulas para uma alimentação saudável



Fonte: Ana Eugenio (2018).

As sementes crioulas e sua relação com a dança de São Gonçalo simbolicamente são representadas por 12 dançadeiras, que seguem todo o ritual da procissão. As 12 sementes são as 12 jornadas que são cantadas, marcando todo o percurso do ritual.

A dança é feita em 12 jornadas²⁵, nome dado a cada repetição dos passos. As 11 primeiras jornadas são feitas em agradecimento ao bom ano na agricultura e à fartura. A última jornada é destinada ao pagamento de promessas alcançadas pelos moradores da comunidade ou de devotos de fora. As jornadas são contadas com sementes; 12 sementes começam nas mãos do contramestre e são passadas para o mestre ao fim de cada jornada. (SILVA, A., 2018, p. 57).

A consciência de si mesma também foi elemento fundamental que fortaleceu a espiritualidade de Ana Eugenio na continuidade de sucessivas cirurgias: ela teve que realizar posteriormente uma terceira cirurgia, devido novamente à rejeição de sua prótese. Assim, mesmo sabendo dos riscos pelos quais poderia passar, não se deixou influenciar por outras pessoas em suas decisões e mais uma vez se submeteu à intervenção cirúrgica (terceira) com fé e devoção, o que demonstra que a espiritualidade envolve uma atitude de amor incondicional, respeito e crença em si acima de tudo.

A terceira promessa aconteceu quando meu organismo insistia em não aceitar a prótese, e minha mastologista falou que havia exposição da mesma e teria que retirá-la o quanto antes para evitar infecção, lembrando que já era a segunda rejeição. Então, mesmo diante do risco, resolvi continuar; os motivos foram: sempre acredito que há sempre outra possibilidade além da que está posta; cada pessoa reage diferente a determinada ação; e mais ainda que iria tentar por mim, mas também por outras mulheres acometidas com o câncer e também pela equipe médica que fez todo o procedimento. Minha situação ficaria como experiência para todos, seja boa ou ruim. Parte de minha família e amigos dizia que eu estava louca: ir contra a palavra da médica, mas pensava cá comigo que nem todas as mulheres terão a coragem de enfrentar, então eu enfrentarei e sairei vitoriosa, tudo vai dar certo. Esta foi a frase mais repetida: ‘Vai dar certo’. A promessa ocorreu quando retornava para casa e até os dias atuais continuo com a mesma prótese. (SILVA, A., 2018, p. 62).

A força existente nas atitudes de Ana Eugenio fez com que ela trouxesse um significado para a sua vida, voltando um olhar introspectivo para dentro de si e o ressignificando, buscando alternativas para a superação de suas dores, refletindo sobre o mundo e as pessoas e estabelecendo uma conexão com sua espiritualidade. A partir dessa relação, traçou objetivos e metas de superação, não desistindo, compreendendo as questões inerentes à possibilidade de morrer, mas também de lutar pela vida com a devoção do seu santo protetor, São Gonçalo, sendo esses elementos os mais importantes na dimensão espiritual e dos ensinamentos dos seus ancestrais, ou seja, lutar pela vida, como afirmam Olinda e Souza (2015, p. 243):

²⁵ “É a quantidade de vezes que eles cumprem e acertam a dança durante os versos em louvor” (SILVA, A., 2018, p. 57).

A consciência da condição humana com todas as suas limitações e necessidades é fator impulsionador de busca do que há de melhor em nós mesmos e nos outros. Espiritualidade aparece como fortalecimento diante das diversas situações de dor, de aflição e de angústia. A espiritualidade é a âncora, é porto seguro que acalma, que tranquiliza e que orienta no sentido de acreditar e confiar em nós mesmos como sendo capazes de transgredir essas limitações e, assim, fortalecendo nosso interior diante dos desafios do dia a dia.

A maioria dos(as) entrevistados(as) explicitou a dimensão da fé como um dos aspectos mais importantes para a realização das promessas alcançadas na dança de São Gonçalo, o que remete aos conhecimentos herdados por seus ancestrais, dando sentido às suas vidas, aos rituais sagrados em prol do fortalecimento de sua fé e espiritualidade, entretanto em contato com a energia cósmica, buscando cura/proteção, acreditando na superação de seus sofrimentos. “No fazer da comunidade, executando danças, proferindo cânticos e fazendo os rituais propiciatórios, manipulando insígnias, o indivíduo estará colocando ordem no próprio caos. Dessa forma, o sujeito estará simbolizando essa busca de si mesmo” (BARROS, 2011, p. 6).

São Gonçalo é um santo muito milagroso. Cada pessoa que faz promessa com São Gonçalo sempre a gente percebe o quanto essas pessoas vêm pagar suas promessas alegres. Olha, é muito difícil uma pessoa que tem fé não alcançar sua graça; se fizer com fé, consegue mesmo. Aqui tem os nossos ancestrais, eles estão por perto, eles nos ensinaram a nunca perder a fé. A dança ficou para a gente acreditar que existe fé, existe cura, tem como alcançar a graça. [...]. Dançamos e cantamos com São Gonçalo e nossas promessas são alcançadas. [...]. (MILHO IBRA, 2019).

Geralmente existe um ritual em torno das promessas ao santo – que são pagas durante o mês de novembro – quando os pagadores das promessas seguem o percurso de uma procissão, cantando e dançando em homenagem ao santo, trazendo a simbologia para além da religiosidade e expressão cultural, posto que também é uma forma de manter vivas e atuantes a tradição, a oralidade e a própria história acerca do quilombo Veiga e seus ancestrais, demarcando seus territórios e identidades negras quilombolas. O evento atualmente é realizado na Semana da Consciência Negra, como uma forma de fortalecer a luta e resistência desses povos.

A dança de São Gonçalo é comum em algumas comunidades quilombolas e consiste em uma tradição e marca identitária desse território negro. No entanto, [...] não é um espetáculo: fazem para celebrar e agradecer a boa colheita, o plantio. A dança, junto com a reza da folia, pagamento de promessas, preparação de comida, formam o conjunto amplo que compõe a festa em homenagem a São Gonçalo, religiosidade católica realizada na Semana da Consciência Negra no Quilombo Sítio Veiga. (VIDEIRA, 2009 *apud* SILVA, A., 2018, p. 57).

Figura 15 – O ritual sagrado da dança de São Gonçalo:
Ana Eugenio indo de encontro ao pagamento de suas promessas



Fonte: Acervo de Ana Eugenio (2018).

Os trechos adiante são da música de São Gonçalo e das 12 sementes crioulas, simbolizando a romaria e todas as trajetórias dos pagadores de promessa em torno da graça alcançada:

Eugênia quando se viu²⁶ / De dores amortecidas / Valeu-se de São Gonçalo / Logo foi favorecida. // São Gonçalo é um santo muito milagroso. / É de Deus amado, é de todo o povo. Quem São Gonçalo serve, será servido. / É de Deus amado, é de todo o povo / Quem São Gonçalo serve, de coração. / É de Deus amado, é de todo o povo²⁷. // Que nunca viu venha, venha ver (bis) / São Gonçalo no terreiro (bis) / Dançando com seus devotos (bis) / Junto com seus companheiros. (bis) // Ô que caminho tão longe / Ô que areia tão quente / Se não fosse São Gonçalo / Aqui não tinha essa gente²⁸. // Adeus, adeus, São Gonçalo / Até o ano que vem / Se a morte não nos matar / Se Deus quiser, eu também²⁹. // Graças a Deus, já chegamos / Nesta casa de alegria / Onde mora Santo Deus, / Filho da Virgem Maria³⁰.

Por fim, fica a relevância da dança de São Gonçalo, uma expressão cultural que foi capaz de se conectar com Ana Eugenio para além da dor e do sofrimento, pois, com a graça alcançada, abriram-se os caminhos para fechar as cicatrizes que porventura ainda haviam ficado, descortinaram-se os caminhos para continuar vivendo e ampliou-se principalmente a força de continuar mais próxima da espiritualidade e dos ensinamentos de suas raízes africanas, passadas por seus ancestrais e perpetuadas entre as gerações quilombolas.

²⁶ Trechos da música de São Gonçalo cantados por Ana Eugenio como forma de agradecimento à graça alcançada na promessa ao santo.

²⁷ Esse verso é cantado quando se inicia a dança em forma de batuque.

²⁸ Esse verso é cantado já quase ao final da dança, momento em que todos os grupos saem do local onde está ocorrendo o ritual e dançam em torno desse espaço, dando uma volta completa.

²⁹ Essa estrofe é uma das últimas cantadas e dançadas. É um momento muito místico, em que cada dançadeira – como chamamos as integrantes do grupo – vai ao pé do altar onde está São Gonçalo para agradecer por mais um ano de vida e também para pedir que esteja viva no ano seguinte.

³⁰ Essa estrofe é cantada quando se chega da pequena romaria.

5 OS SABERES ANCESTRAIS DO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS COMO AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL QUILOMBOLA

Nesta seção, apresentarei os conhecimentos ancestrais e sua relação com o cultivo das sementes crioulas na construção da identidade sociocultural quilombola, suas formas de organização coletiva, os meios de preservação e a sustentabilidade ambiental. Para tanto, discutirei sobre as formas peculiares de agricultura familiar, com destaque para as sementes crioulas, a relação com o meio ambiente, a terra, o território, bem como os principais problemas vivenciados pelas comunidades tradicionais para manter vivo o cultivo de sementes crioulas.

5.1 OS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS E SUA RELAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIOCULTURAL NO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS

As bases de organização coletiva de quilombos no Brasil estabelecem uma forte influência dos povos africanos, especificamente os de origem bantu³¹ trazidos da África e escravizados no Brasil (séculos XVI-XVII), cuja relação estabelecida foi se firmando pelo sentimento de laços coletivos e de pertencimento étnico, uma base de formação política que se firmou na luta contra a escravatura e suas formas de opressão, consolidando-se mesmo após a abolição como elemento de formação territorial, somada à luta pela titulação de seus territórios, um lugar de refúgio para os homens e mulheres continuarem lutando e organizando-se coletivamente (MUNANGA, 1996).

[...] a relação do quilombo brasileiro com o quilombo africano reafirma sua importância como forma de resistência ao escravismo. Nessa perspectiva, mais que um refúgio para os negros, os quilombos foram reunião de homens e mulheres que se negaram a viver sob o regime de escravidão e que desenvolviam laços de solidariedade e fraternidade na reconquista de sua dignidade. Assim, a ênfase na definição deve, então, ser posta sobre o binômio resistência e autonomia, e não sobre o ato da fuga. (MUNANGA, 2001 *apud* SILVA; NASCIMENTO, 2012, p. 27).

Para os povos *Mundombe* de língua umbundo, quilombo significa campo de iniciação, desde o século XIX. E, no moderno umbundo, relaciona o termo à palavra “*ocilombo*”, ou seja, fluxo de sangue de um pênis recém-circuncidado. Utilizando-se ainda

³¹ No Brasil, a palavra “quilombo” tem sua origem nos povos de língua bantu (*kilombo*), especificamente dos grupos *Luanda*, *Ovimbundu*, *Mbundu*, *Kongo*, *Imbangola*, dentre outros, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire. Esse termo envolve diversas simbologias e expressões linguísticas (MUNANGA, 1996).

a expressão “*ulombo*” para designar o próprio sangue do prepúcio dos iniciados, os quais passam a ser usados como remédios em alguns rituais. Esses rituais de passagem e circuncisão simbolizam a força, a masculinidade de homens que estariam preparados para a vida adulta (MUNANGA, 1996). Ressalta ainda o referido autor que, para os povos *Imbangala*, cuja raiz é umbundo-vangala, essa expressão significa “ser bravo” e/ou “vagar extensamente pelo território”. Por fim, Munanga (1996) evidencia que no Brasil essa expressão ganha maior respaldo se aportuguesando o termo, que passamos a chamar como “quilombo”, dada a forte influência dos povos Bantu trazidos da África e escravizados no Brasil.

Por meio dessa imagem do quilombo africano que o Brasil foi se firmando no processo de luta contra a escravatura. As dores e revoltas dessa população arrancada de seus territórios de origem foram estabelecendo as bases de organização política, social, econômica e cultural, as quais ao longo do tempo foram se fortalecendo, de modo que se rebelassem contra os seus opressores. Essa instituição nasce ainda pela relação de laços coletivos de pertencimento, união, afinidade e construção de sua identidade coletiva.

Assim, foi na relação com a terra e o território que foram se consolidando as bases de organização coletiva nos quilombos brasileiros, fazendo da terra um lugar para pensar o grupo, suas expressões culturais, religiosas, artísticas e gastronômicas, os ensinamentos dos seus ancestrais, o cuidado com a agricultura, o cultivo de suas sementes crioulas, o que reflete todo o cuidado desses povos em manterem vivas suas tradições e as memórias de seus ancestrais, sendo estas repassadas entre gerações.

Claro que entender o que seja quilombo e suas formas de organização coletiva não é algo tão simples, levando-se em conta a própria negação nos processos históricos desses povos e as visões estereotipadas construídas e perpetuadas socialmente, cuja percepção distorcida e inadequada deixou resquícios que perduram até hoje, século XXI, retratando os quilombolas como sendo fugitivos, isolados, habitantes das florestas, seres humanos selvagens, bandidos, dentre outras denominações, o que se reflete nas palavras de Fava Espirito Santo (2019):

Primeiro é preciso entender que o quilombo que se discute hoje é o quilombo do passado, né, o quilombo antigo, que não corresponde à nossa realidade, naquela perspectiva do negro como escravizado, do negro apanhando, do negro em sofrimento. O quilombo não está dentro de uma bolha, ele está dentro de um todo, e este todo fortalece essa questão do negro. Não podemos aceitar o negro como se ele não fosse capaz, do negro como se não fosse um indivíduo, que vai ocupar os piores trabalhos; não digo os piores trabalhos, mas aqueles que requerem mais força, daquele estereótipo que foi criado no passado e que ainda perdura até hoje. Então, nós carregamos esses estereótipos do processo escravocrata em todos os espaços,

né? É na escola, na saúde, no campo, na cidade, e isso faz com que muitos não assumam sua identidade. Quem quer ser negro se ser negro para a sociedade é ser feio, é ser vergonhoso?

As palavras elucidadas trazem vários elementos para desconstruir a imagem até então imposta sobre o quilombo, haja vista que não se pode pensar o(a) quilombola como um ser humano fora da sociedade, enclausurado(a) e refém do passado escravocrata. No quilombo existem formas de organização, processos de resistência e lutas. Hoje os(as) quilombolas transitam por diversos espaços, não se restringindo unicamente ao quilombo, tais como universidades, movimentos sociais, associações comunitárias, o que faz com que se reflita sobre uma nova compreensão do que seja quilombo na atualidade, suas formas de organização, que se interligam nesses espaços e em suas ações cotidianas, coadunando-se com as palavras de Leite (2000, p. 335):

Tudo isto se esclarece quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser rememorado.

Essa realidade exposta pela autora (LEITE, 2000) chama a atenção para que possamos ampliar o entendimento do que seja o quilombo e sua referência aos processos históricos que situam a população negra escravizada e suas diásporas no mundo. Assim, temos, por um lado, a compreensão equivocada da identidade quilombola, sendo esta transmitida de maneira confusa na sociedade brasileira, motivo por que até hoje as pessoas só os veem à margem da escravidão, como se não fizessem parte da sociedade. Um passado que impacta negativamente seus processos de luta, como os projetos de reorganização fundiária, tão importantes para esses sujeitos sociais (LEITE, 1999).

[...] quando da Abolição da Escravatura, perdemos a chance de construir uma nação menos desigual e mais diversa. As elites políticas não estavam dispostas a superar o racismo e incluir os africanos e seus descendentes na nacionalidade brasileira recém-criada. Em 1988, um século depois, outra chance se apresenta, também trazida pela evidente constatação da exclusão social dos negros, e ao que tudo indica, também ela já se desmancha, através das mesmas artimanhas utilizadas no século anterior: a folclorização. Ou seja: estereotipia, desqualificação e exotismo como uma eficiente manobra, capaz de tirar de cena, de fazer desaparecer os sujeitos históricos de carne e osso, isso enquanto pleiteantes de um direito que então vem sendo negado. Novamente a luta pela cidadania periga perder sua força, aquilo que poderia gerar transformação, e esvaziar-se, enquanto apenas uma palavra da moda. (LEITE, 1999, p. 126).

A autora supracitada (LEITE, 1999) suscita que a folclorização do conceito sobre quilombo – até hoje propagada pela mídia – contribui para a não compreensão do que sejam o

quilombo e os remanescentes quilombolas, legitimando o “antigo” quilombo como sendo o “verdadeiro”, destituindo na conjuntura atual o “novo” quilombo, posto que este já não carrega consigo o refúgio unicamente em seus territórios, inserindo-se em outros espaços sociais, a exemplo das universidades. Assim, teríamos o “antigo” quilombo como o aceitável pelas forças dominantes, daí o palco do consumo, da espetacularização, do passeio turístico, que buscam a exposição do quilombo como espaço exótico, exposto à visitação, tal qual o índio, que durante muito tempo foi objeto de contemplação, assemelhando-se aos animais dos zoológicos (LEITE, 1999).

Nessa perspectiva, situar os remanescentes quilombolas como cidadãos de direitos, com possibilidades de ocupar um espaço na sociedade, de se organizar, talvez se intercruze com muitos obstáculos e equívocos nos processos jurídicos que questionam quem são de fato esses sujeitos sociais na sociedade, requerendo em suas decisões os chamados laudos antropológicos nas relações fundiárias de posse e de legitimação de seus territórios, em que a associação clássica ao quilombo antigo por parte do campo jurídico abre precedente ou morosidade nesses processos.

É importante refletir sobre o espaço que vêm ocupando os laudos antropológicos neste contexto de reconhecimento, particularmente no caso em que esses estão sendo solicitados em certos procedimentos administrativos³², que buscam promover a ‘identificação’ e reconhecimento dos ‘remanescentes das comunidades dos quilombos’³³. Nesses casos, muito embora sob a égide do reconhecimento, o universo administrativo-legal tende a reiterar a dominância de uma matriz explicativa construída com base em conteúdos cristalizados, que impedem os vários ângulos de leitura da história dos quilombos e a sua relação com a sociedade envolvente. Nesses casos, os referidos estereótipos homogeneizadores perpetuam-se claramente, em prejuízo daqueles beneficiários de um direito que veio a ser assegurado com base em processos culturais e sócio-históricos diversos. (CHAGAS, 2001, p. 215).

A autora supracitada (2001) afirma ainda que, apesar da relevância dos novos laudos antropológicos para o campo jurídico, que começam a produzir um olhar crítico na atualidade ao desmistificarem o quilombo como um ser cristalizado e revelarem os próprios equívocos cometidos e outrora negados sobre as especificidades e singularidades desses sujeitos sociais nos processos jurídicos, a figura do antigo quilombo continua a alimentar interesses escusos.

Esses laudos também estabeleceram, por muitos anos, um olhar homogêneo ao situar uma suposta interpretação de territorialidade negra, de representação única do

³² Portaria nº 40, de 13 de julho de 2000, da Fundação Cultural Palmares (FCP).

³³ Essas demandas também partem de uma formulação jurídico-institucional que precisa identificar quem são os titulares do direito assegurado aos “remanescentes das comunidades dos quilombos”.

movimento negro como sendo capaz de abranger todas as etnias, todas as africanidades, ligadas a uma única diáspora, negando, assim, a própria singularidade das comunidades dos povos quilombolas e suas demandas inerentes à/ao terra/território, algo que estabelece interesses peculiares que não abrangem todas as demandas presentes no movimento negro, apesar de sua relevância na luta pelos povos afro-brasileiros ao longo dos processos históricos.

Fava Espirito Santo (2019) indica que as reivindicações dos povos quilombolas nem sempre são prioridades na agenda do governo e das políticas públicas; assinala que, quando há alguma iniciativa, ocorre de forma pontual e/ou fragmentada, desfocada dos seus reais interesses e dos aspectos ligados às suas próprias singularidades, de suas reais demandas, como: uma escola e professores com uma pedagogia apropriada, capaz de dialogar com sua cultura e próxima de seus territórios, somada à regularização dos seus territórios.

Presos nesses estereótipos, não é à toa que Leite (1999) enfatiza o que está por trás da imagem do “velho” quilombo, um racismo disfarçado, que não aponta para mudanças estruturais, descaracterizando os movimentos sociais e suas lutas por seus territórios; o direito de ascender socialmente em outros espaços que não sejam unicamente os dos seus quilombos.

Nessa esteira, faz-se importante a afirmação positiva da identidade quilombola, que, segundo Fava Espirito Santo (2019), deverá perpassar pela desconstrução dessa imagem negativa do processo de colonização da história da África e de seus descendentes, tendo a escola um papel fundamental na reafirmação positiva desse legado histórico, cabendo aos educadores estabelecerem ações que articulem o respeito e a inclusão de saberes produzidos pelos próprios africanos e afrodescendentes, com vistas à descolonização daqueles conhecimentos produzidos erroneamente pelos interesses ideológicos dos etnocêntrico-eurocêntricos, como afirma Domingos (2017, p. 198):

[...] É dever de pesquisadores/as, com certa sensibilidade intelectual honesta, desenvolver as pesquisas de caráter libertador, que passa pela procura de uma ‘arqueologia’ da gnose africana enquanto sistema de conhecimento no seio do qual emergiram recentemente importantes questões filosóficas: em primeiro lugar, no que diz respeito à forma, ao conteúdo e ao estilo da africanização do conhecimento, em segundo lugar, no que concerne ao estatuto dos sistemas de conhecimento ditos tradicionais. A luta pela libertação e na luta pela libertação, antes de tudo, não se faz em relação ao outro, antes de tudo a gente se enfrenta para si mesmo.

Desse modo, compreender a origem da história do quilombo tem sua relevância, pois seu significado estabelece relações de uma identidade construída historicamente pelos

povos africanos que deixaram o seu legado e ensinamento para seus descendentes no mundo. Uma história marcada não só pela luta, mas também pelo amor à terra e pelo respeito aos ensinamentos dos seus ancestrais, dos rituais de passagem perpetuados nas reminiscências de suas memórias.

De acordo com a Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC, 2017), o que caracteriza as comunidades de origem quilombola é a própria trajetória histórica, que se refere às diferentes e variadas situações, que compreendem as doações de terras por elas recebidas a partir da desagregação de monoculturas; a própria realização de compras de terras por elas, advindas do fim do sistema escravista; as terras obtidas por elas na troca da prestação de serviços realizados; ou ainda as áreas ocupadas no processo de resistência ao sistema escravista. “Em todos os casos, o território é a base da reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade” (SEDUC, 2017, p. 1).

Assim, a comunidade Sítio Veiga migrou de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, para as áreas do Sítio Veiga desde 1906, estando nesse território há mais de 100 anos, onde seus membros fixaram suas raízes, bem como iniciaram sua relação com a agricultura, plantando suas sementes crioulas e perpetuando seus conhecimentos ancestrais entre as gerações, estando hoje com a sexta geração de famílias quilombolas.

De acordo com os dados da referida instituição até março de 2013, a Fundação Cultural Palmares (FCP) havia certificado 2.040 comunidades quilombolas. Desses dados se destacam as regiões do Maranhão, Bahia, Pará, Minas Gerais e Pernambuco, beneficiadas com maiores concentrações (FCP, 2013 *apud* SEDUC, 2017).

Destaca-se ainda, através do levantamento realizado pela FCP (2013 *apud* SEDUC 2017), a existência no Brasil de 1.209 comunidades remanescentes de quilombos certificadas e 143 áreas com terras já tituladas. Os dados revelam também que existem comunidades remanescentes de quilombos em quase todos os estados do Brasil, exceto no Acre, em Roraima e no Distrito Federal. Quanto ao estado do Ceará, existem comunidades quilombolas nos seguintes municípios: Aquiraz, Aracati, Araripe, Baturité, Coreaú / Moraújo, Crateús, Croatá, Horizonte, Ipueiras, Novo Oriente, Pacajus, Porteiras, Quiterianópolis, Quixadá, Salitre, Tamboril, Tauá e Tururu. Nesses municípios se distribuem 70 comunidades quilombolas, destas 42 já foram certificadas pela FCP (2013 *apud* SEDUC, 2017).

Quadro 1 – Comunidades quilombolas cearenses

(continua)

| Nº | Município | Comunidade | Nº de famílias | Certifica |
|-----------|--------------------|---------------------------|-----------------------|------------------|
| 1 | Tamboril Encantado | Encantados de Bom Jardim | 47 famílias | Sim |
| 2 | Tamboril | Lagoa das Pedras | 20 famílias | Sim |
| 3 | Tamboril | Brutos | 67 famílias | Sim |
| 4 | Tamboril | Torres | 40 famílias | Sim |
| 5 | Quixadá | Sítio Veiga | 45 famílias | Sim |
| 6 | Novo Oriente | Bom Sucesso | 73 famílias | Sim |
| 7 | Crateús | Queimadas | 95 famílias | Sim |
| 8 | Itapipoca | Nazaré | 47 famílias | Sim |
| 9 | Ocara | Lagoa das Melancias | 38 famílias | Sim |
| 10 | Salitre | Lagoa dos Crioulos | 121 famílias | Sim |
| 11 | Novo Oriente | Barriguda | 96 famílias | Sim |
| 12 | Ipueiras | Sítio Trombetas | 46 famílias | Sim |
| 13 | Ipueiras | Coité | 45 famílias | Sim |
| 14 | Tururu | Águas Pretas | 114 famílias | Sim |
| 15 | Salitre | Serra dos Chagas | 18 famílias | Sim |
| 16 | Pacajus | Base | 113 famílias | Sim |
| 17 | Pacujá | Batoque | 55 famílias | Sim |
| 18 | Salitre | Sítio Quincas | 18 famílias | Não |
| 19 | Araripe | Sítio Arruda | 38 famílias | Sim |
| 20 | Araripe | Campina de Fora | 35 famílias | Não |
| 21 | Araripe | Cachoeirinha / Coqueiro | 15 famílias | Não |
| 22 | Porteiras | Souza | 25 famílias | Sim |
| 23 | Potengi | Caracará | 40 famílias | Sim |
| 24 | Potengi | Sassaré | 14 famílias | Não |
| 25 | Potengi | Catolé | 35 famílias | Não |
| 26 | Mauriti | Extremas | 100 famílias | Não |
| 27 | Aurora | Sítio Antas | 40 famílias | Não |
| 28 | Salitre | Arapuca | 47 famílias | Sim |
| 29 | Aquiraz | Lagoa de Ramo e Goiabeira | 120 famílias | Sim |
| 30 | Aquiraz | Pereiral | 25 famílias | Não |
| 31 | Caucaia | Camará | 42 famílias | Não |
| 32 | Caucaia | Boqueirão da Arara | 102 famílias | Sim |
| 33 | Caucaia | Capuã | 45 famílias | Sim |
| 34 | Caucaia | Porteiras | 45 famílias | Sim |
| 35 | Caucaia | Serra da Rajada | 38 famílias | Não |
| 36 | Caucaia | Serra da Conceição | 60 famílias | Não |
| 37 | Caucaia | Serra do Juá | 28 famílias | Sim |
| 38 | Caucaia | Coca | 25 famílias | Não |
| 39 | Caucaia | Cercadão dos Dicletas | 40 famílias | Sim |
| 40 | Horizonte | Alto Alegre | 220 famílias | Sim |
| 41 | Aracati | Córregos das Umburanas | 46 famílias | Sim |
| 42 | Aracati | Cumbe | 35 famílias | Sim |
| 43 | Baturité | Serra do Evaristo | 55 famílias | sim |
| 44 | Croatá | Três Irmãos | 22 famílias | Sim |
| 45 | São Benedito | Carnaúba II | 145 famílias | Sim |
| 46 | Milhã | Carnaubinha | 35 famílias | Não |
| 47 | Milhã | Barra do Juazeiro | 49 famílias | Não |
| 48 | Independência | Santa Cruz | 30 famílias | Não |
| 49 | Ipueiras | Cedro | 15 famílias | Não |
| 50 | Monsenhor Tabosa | Boqueirão | 35 famílias | Sim |
| 51 | Monsenhor Tabosa | Boa Vista dos Rodrigues | 45 famílias | Sim |
| 52 | Novo Oriente | Lagoa de Dentro | 40 famílias | Não |
| 53 | Novo Oriente | Minador | 28 famílias | Sim |
| 54 | Novo Oriente | Paraná | 25 famílias | Não |

Quadro 1 – Comunidades quilombolas cearenses

(conclusão)

| Nº | Município | Comunidade | Nº de famílias | Certifica |
|------------------------------|------------------|------------------------|----------------|-----------|
| 55 | Novo Oriente | Santo Antônio | 30 famílias | Não |
| 56 | Parambu | Saco Virgem | 35 famílias | Não |
| 57 | Parambu | São Gonçalo | 40 famílias | Não |
| 58 | Parambu | Serra dos Paulos | 38 famílias | Não |
| 59 | Parambu | Serra dos Rodrigues | 45 famílias | Não |
| 60 | Poranga | Pitombeira | 65 famílias | Não |
| 61 | Quiterianópolis | Croatá | 35 famílias | Sim |
| 62 | Quiterianópolis | Fidelis | 30 famílias | Sim |
| 63 | Quiterianópolis | Gavião | 35 famílias | Sim |
| 64 | Quiterianópolis | Furada | 45 famílias | Sim |
| 65 | Quiterianópolis | São Jerônimo | 40 famílias | Sim |
| 66 | Tamboril | Barriguda | 45 famílias | Não |
| 67 | Tauá | Consciência Negra | 45 famílias | Sim |
| 68 | Coreaú / Moraújo | Timbaúba | 48 famílias | Sim |
| 69 | Tururu | Conceição dos Caetanos | 200 famílias | Sim |
| 70 | Iracema | Bastiões | 212 famílias | Sim |
| 71 | Cruz | Caçara de Baixo | 48 famílias | Não |
| 72 | Acaraú | Córregos do Luz | 48 famílias | Sim |
| 73 | Solonópole | Estrela | 50 famílias | Não |
| TOTAL: 4.017 famílias | | | | |

Fonte: Cequirce (2016 *apud* SEDUC, 2017).

O estado do Ceará possui até o momento 42 comunidades reconhecidas e certificadas pela FCP, como veremos no Quadro 2.

Quadro 2 – Comunidades quilombolas cearenses certificadas

(continua)

| Município | Comunidade | Data de publicação |
|------------------|--|--------------------|
| Tururu | Água Preta* | 10/12/2004 |
| Tururu | Conceição dos Caetanos* | 10/12/2004 |
| Porteiras | Souza | 19/04/2005 |
| Horizonte | Alto Alegre* | 08/06/2005 |
| Crateús | Queimadas* | 30/09/2005 |
| Aquiraz | Lagoa do Ramo e Goiabeira | 06/12/2005 |
| Pacajus | Base e Adjacências (Caetana e Retiro) | 07/06/2006 |
| Coreaú / Moraújo | Timbaúba | 13/12/2006 |
| Quiterianópolis | Croatá | 13/12/2006 |
| Quiterianópolis | Fidelis | 13/12/2006 |
| Quiterianópolis | Gavião | 13/12/2006 |
| Tamboril | Encantados de Bom Jardim* | 13/12/2006 |
| Tauá | Consciência Negra | 13/12/2006 |
| Tamboril | Lagoa das Pedras* | 02/03/2007 |
| Tamboril | Torres | 16/05/2007 |
| Croatá | Três Irmãos | 09/12/2008 |
| Araripe | Sítio da Arruda | 05/05/2009 |
| Novo Oriente | Minador | 19/11/2009 |
| Quixadá | Sítio Veiga | 19/11/2009 |
| Baturité | Serra do Evaristo | 24/03/2010 |
| Ipueiras | Sítio Trombetas | 24/03/2010 |
| Salitre | Serra dos Chagas | 27/04/2010 |
| Tamboril | Brutos | 27/04/2010 |
| Novo Oriente | Bom Sucesso | 28/04/2010 |

Quadro 2 – Comunidades quilombolas cearenses certificadas

(conclusão)

| Município | Comunidade | Data de publicação |
|------------------|---|--------------------|
| Aracati | Córrego de Ubaranas | 04/11/2010 |
| Ipueiras | Coité | 04/11/2010 |
| Quiterianópolis | Furada | 17/06/2011 |
| Quiterianópolis | São Jerônimo | 17/06/2011 |
| Ocara | Melancias | 08/11/2011 |
| Salitre | Renascer Lagoa dos Crioulos | 01/12/2011 |
| Itapipoca | Nazaré | 22/12/2011 |
| Caucaia | Boqueirão | 04/04/2012 |
| Caucaia | Cercadão do Dicetas | 04/04/2012 |
| Caucaia | Porteiras | 04/04/2012 |
| Caucaia | Serra do Juá | 04/04/2012 |
| Caucaia | Caetanos em Capuã | 03/09/2012 |
| Monsenhor Tabosa | Boa Vista dos Rodrigues | 03/09/2012 |
| Monsenhor Tabosa | Boqueirão | 03/09/2012 |
| Novo Oriente | Barriguda | 30/07/2013 |
| Potengi | Sítio Carcará | 30/07/2013 |
| Salitre | Nossa Senhora das Graças do Sítio Arapuca | 30/07/2013 |
| São Benedito | Sítio Carnaúba II | 30/07/2013 |

Fonte: FCP (*apud* SEDUC, 2017).

A demarcação do território no Sítio Veiga ocorreu, portanto, através dos estudos antropológicos que se aproximaram da comunidade, escutando suas narrativas, principalmente das pessoas mais velhas, guardiãs da sabedoria e história da comunidade, justificando-se o pertencimento étnico-racial dessas famílias e o porquê de suas lutas e reivindicações em pleitearem as terras, tal como afirma Dandara (*apud* COSTA, 2015, p. 26):

Nós estamos aqui há mais de 100 anos, muito mais de 100 anos. A minha mãe tem 75 anos e sempre aqui na comunidade, para você ter uma ideia. Nós estamos aqui há muito tempo. E o que é que a lei diz? Que as terras quilombolas onde os quilombolas vivem são de direito, são propriedades dos quilombolas, e elas precisam ser desapropriadas, aí a gente está nesse processo. Já foi feita a demarcação, já foi enviado. O processo ainda não foi concluído. Aí alguns dos proprietários, entre aspas, porque a terra é nossa, mas no papel é deles, eles recorreram; na verdade, foram dois que recorreram, eles moram em Quixadá. Eles dizem que nós nunca trabalhamos nas terras, que quem falou boa parte na entrevista dando essas informações não tem respaldo para dar tal informação, porque só tem 40 e poucos anos. Então o antropólogo do Incra volta novamente e eu digo: ‘Então você vem aqui, lê o que o [proprietário] disse e você vai ouvir a comunidade’. Aí eu estava conversando com o [antropólogo]: ‘Me diga uma coisa, o documento nós não temos obrigação de saber [...]’. O documento da terra também é uma coisa íntima. Eu não preciso expor para ninguém enquanto proprietário. Porque ele delegava que o nome não era Sítio Flores, é outro nome que era o terreno. [...] é a região que nós queremos, foi onde a gente sempre trabalhou. O fato é que, independentemente de nome, o Sítio Flores é o lugar onde a gente sempre trabalhou; se é chamado num sei de quê, não interessa, não importa, o fato é que é lá e que todo mundo conhece. [...] e eu: ‘Então vamos chamar a comunidade e você vai ler ponto por ponto, e vai retornar, e vai dar a resposta, e depois passa o próximo ponto, e a gente responde, e assim por diante’. Aí fizemos uma assembleia e foi perguntado. [...] Foi esse ano. Está com uns dois meses. Ele dizia: ‘Pessoal, o [proprietário] disse que vocês nunca trabalharam nas terras, que é mentira’. E o povo: ‘Mentiroso é ele!’. E eu fiquei calada: ‘Eu vou ficar na minha’, porque, como eu sou liderança, sou suspeita. Eu disse para [liderança masculina]:

‘Nem eu nem você vamos falar; a nossa fala vai ser para finalizar, então vamos dar as boas-vindas e vamos dizer o que é, mas nós não vamos falar’. E o povo: ‘Mentiroso é ele, porque nós sempre trabalhamos’. Aí eu disse: ‘Pronto! Aí você [antropólogo] volta e diz para ele que [...] foi a comunidade todinha, e aqui tem gente de 20 anos, de 18 e tem gente de 70 anos ou mais, então vai lá e tenta derrubar’.

O direito às terras por eles(as) ocupadas se reflete como um direito que consideram como adquirido há mais de 100 anos, assim são unânimes em afirmar a legitimidade da terra que ocupam. Um lugar que, para essas famílias, simboliza o lugar onde iniciaram suas plantações, levando suas crenças e rituais, tais como a dança de São Gonçalo, a memória e o ensinamento de seus ancestrais, o que se reflete nas palavras de Fava Espirito Santo (2019):

Foi um processo legítimo de ocupação, portanto, é um território que por direito é nosso, porque nós estamos lá desde 1906. É nele que nós plantamos, cantamos, dançamos. É nele que nós resistimos e enfrentamos todas as dificuldades possíveis para que a gente tenha sobretudo o território. Então, reafirmo é legítima essa terra, esse território; esse espaço é nosso. [...] os donos das terras somos nós; os que se dizem donos das terras são os invasores. [...]. O espaço é nosso e nós provamos que é nosso mesmo através das nossas lutas, da nossa permanência, insistência e resistência no território, porque ele é nosso. Então, a relação é essa, cada um do seu lado, no seu espaço. E, quando algum deles³⁴ tenta buscar informação sobre o processo, a gente pede para que eles vão até o Incra, que os documentos são públicos, e que eles busquem informações por lá. Na verdade, a gente não conversa sobre esses assuntos com eles, porque não resolve, a gente entende que o nosso problema não é com eles, então a gente fala: ‘O nosso problema não é com vocês, procurem o governo, pois esta terra é nossa; o território é nosso, então resolva com o governo’. E, para se resguardar, se proteger e evitar conflitos, não nos confrontamos diretamente com eles, mas buscamos nossos direitos através dos órgãos de representação.

Atualmente o processo de legitimação da titulação do território encontra-se parado. Os(As) entrevistados(as) atribuem isso à falta de interesse dos governos Temer e Bolsonaro, que atacam, segundo eles(as), as instituições, tal como o Incra, sucateando-as para que não possam desenvolver seu trabalho e legitimar as posses das terras aos quilombos.

[...] desde o golpe de 2016, este processo está parado, ele não tem caminhado; desde os governos de Temer e do atual, Bolsonaro, que foram dois golpes, golpes pós-golpes, passou a existir um ataque muito grande aos direitos e a algumas instituições, dentre elas o Incra, então, com isso, o processo de legitimação das posses das terras aos quilombos paralisou. Houve também a retirada de recursos para estes órgãos não terem condições de trabalhar, um verdadeiro sucateamento, fragilizando as ações, levando os processos a ficarem parados. E, nesse atual governo, que diz escancaradamente que não existe quilombola, que os quilombolas não têm direito, que desconhece completamente o processo sócio-histórico do Brasil, então essa não compreensão contribui para dificultar a posse dos nossos espaços, das nossas terras, dos nossos territórios. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

³⁴ O(A) entrevistado(a) faz referência às pessoas que se dizem donas da terra.

Assim, é na relação com o território e a terra que são fortalecidas as relações coletivas nos quilombos e suas bases de organização, econômica, cultural, política e social, o que faz da terra um lugar para pensar o grupo, suas expressões culturais, religiosas, artísticas, gastronômicas, bem como o cuidado com a terra e com a agricultura, além do culto aos seus ancestrais, tudo isso manifesta o cuidado desses indivíduos em manterem vivas suas tradições e memórias, sendo estas repassadas entre gerações, tal como enfatiza Silva, A. (2018, p. 21):

O Território e a territorialidade são de suma importância para as nossas famílias, visto que raízes destas famílias estão fincadas no chão através das gerações passadas, entendido como solo sagrado, lugar de encantos e desencantos. Terra fértil onde as mulheres pós-parto enterravam os cordões umbilicais de seus filhos, a pedido da parteira mãe Luzia, debaixo das mais belas e fortes árvores com o intuito dos recém-nascidos crescerem saudáveis e num solo místico, no qual plantamos e retiramos alimentos, remédios para nós e nossos animais.

Segundo Moura (1981), existe uma forte representação da terra – do território – para os remanescentes quilombolas, cujas áreas ocupadas sempre foram palcos de deslocamentos, de realocamentos, de expulsões e de reocupações, o que deixa clara sua dependência da terra, encontrando na terra a metáfora para pensar o grupo, sendo a terra ainda o elemento fundamental da organização das áreas ocupadas até hoje, espaços de luta e resistência, como preceituam as palavras de Leite (1999, p. 129):

[...] o deslocamento, o realocamento, a expulsão e a reocupação do espaço pelos grupos vêm reafirmar que, mais do que uma exclusiva dependência da terra, o quilombo faz da terra a metáfora para pensar o grupo e não o contrário [...] até porque o inimigo externo, caracterizado pelas invasões frequentes, sempre impôs, ao longo da história, a necessidade de uma defesa competente da área ocupada. Isto só começa a mudar com a Abolição, quando mudam-se os nomes e as táticas de expropriação, e a partir de então a situação dos grupos passa a operar através de outra dinâmica, a da territorialização étnica como modelo de convivência com os outros grupos na sociedade nacional. [...].

Logo, é preciso entender que os(as) remanescentes de quilombo têm raízes ancestrais, laços de coletividade e formas de organização coletiva presentes nos espaços políticos, que se entrelaçam às especificidades do seu modo de ser e viver da ocupação de seus territórios e das lutas diárias para ocuparem também um lugar na sociedade; por se manterem livres; por lutarem para ser reconhecidos(as) como cidadãos(ãs) de direitos.

E foi essa trajetória de luta pela terra e pelo território que culminou com a aprovação do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Federal de 1988, que tornou obrigatórios o reconhecimento e a titulação dos territórios quilombolas (MONTEIRO, 2004).

Nos últimos 30 anos os descendentes de africanos, organizados em associações quilombolas, reivindicam o direito à permanência e ao reconhecimento legal da posse de suas terras ocupadas e cultivadas para moradia e sustento, bem como o livre exercício de suas práticas culturais, crenças e valores considerados em sua particularidade. (LEITE, 2000 *apud* MONTEIRO; GARCIA, 2010, p. 154).

O atributo da resistência nos espaços de organização coletiva estabelece, portanto, as formas de luta na busca pela preservação do espaço conquistado e preservado por gerações, ao mesmo tempo que envolve a relação com o território, sendo este o espaço de referência para a construção da própria identidade quilombola, mais precisamente um espaço físico-material, mas também político, econômico, social e simbólico (SILVA; NASCIMENTO, 2012). “Se hoje existem territórios quilombolas é porque em um momento histórico dado um grupo se posicionou, aproveitando uma correlação de forças políticas favoráveis, e instituiu um direito que fez multiplicar os sujeitos sociais e as disputas territoriais” (SILVA; NASCIMENTO, 2012, p. 35).

Vale destacar ainda que a constituição da identidade quilombola envolve a própria necessidade de luta, posto que, quando uma comunidade quilombola se organiza coletivamente e reivindica seus direitos, por manter viva a reminiscência de seus ancestrais, quando ela também luta para se territorializar, está exercendo um novo olhar sobre a sociedade, ou seja, sobre aquele indivíduo que lhe foi negado transitar como cidadão(ã) de direito, de ser incluído(a) socialmente, estabelecendo, assim, uma nova territorialidade (SILVA; NASCIMENTO, 2012).

Dito isso, territorializar significa poder, autonomia, possibilidade de ascensão, superação das vulnerabilidades sociais, uma forma de se colocar no mundo, estabelecendo a conexão com seus ancestrais, com seus rituais sagrados, com o exercício de cidadania, com os aspectos materiais e simbólicos da vida.

[...] Para os remanescentes que dependem amplamente do território, esta relação é percebida e vivenciada fortemente através de diversas formas de utilização destes espaços para suprir as inúmeras necessidades, tais como: a caça, a pesca, lavagem de roupas, extração de raízes para a cura de doenças, fortalecimento da espiritualidade, as brincadeiras de criança, nas árvores para brincar, ou pegar frutos, o banho nos rios, a contação de histórias e lendas contadas nas debulhas de feijão, nas farinhadas e nos diversos espaços em que estes estão inseridos. (SILVA, A., 2018, p. 21-22).

Percebe-se, assim, de acordo com Almeida (2007) e Marques (2012), citados por Silva, A. (2018), que a percepção que recai sobre o território e a territorialidade está interligada com as marcas e reminiscências do passado com o presente, perpetuadas através das gerações que resistem na luta cotidiana pela titulação e direito de permanecerem nas suas terras tradicionalmente ocupadas.

Partindo dessas premissas, é preciso dar vez e voz aos povos quilombolas, situá-los como sujeitos de suas próprias histórias, deixar que possam falar por si, pois suas representações coletivas estão fincadas no chão, na terra, nos seus processos organizativos, haja vista que no quilombo existem associações que também os representam e que estão dentro dos processos de tomadas de decisão dentro de seus territórios, repercutindo significativamente nos aspectos de organização política, socioeconômica e cultural das conquistas almeçadas, como veremos nas palavras de Fava Balinha (2019):

Nosso quilombo se reúne para tomar decisões. Chamamos a comunidade para participar, alguns vão, outros não gostam de participar, mas o convite é feito [...]. Olha, conseguimos muitas coisas pela associação, como nossas cisternas, água nas casas, a própria casa de sementes foi decisão nossa, os vários cursos, a própria entrada dos jovens na Unilab [Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira], o próprio reconhecimento do nosso território, que ninguém tira, mas conseguimos com a nossa luta, com o apoio de todos da associação. Em 2009, fomos reconhecidos como comunidade quilombola, agora só está faltando o presidente assinar sobre nossa posse [...]. Acho que até mesmo o respeito da sociedade ganhamos mais, pois todos perguntam como conseguimos tanta coisa; querem até se juntar a nós [...]. Todos deveriam participar, compreender a importância da gente se reunir para melhorar nossa situação. Com união é mais fácil conseguirmos as coisas.

Da relação com a terra foi sendo estabelecida a organização política em torno do território, da posse da terra, do direito de continuar cultivando suas sementes e celebrando seus rituais em seu solo sagrado, cujo palco dessas disputas pela legitimação de seus direitos se revela como suas bandeiras de luta, palco de reivindicação e resistência.

Assim, o autorreconhecimento e a certificação como comunidade de remanescentes de quilombo foram grandes conquistas do quilombo Sítio Veiga no ano de 2009, concedidas pela FCP. Uma conquista para além do reconhecimento e do direito de essas famílias terem acesso às políticas públicas afirmativas e aos programas sociais, passando também a dar visibilidade à identidade quilombola desses sujeitos sociais. Uma visibilidade que, para os sujeitos sociais da pesquisa, passou a ressignificar sua imagem na sociedade como sujeitos sociais de direitos, o que traz à tona a própria singularidade dessa comunidade – elemento este essencial ao pertencimento e recorte étnico-racial do que é ser quilombola, cujas raízes estão fincadas na terra, nas sementes crioulas, nas suas formas de organização e nas reminiscências dos saberes repassados por seus ancestrais.

Os(As) que lá residem vivem da agricultura de subsistência, sendo a principal renda advinda da terra, em que a atividade ocorre pela socialização dos saberes repassados por seus ancestrais em seus roçados, como o plantio de sementes crioulas, como: milho, feijão, fava, melancia, maxixe, jerimum, pepino, etc. Portanto, além da produção oriunda dos

roçados, há também uma pequena parte da produção advinda dos quintais produtivos, por exemplo: frutas, verduras, plantas medicinais e criações de animais de pequeno porte. Quase toda a produção é destinada ao consumo das famílias e o pouco excedente, quando sobra, as famílias comercializam para outras comunidades ou o vendem na própria comunidade ou no entorno.

Desse modo, temos ainda as fortes representações das diversas variedades de sementes crioulas para a manutenção e a preservação dos(as) quilombolas e dos ensinamentos perpetuados entre as gerações. Pensando nesse fortalecimento das sementes crioulas e depois de muitos debates sobre a sua importância, os(as) quilombolas do Sítio Veiga construíram, de forma organizativa e coletiva, uma casa de sementes mantida pelas famílias que ali residem, cujo nome foi atribuído em homenagem ao fundador da comunidade, Francisco Ribeiro Bessa, conhecido carinhosamente como Pai Xigano, sendo o referido nome repleto de significados sócio-históricos.

Embora havendo casas de sementes nas unidades familiares quilombolas, havia uma necessidade de um espaço coletivo, objetivando as discussões sobre a importância, assim como sobre as diversidades e variedades de sementes. Trazer de volta as sementes perdidas era uma das metas da casa de sementes Pai Xigano. A partir daí, foi feito um encontro com as famílias para realizar um levantamento das sementes plantadas em nossos territórios pelos nossos ancestrais e pelos protagonistas de hoje, crianças, mulheres e homens quilombolas do Veiga. E foi de intensas discussões dentro e fora do quilombo que brotou e nasceu a casa de sementes. Na ocasião foi escolhido o nome da primeira semente oriunda de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, esta semente, conhecida como Pai Xigano, foi plantada, brotando e vingando umas variedades de outras sementes, cuja resistência vem de longe, muito longe; as marcas de resistência estão impregnadas no sangue, na alma das famílias e das sementes de Pai Xigano. Ao falar da casa de sementes Pai Xigano, automaticamente se está falando da luta, da resistência, da cultura dos que antecederam e também das famílias quilombolas que continuam a resistir para existir [...]. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

Portanto, a casa de sementes é história, memória, compromisso, resistência, ensinamento, aprendizado, cultura, enfim, uma vasta possibilidade de deslocamentos através do tempo e do espaço. Nessa caminhada, houve a parceria que veio a aflorar ainda mais as discussões sobre o espaço coletivo de sementes, cujo apoio e assessoria do Centro de Pesquisa e Assessoria (Esplar)³⁵ nesse processo estabeleceram formas de participação do quilombo em diversos eventos comunitários e sociais, aproximando as comunidades quilombolas e promovendo o intercâmbio com trocas de sementes, sendo essenciais para resgatar muitas espécies perdidas e dando uma maior visibilidade ao quilombo, trazendo mais autonomia, pois

³⁵ Organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 1974 no município de Fortaleza-CE. A organização atua diretamente em municípios do semiárido cearense, desenvolvendo atividades para a agroecologia e a agricultura familiar.

estas famílias não dependem unicamente das sementes do governo para plantar, tendo suas sementes guardadas individualmente em cada casa, bem como armazenadas e estocadas na casa de sementes Pai Xigano, como veremos adiante:

[...] quando construímos a casa de sementes Pai Xigano, estávamos preocupados porque tem um projeto do agronegócio desde o golpe³⁶ de proibir as sementes crioulas e a circulação das sementes. A própria Bayer é responsável por produzir o veneno, mas a casa de semente já vem com uma discussão bem antes disso para não usar em nossas plantações, [...] exatamente para não perder as sementes como a gente perdeu a semente do quiabo e de tantas outras sementes; isso foi muito difícil da gente implantar dentro da comunidade. [...]. Todo o quilombola tem sua casa de semente dentro de casa, seja lá no quintal, e não é no quintal, é em um lugarzinho guardado dentro de casa, muito bem guardada, nas garrafas [...]. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

Desse modo, a memória ancestral de Pai Xigano se articula a diversos aspectos das atividades do cultivo de sementes crioulas que se complementam, por exemplo: a agricultura familiar; a valorização e a luta pelo território e pela forma de organização das famílias que ali residem; o cuidado com a indústria do veneno em suas plantações; e a forte relação com a terra e o meio ambiente.

Como pudemos verificar, a construção da organização coletiva em torno do cultivo de sementes crioulas perpassa por diversos aspectos socioculturais, políticos e econômicos capazes de ressignificar suas relações coletivas, os laços de pertencimento étnico-raciais e a identidade quilombola. Uma organização coletiva que luta pela vida e pela existência e que também marca a resistência impregnada na alma dessas famílias e de suas sementes para continuarem a ter o direito de viver e existir, de preservar suas memórias ancestrais, ensinamentos, aprendizados, culturas e cada conquista em torno de seus territórios, das terras, sendo esta uma luta constante pela construção do território/terra almejado por eles(as).

Nessa esteira, não se pode separar nem falar das sementes crioulas de modo desconectado do território, pois há uma profunda ligação, já que os produtos da natureza, como madeira e palha do coco-catulé retirados da terra, dependem amplamente desse espaço conhecido e firmado como território dos remanescentes de quilombolas do Sítio Veiga. Os animais de pequeno e médio porte são criados nos terrenos e alimentados com plantas nativas forrageiras, milho e feijão, também da terra, os quais são alimentados para engorda, servindo de alimentos para os que vierem participar dos festejos, tais como a famosa dança de São Gonçalo, celebrando também a colheita das sementes crioulas.

³⁶ O golpe mencionado pelo(a) entrevistado(as) faz referência ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, ocorrido em 31 de agosto de 2016.

[...] importante o território para nós, pois dá alimento não só para nós como para os nossos animais, então tudo se aproveita. O doce que nós fizemos aqui, o jerimum que nós comemos no almoço, o milho que nós comemos ontem, tudo se reaproveita na sopa para os porcos, altamente nutritiva e natural para os porcos, que mais adiante vão para a panela, que nós matamos hoje, que são criados aqui, assim como a galinha, que nós matamos também, então quem diz que o interior é ruim de viver está mentindo. Duvido que você consiga fazer tudo isso na cidade. Então é muito trabalho, mas é um trabalho gostoso, que te deixa realizado, que é uma comida que é feita aqui, que está na nossa terra, no nosso território, por isso que é importante o território para nós, porque ele dá alimento para nós e para os nossos animais, então tudo se reaproveita [...]. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

A produção de alimentos é de suma importância para essas famílias, pois parte desta é utilizada na dança de São Gonçalo para alimentar os que se fizerem presentes no dia do festejo. Cabe salientar que a dança é o carro-chefe do quilombo Sítio Veiga até os dias atuais, visto que é através dela que a comunidade se organiza e fortalece os laços de caráter ancestral que permanecem vivos no cotidiano das famílias quilombolas.

A dança de São Gonçalo é de extrema relevância para a manutenção da vida das famílias do quilombo, havendo uma ligação direta com as sementes crioulas, pois as 12 jornadas que compõem o ritual são contadas com 12 sementes crioulas. Essas sementes participam de todo o ritual, juntamente com todo o grupo, daí a importância do território para a manutenção da vida social, política, cultural e econômica desses povos, como afirma Fava Espirito Santo (2019):

Não tem como você falar de quilombo sem falar das sementes crioulas; não tem como você falar de quilombo sem falar da importância do território, sobre a importância da dança de São Gonçalo [...], das jornadas da dança de São Gonçalo, que são 12 jornadas, contadas por sementes, e são 12 sementes que são colocadas; o mestre de cultura é o tio Joaquim; ele pega 12 sementes; contam essas sementes antes da dança, passam para o bolso do Oswaldo, que é um dos membros do grupo, e a cada jornada uma semente é devolvida para o mestre e colocada no bolso, então, de vez em quando, ele vai lá e diz: 'Olha, nós já tiramos cinco jornadas [...]'. A dança é uma forma de celebrar, é um momento muito místico, de memória, de compromisso, de fortalecimento da identidade e de construção de novas amizades [...]. A dança ela é de extrema importância para as relações sociais, porque ali não estão somente os quilombolas, mas vêm pessoas de diversos lugares, e a gente vai se fortalecendo, se conhecendo. Cada estrofe que é cantada fala um pouco do nosso cotidiano [...] das nossas dificuldades [...].

Diante do exposto, na comunidade quilombola do Sítio Veiga as sementes crioulas permanecem vivas e cultuadas de uma geração à outra. A memória de seus ancestrais estabelece essa atividade articulada a diversos aspectos que se complementam, por exemplo: a valorização e a luta pelo território e pela forma de organização das famílias que ali residem; a agricultura familiar; e a forte relação com a terra e com o meio ambiente. Esses legados deixados pelos ancestrais permanecem vivos como formas de resistência das famílias, fortalecendo a identidade quilombola do Sítio Veiga.

5.2 SEMENTES CRIOLAS E AGRICULTURA FAMILIAR: UMA TÉCNICA DE PRESERVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE DO PLANETA E DAS FUTURAS GERAÇÕES

Segundo Trindade (2006), a denominação de sementes crioulas se caracteriza por aquelas que não sofreram modificações genéticas em sua forma natural ou original. Geralmente são sementes nativas e peculiares a determinada região, repassadas de maneira intergeracional, sendo cultivadas por comunidades tradicionais, especialmente as de características quilombolas, indígenas, ribeirinhas, caboclas, etc.

Assim, os conhecimentos ancestrais no cultivo de sementes crioulas têm uma preocupação em manter vivas a tradição e a própria memória de seus ancestrais, repercutindo em uma alimentação mais saudável e livre de venenos, contribuindo para a biodiversidade, preservação da vida no planeta, especialmente das próximas gerações, bem como dos conhecimentos que poderão ser herdados por esses atores sociais, tornando-se, assim, os seus guardiões.

Na comunidade Sítio Veiga, a denominação de sementes crioulas estabelece uma conexão muito forte entre os saberes ancestrais e a própria preservação das espécies naturais das sementes, visto o fato de que as sementes crioulas aparecem nas comunidades tradicionais como uma forma de manter a tradição de repasse de conhecimento entre gerações, uma forma de garantir a própria subsistência local. Institui uma relação de interação com a natureza sem impactos ambientais, baseada no próprio alimento e na comercialização sem excessos, como afirma o(a) entrevistado(a) adiante:

[...] As sementes serão para plantar e produzir e sustentar as futuras gerações, e esses grãos vai ser também para sustentar naquele momento. Esses grãos nesse momento vão servir de alimentação humana e animal, porque no quilombo nós trabalhamos com agricultura de subsistência. O que é isso? Nós trabalhamos para o consumo. Essas sementes não são vendidas, escoadas. Raramente o excedente é escoado, geralmente fica no próprio quilombo, pois todo o mundo no quilombo cria galinhas, porcos, jumentos; também servem para eles se alimentar [...]. E, como nós também não temos o território ainda em nossas mãos, então nossos espaços são muito pequenos para produzir. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

Desse modo, as sementes crioulas surgem como uma possibilidade de as comunidades tradicionais produzirem o seu próprio alimento sem tantos impactos negativos ao meio ambiente. Estas técnicas, respeitar o meio ambiente, resgatar os saberes tradicionais e estabelecer um manejo baseado em prática de preservação ambiental, respeitam cada ciclo

inerente ao plantio, posto que existe o tempo de plantar, o tempo de colher sem alterar os ciclos e/ou estimular forçadamente sua produtividade.

Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies de animais e plantas utilizadas. Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. (DIEGUES *et al.*, 1999, p. 30).

Neste contexto, Trindade (2006) enfatiza que a subsistência familiar não precisa se preocupar em comprar e comercializar as sementes de terceiros, pois, com o cultivo de sementes crioulas, é possível armazenar de um ano para o outro sem a preocupação de estragar, o que não ocorreria na prática de sementes comerciais, que são altamente perecíveis, como veremos abaixo:

É que as nossas sementes são as mesmas que nossos pais plantavam. Nossa semente você tem que catar, colocar para secar, depois guardá-las no tambor; tampa com pimenta-malagueta na parte de baixo e em cima do tambor, e a gente guarda de um ano para o outro [...]; a gente planta e consegue reaproveitar tudo, do caroço à palha; a palha vai para os bichos e a semente fica com a gente; quando chega o outro inverno, planta e guarda de novo. A nossa semente pode guardar por um ano ou mais; ela, estando bem tampada e sem gorgulho, passa mais de um ano, por isso tem que tampar bem tampado [...]. (FEIJÃO MANTEIGA, 2019).

Isso reforça as palavras dos(as) entrevistados(as), que estabelecem a importância do reconhecimento das comunidades tradicionais quilombolas, da sua relação com o meio ambiente, especialmente do cultivo com as sementes crioulas, que, para eles(as), se opõe aos próprios princípios de lucratividade e de consumo exacerbado do modelo capitalista. Estabelece uma relação de manejo consciente, cujos ensinamentos repassados de uma geração à outra viabilizam a sustentabilidade ambiental, mantendo vivos os ensinamentos repassados de seus ancestrais, retirando da natureza apenas o essencial para a subsistência humana, devolvendo à terra o que foi retirado e pensando nas próximas gerações, tal qual confirmam as palavras de Feijão Querentin (2019):

Eu mesmo gosto de preservar; meu quintal ali parece uma mata. Tenho muitas plantas e não gosto de veneno; o milho eu guardo nos tambores de ferro e o feijão nos de plástico com mais de 50 litros. A gente separa o de comer e o de plantar, até porque é tudo selecionado. Hoje eu tenho consciência que devemos cuidar e preservar todo o meio ambiente para ter uma vida com mais saúde e sem doenças.

As sementes crioulas nas mãos das comunidades tradicionais permitem assegurar a possibilidade de continuarem existindo, de cultuar suas técnicas sagradas, de garantir a

biodiversidade, estabelecendo a não dependência das transnacionais e do seu modelo de agronegócio. Uma técnica que carrega consigo um economia viável, justa, sustentável, capaz de assegurar uma alimentação saudável e comprometida com a saúde e a qualidade de vida das pessoas, o que faz pensar sobre o quão significativo seria o apoio do governo, das políticas públicas no desenvolvimento dessas comunidades, segundo as palavras de Milho Cateta (2019):

[...] não temos o apoio do governo [...], mas, se eles olhassem como nossas sementes são importantes para o nosso povo, para uma vida saudável, se dessem apoio e condições para desenvolver melhor nossa agricultura, tudo seria diferente, a gente teria mais autonomia, poderíamos viver melhor [...]. Se a gente pudesse plantar nas nossas terras, mas não temos ainda, a gente paga uma pessoa para plantar na terra dos outros; se a terra fosse da gente, toda a produção era nossa, não teria tanto prejuízo como a gente tem; o que sobra quase não dá para comer.

O modo de ser e de viver das famílias quilombolas do Sítio Veiga é baseado nas relações de fortalecimento da identidade, dos trabalhos realizados de forma coletiva, das histórias contadas nas debulhas de feijão e do respeito pela terra e pelos que dela dependem. Tais princípios são ignorados pelos que defendem a agricultura globalizada, que, tendo como escopo lucrar cada vez mais, passam por cima de tudo e de todos, que, ao pisarem sobre a terra, vão destruindo tudo, ignorando as diversas formas de vida ali presentes, como descreve Santos (2001, p. 89):

Nas áreas onde essa agricultura científica globalizada se instala, verifica-se uma importante demanda de bens científicos (sementes, inseticidas, fertilizantes, corretivos) e também de assistência técnica. Os produtos são escolhidos segundo uma base mercantil, o que também implica uma estrita obediência aos mandamentos científicos e técnicos. São essas condições que regem os processos de plantação, colheita, armazenamento, empacotamento, transporte e comercialização, levando à introdução, aprofundamento e difusão de processos de racionalização que se contagiam mutuamente, propondo a instalação de sintetismo, que atravessa o território e a sociedade, levando, com a racionalização das práticas, a uma certa homogeneização.

Reforça ainda Santos (2001) que as formas de vivência de pequenas frações da sociedade não interessam aos membros dessa sociedade, sobretudo porque as frações aqui ressaltadas, os quilombolas, são tidas como as conhecidas minorias, não fazendo parte da hegemonia. Portanto, a forma segundo a qual os povos da floresta se organizam em seus territórios, seja social, cultural ou economicamente, é contrária aos preceitos dos que detêm o poder. Desse modo, os diversos conhecimentos tecnológicos baseados na indústria do veneno são utilizados para desmontar as formas de vivência desses povos, cujo apoio do governo é mais para o incentivo à indústria do agrotóxico e à produtividade em larga escala do que para a autonomia dessas famílias, como veremos nas palavras de Feijão Bolinha (2019):

Na verdade, o governo não doa as sementes para a gente; ele faz um empréstimo para nós; ele vende, até porque depois temos que pagar. E a diferença é muito grande com relação à nossa; aquela semente não presta, não, e digo isso sem medo de errar. A gente pega a semente do governo com a mão e a sua mão fica cheia de massa, muito veneno, muito veneno mesmo, altamente contaminada aquela semente, e a diferença da nossa é que a nossa não tem veneno, apesar de alguns agricultores ainda terem a prática da praga do veneno [...], mas aqui na minha casa eu não uso; graças a Deus, não temos esse hábito de usar veneno. A nossa semente é realmente crioula mesmo, 100% natural [...]. Na casa de sementes, a mesma coisa; não aceitamos que o vizinho que usa sementes guarde o seu estoque lá; se soubermos que ele tem esse hábito, não aceitamos a semente dele.

Essas palavras remetem a quanto é importante a afirmação positiva de suas técnicas, sua valorização, a socialização de seus conhecimentos, sendo estes elementos essenciais a uma agricultura ambientalmente consistente, socialmente necessária e viável aos princípios do desenvolvimento sustentável e sustentabilidade ambiental, como afirmam as orientações da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, de Joanesburgo (2002 *apud* MIKHAILOVA, 2004, p. 27-28, grifos do original):

O desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra. Enquanto o desenvolvimento sustentável pode requerer ações distintas em cada região do mundo, os esforços para construir um modo de vida verdadeiramente sustentável requerem a integração de ações em três áreas-chave. • Crescimento e Equidade Econômica – Os sistemas econômicos globais, hoje interligados, demandam uma abordagem integrada para promover um crescimento responsável de longa duração, ao mesmo tempo em que assegurem que nenhuma nação ou comunidade seja deixada para trás. • Conservação de Recursos Naturais e do Meio Ambiente – Para conservar nossa herança ambiental e recursos naturais para as gerações futuras, soluções economicamente viáveis devem ser desenvolvidas com o objetivo de reduzir o consumo de recursos, deter a poluição e conservar os habitats naturais. • Desenvolvimento Social – Em todo o mundo, pessoas precisam de emprego, alimento, educação, energia, serviço de saúde, água e saneamento. Enquanto discutem-se tais necessidades, a comunidade mundial deve também assegurar que a rica matriz de diversidade cultural e social e os direitos trabalhistas sejam respeitados, e que todos os membros da sociedade estejam capacitados a participar na determinação de seus futuros.

Mikhailova (2004) destaca ainda o mais relevante de todos os conceitos, a exemplo do de justiça social, aquele que, segundo a autora, precisa pensar naqueles que não estão aqui, mas que precisam de um futuro comprometido para assegurar sua própria existência, devendo-se ser asseguradas suas necessidades ou mais precisamente capaz de articular o capital existente sem esgotá-lo ao consumo, sem esgotar o capital natural.

Sustentabilidade se relaciona à quantidade do consumo que pode continuar indefinidamente sem degradar os estoques de capital total, que é representada pela soma de capital material (manufaturado, feito pelo homem), capital humano e capital natural. Porém, de todas as partes do capital total somente uma não pode ser reproduzida pelas gerações futuras. Isto é o capital natural, o patrimônio natural da humanidade. (MIKHAILOVA, 2004, p. 28, grifo do original).

Na comunidade Sítio Veiga, a própria compreensão do conceito das sementes crioulas articula os princípios de desenvolvimento sustentável, pois parte do princípio de uma semente natural sem nenhum tipo de química, cujo pacto firmado na comunidade é plantar conservando os mesmos hábitos de seus ancestrais, respeitando a terra, as sementes e os ciclos inerentes às fases do plantio da colheita, em que a terra e as sementes precisam ser livres dos agrotóxicos, garantindo, assim, a preservação dessa espécie, do meio ambiente, das futuras gerações e da sustentabilidade ambiental. Uma alimentação que, para eles(as), é totalmente natural e saudável, contribuindo para a qualidade de vida das pessoas e a saúde. Logo, seria também para eles(as) um símbolo de resistência e luta das famílias quilombolas para manter vivas suas tradições, sua história e a memória latente de seus ancestrais.

Assim, não se pode hoje pensar em um desenvolvimento sustentável sem estabelecer a articulação até então com conceitos outrora antagônicos, tais como o lucro e a preservação ambiental e bem-estar social, os quais agora devem ser tratados de forma equilibrada, harmônica, vinculada com o todo (MIKHAILOVA, 2004). Logo, não se pode pensar e acreditar que as catástrofes ambientais hoje são as causas dos problemas ambientais provocadas em si mesmas, mas elas são as consequências de toda a agressão, exploração financeira e consumo exacerbado de um modelo econômico que não respeita o meio ambiente e seus recursos naturais, que são esgotáveis, quando se retira da natureza e não se repõe, quando não se respeita seu ciclo de vida, seus limites. Assim, a não compreensão dessas questões, bem como a falta de informações e orientações que devem partir de uma política consciente, acaba tratando apenas as consequências de forma pontual, fragmentada, superficial, ignorando as causas e agravando os problemas ambientais e sucessivamente sociais.

Para Bezerra e Bursztyn (2000), não podemos pensar na sustentabilidade sem adequar a tecnologia ao meio ambiente como uma forma de estabelecer uma maior igualdade entre as classes sociais e as nações, a qual deverá conduzir e satisfazer as necessidades básicas da população, inseri-la no processo de tomadas de decisão de projetos que forem apresentados dentro das questões ambientais e nas ações de manejo e preservação integrados aos recursos naturais e tecnológicos. Faz-se mister ainda articular essas ações nos mais variados campos das políticas públicas e do conhecimento científico, como: o social, o econômico, o educacional, o tecnológico, a geração de empregos e renda com vistas à redução da miséria e principalmente a orientação das práticas educativas e sua efetivação junto às questões socioambientais e ao respeito à diversidade cultural e suas tradições.

Desse modo, percebe-se um entrelaçado de elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável rumo ao desenvolvimento sustentável e à sustentabilidade ambiental, devendo ir muito além dos aspectos de proteção dos ecossistemas, sendo necessário agregar os aspectos éticos e humanos comprometidos com as questões sociais, ambientais e econômicas, somados à parceria e intersetorialidade entre as diversas políticas públicas, com os mais variados campos científicos, com as organizações governamentais e não governamentais, com o comércio, com a engenharia e principalmente com a sociedade civil – representando esta uma força geradora para fortalecer e empoderar os projetos sociais nas tomadas de decisões (BEZERRA; BURSZTYN, 2000).

Por fim, vale lembrar que o desenvolvimento sustentável é uma maneira de agir no presente pensando no futuro e que isso requer a conscientização da população mundial. Sendo assim, é imprescindível que cada indivíduo tenha noção da importância de suas atitudes, que, somadas às dos outros, representam a garantia de um futuro digno tanto nas questões sociais quanto nas questões ambientais. Essa preocupação apresentou-se na fala de alguns(mas) entrevistados(as), cujo manejo do cultivo de sementes crioulas chama a atenção para a preocupação com as futuras gerações, com a preservação da espécie e com a sustentabilidade ambiental. Lá se guardam e se separam cuidadosamente as sementes, bem como se socializam suas formas de cultivo e plantio de forma minuciosa, respeitosa e cuidadosa, como veremos na fala de Feijão Bolinha (2019):

Até hoje, nosso pai tem o hábito de plantar; por exemplo, o milho ele vai selecionando aquelas espigas de milho; ele vai debulhando até a metade da espiga e deixa só a ponta, e aquele milho ali é o milho de planta que ele guarda; o feijão do mesmo jeito: vai colhendo as vagens, aquelas mais formosas, mais bonitas, e vai guardando dentro de uma garrafa de plástico ou qualquer outra vasilha de plástico, e assim vai passando de geração a geração. Mesmo hoje tendo a casa de sementes, que é o local onde guardamos muitas espécies, mas a gente também não perde o hábito de guardar em casa, em nossas garrafas e tambores, igual o nosso passado. A gente não consegue arrancar essas raízes e nunca vamos conseguir, porque é um hábito que aprendemos, e a gente já começa desde cedo a guardar as garrafas para na época da colheita guardar nossas sementes.

As sementes crioulas, por serem originais, não têm nenhum tipo de alteração no seu DNA, o que as torna únicas, 100% naturais, ao contrário das transgênicas e das híbridas, que sofreram modificações genéticas pela biotecnologia para fins comerciais, com produtividades exacerbadas, em grande escala. O respeito e a preservação das sementes crioulas são elementos principais realizados pelas comunidades tradicionais, o que garantirá a originalidade de suas espécies e sua perpetuação às futuras gerações. O processo aqui também é coletivo, organizativo, com um viés comunitário, com trocas de experiências, no sentido de

resgatar e perpetuar suas espécies, tanto com trocas locais, mas também com o intercâmbio entre as mais diversas e variadas comunidades tradicionais, como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

[...] É uma semente que é cuidada, que é selecionada, essa semente ela passa nas mãos de todo mundo. Olha como isso é bacana, essa semente, ao ser plantada, ela passa nas mãos de muita gente nesse processo de cuidado, de limpar, mais uma vez vai um monte de pessoas para fazer parte desse processo, é um processo coletivo, [...]. O que eu chamo de coletivo, porque lá os trabalhadores, os agricultores, eles não têm como pagar diária, então eles trocam os dias. Então, essas sementes são construídas em um processo organizativo; quando a galera está ali limpando o mato ou plantando, está falando do seu dia a dia, está planejando, está falando do passado. Então, falar de sementes crioulas é ancestralidade, é manter vivas nossas memórias. Você olha e começa a analisar a história da semente crioula, não olha para as sementes como só uma semente, mas como uma vida.

No cotidiano do Sítio Veiga, é visível a forte influência dos seus ancestrais, cujo conhecimento se reflete basicamente na agricultura de subsistência, ou seja, esses sujeitos dependem praticamente da terra para a sua sobrevivência, visto que é a partir dela que retiram sua alimentação e a de seus animais, os remédios dos matos usados por muitos, até o próprio ritual religioso praticado depende da terra.

[...] Olha, a terra é tudo para a gente; aqui tiramos nosso sustento, criamos nossos bichos, plantamos nossas sementes. O ruim é ainda não termos a posse, isso dificulta muita coisa, perdemos muito mesmo; a forragem fica com eles, o que sobra é muito pouco [...]. Não desistimos e nunca vamos desistir mesmo. Vamos até o fim, [...] lutando e acreditando em Deus, em São Gonçalo, que vai dar essa graça a nós; se eu não alcançar, meus filhos conseguem. (FEIJÃO BOLINHA, 2019).

Assim, tem-se no quilombo Sítio Veiga uma atividade agrícola que, segundo os(as) entrevistados(as), respeita o meio ambiente e todas as etapas de plantio das sementes crioulas, sendo livres de agrotóxicos, fertilizantes, adubos, algo semelhante, conforme as palavras de Fava Espirito Santo, a um “parto natural”, ao contrário das sementes do governo, que ele(a) avalia como sendo algo forçado, pior do que um “parto cesáreo”, como veremos abaixo em suas palavras:

[...] para produzir mais rápido, eles jogam um monte de nutrientes para essa planta crescer [...]. Então, eu pego todas essas sementes que sofreram todas essas agressões; é bem mais bruto do que um parto cesáreo, porque o parto cesáreo é quando a mulher não tem passagem, não tem como a criança nascer, mas, diferentemente do parto forçado, você tem como produzir sem precisar fazer força de barra, sem usar veneno, fertilizante, essas coisas que considero uma força desnecessária. Então, eu pego essa semente que está altamente sofrida e trago para cá para o quilombo; essa semente vai nascer, ela vai produzir, mas ela não vai nascer nem vai produzir na mesma proporção daquelas sementes que estão conosco e que são totalmente naturais [...]. (FAVA ESPIRITO SANTO, 2019).

Portanto, considerando os princípios do desenvolvimento sustentável na perspectiva de uma intervenção consciente e ecologicamente correta, o manejo de sementes crioulas integra todos os aspectos para um desenvolvimento justo e equilibrado, sem uso de insumos industriais e químicos, contribuindo para a preservação ambiental e sociocultural das comunidades tradicionais, sem nenhum impacto negativo ao meio ambiente. Todavia, é preciso que se compreenda que os preceitos presentes no desenvolvimento sustentável e na sustentabilidade ambiental ampliam o respeito às comunidades tradicionais, o incentivo e o apoio às suas práticas, o que remete à superação de suas vulnerabilidades sociais, à regularização de seus territórios, ao respeito à memória de seus ancestrais, ao direito de terem asseguradas suas culturas e práticas peculiares agrícolas. Cabendo, nesse sentido, ao poder público e às inúmeras instituições não se eximirem dessas responsabilidades, mas efetivá-las como uma forma de assegurar que essas comunidades possam continuar a existir, bem como as práticas culturais associadas a elas, como o cultivo das sementes crioulas.

5.3 AS AMEAÇAS ENFRENTADAS PELAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARA MANTER VIVA A TRADIÇÃO DO CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS

Com o advento do processo de desenvolvimento e modernização da década de 1970, modelo tecnológico da Revolução Verde, após a II Guerra Mundial, diversas mudanças ocorreram nas técnicas rudimentares que predominavam no campo, devido à implementação das novas tecnologias, alterando a relação capital/trabalho e conseqüentemente mudando a estrutura social e econômica dessas famílias (CARVALHO, 2003).

Desse modo, os pacotes tecnológicos influenciaram significativamente na expulsão do homem do campo, caracterizado pelo êxodo rural, a substituição das sementes nativas (crioulas) pelas híbridas (transgênicas), o uso desenfreado de agrotóxicos e pesticidas artificiais nas plantações, levando os vários conhecimentos e técnicas das comunidades tradicionais e rurais a se perderem, fazendo com que se tornassem excluídas ou dependentes desse modelo. Isso se consubstancia nas palavras de Feijão Bolinha (2019):

[...] O governo não dá nenhum apoio para nossas sementes, apenas faz esses empréstimos das sementes envenenadas [...]. Tenho medo que esse hábito acabe, pois a nova geração com certeza está desmotivada, porque o retorno é muito pouco e deixa qualquer pessoa desmotivada, até mesmo nós, que já somos mais velhos; por exemplo, no caso do meu pai, que já nasceu e se criou na agricultura, ele mesmo está muito desmotivado com a agricultura, aí os nossos filhos ficam muito desmotivados mesmo. Não temos apoio do governo de jeito nenhum; até o seguro safra estamos perdendo; o ano passado não tivemos o seguro e esse ano ninguém fala, aí nós só ficamos no prejuízo o tempo todo, só temos perda; esse ano tivemos

pouquíssimos legumes e imagine isso para uma família grande, não dá; o legume não vai dar; uma saca de feijão também não dar onde tem pessoas aqui que são dez pessoas em uma casa, não dá.

É nesse cenário que o homem do campo e as comunidades tradicionais passariam a ser os mais prejudicados, em que os conflitos do campo se destacam pela acumulação das terras nas mãos dos grandes empresários e latifundiários, pelas migrações constantes das regiões Norte e Nordeste para áreas rurais escravizadas, pela marginalização e preconceito das técnicas tradicionais, vistas pelo mercado capitalista como técnicas de menor valor, daí incompatíveis aos ideais de progresso e desenvolvimento, dentre outros (FIGUEIREDO; BARBOSA; PINHEIRO, 2013), levando muitos desses sujeitos sociais a migrarem para outras cidades, a se distanciarem de seus entes queridos, de sua cultura local, uma vez que precisam garantir a sua sobrevivência e a de seus familiares, como aconteceu com Feijão Querentin (2019):

[...] Eu fui para São Paulo pela necessidade mesmo, precisava ajudar minha família; foi difícil, viu [...]; chegou lá, me bateu uma saudade tão grande da tranquilidade daqui, do mato que eu gosto. Quando eu estava em São Paulo, só vivia gripado; [...] lá eu peguei sinusite; eu trabalhei em câmara fria, um frigorífico, e eu trabalhei lá dentro mesmo da câmara fria, e tinha que ser com a porta fechada, aí dava aquela dor de cabeça. Depois que eu voltei para aqui, graças a Deus, não tive mais nada. [...].

Assim, temos no cenário atual as comunidades tradicionais e os saberes populares, vistos como entraves ao processo de desenvolvimento capitalista neoliberal. Os meios de comunicação de massa propagam a ideia de que esses saberes são incompatíveis com os ideais do mundo moderno, analisados como uma cultura de “menor valor” e de uma técnica sem comprovação científica, não condizentes com os ideais de desenvolvimento e progresso, tal como enfatiza Carvalho (2003, p. 10):

As iniciativas neoliberais hegemônicas nas sociedades ocidentais têm conseguido, através das tentativas insanas de apagar o passado desses povos e dessas populações, rejeitar, não apenas as suas culturas, mas com elas também os meios de produção utilizados, como os saberes populares, os sítios ecológicos e as sementes ‘varietais’. Territórios que foram diferenciados num convívio harmonioso com a natureza e vivenciados por inúmeras gerações, como aqueles dos povos indígenas e das populações camponesas, foram e continuam sendo negados e desconstruídos.

O apelo aos moldes modernos de desenvolvimento da agricultura tem a ganância dos países desenvolvidos, cuja exploração dos territórios subdesenvolvidos visa à ampliação do comércio internacional e das suas multinacionais espalhadas pelo mundo, um modelo que fomenta o agronegócio, a exploração das áreas nativas e das espécies preservadas por territórios tradicionais. Dito isso, as grandes multinacionais a serviço do grande capital já vêm

investindo em tecnologia de ponta, utilizando-se da biotecnologia e da manipulação da genética das sementes híbridas (as transgênicas), das orgânicas, na perspectiva de fins comerciais, como afirma Carvalho (2003, p. 9): “A partir dos interesses privados das grandes corporações capitalistas e do estabelecimento das normas legais para o patenteamento da propriedade as sementes tornam-se um negócio”.

O modelo acima visa, portanto, não só explorar os territórios ancestrais, mas se apropriar de suas sementes, ou seja, patenteá-las, colocando em risco a biodiversidade local, a nutrição de pessoas e animais, a preservação das sementes crioulas e sucessivamente do legado histórico-cultural que essas sementes representam, dentre outros aspectos.

O controle oligopolista das sementes não começa pelo patenteamento das novas variedades, híbridas e ou transgênicas, produzidas por instituições privadas e ou públicas, sob o controle privado. O eixo central do controle das sementes pelos grandes grupos econômicos da biotecnologia se dá de maneira sutil, seja com a substituição gradativa das sementes crioulas, seja pelo seu ‘esquecimento’ ideológico, ambos induzidos pela propaganda comercial e pelas exigências das políticas públicas, em especial do crédito rural subsidiado e do seguro agrícola. (CARVALHO, 2006 *apud* BARBOSA *et al.*, 2013, p. 378).

Neste contexto, temos ainda as formas de sentimentos e atitudes ora valorizados pelo modelo neoliberal, cujo *slogan* da modernidade é sinônimo de ciência e tecnologia em prol do lucro, da individualidade, da competição, do descaso público, assumidos como valores éticos, segundo Carvalho (2003).

Essas ideias evidenciadas pela modernidade tecnológica assumem um caráter não apenas de negação das identidades e saberes dessas comunidades tradicionais, como também lhes negam o direito de serem socializados com esse “todo novo” mundo moderno. “As práticas sociais de produção e de relação amorosas com a natureza historicamente consagradas por índios e camponeses não foram ajustadas ou renovadas num processo de socialização do novo [...]” (CARVALHO, 2003, p. 10). Reafirma ainda a autora: “O novo tornou-se sinônimo apenas das atividades geradoras de lucro. A resistência a essa negação da diversidade tem sido classificada pelos interesses dominantes como arcaísmo” (CARVALHO, 2003, p. 10).

Tal realidade faz com que se reflita sobre o documentário da revista *Carta Capital* (2019), que avalia as ações do governo e as iniciativas do agronegócio como sinônimos de desenvolvimento para o Brasil, *slogan* no cenário atual do governo Bolsonaro e seus discursos antiambientalistas, que visa flexibilizar leis para o desmatamento nas áreas de preservação ambiental, o que levou a um aumento considerável de queimadas no seu primeiro ano de mandato, somado aos seus discursos contra o aumento de demarcação das

terras indígenas e quilombolas e contra a ampliação de reservas no Brasil, como enfatiza Fava Espirito Santo (2019):

[...] o agronegócio é uma desgraça; essa ambição. Por que qual a intenção do agronegócio? O agronegócio tirar as sementes crioulas de nossas mãos; [...] tirar as sementes crioulas de nossas mãos e tirar nossa autonomia é tirar nossa própria vida, porque, assim que chove, a gente tem as sementes e vamos lá e plantamos; como a gente vive em uma região de semiárido, ora chove, ora não chove, então nós temos que plantar nas primeiras chuvas. O meu avô dizia assim: ‘Choveu, plantou; nasceu, limpou’, e aí continua o outro processo. E, com essas sementes do governo, [...] elas chegam muito tarde, então muitos agricultores hoje deixam de produzir porque eles ficam esperando essas sementes, porque perderam o próprio hábito de guardar. As sementes crioulas você pode guardar por até dois anos ou mais, já as do governo não, porque você não sabe da procedência. As sementes que você guardou você sabe da procedência, do período que você guardou, de onde foi que elas saíram, de onde foi que elas vieram. É uma outra coisa que eu acho muito bacana nas sementes crioulas é que, por exemplo, eu tenho três tipos de milho, o que mais vende é o amarelinho, mas, como a gente não planta pensando em venda, então esse milho se mistura aos outros, aí eu tenho aqui os três tipos de milho; um desses é o mais cobiçado, mas, na hora de troca, não importa, entendeu? As trocas que eram feitas nas comunidades primitivas não importavam se eram mais caras ou mais baratas; você não precisa me pagar, entendeu? Eu chego lá do tio Antônio na Nésia: ‘Me arranja aquela semente lá para que eu possa plantar’, ela me dá. Então isso é muito bacana. Então hoje algumas pessoas utilizam veneno, que não é o correto.

Segundo Souza e Chaveiro (2019), o grande problema que envolve o agronegócio radica-se nas formas desiguais por meio das quais as terras são apropriadas pelos grandes latifundiários e os grupos que os apoiam, cujo uso das terras, que deveriam ser bem comum, não articula o desenvolvimento econômico à justiça social, tornando-se, assim, uma ameaça às formas de vida existentes quando não se pensa nas áreas inteiras devastadas pelas queimadas, pelos agrotóxicos, deixando-as improdutivas, comprometendo a biodiversidade, interferindo na saúde e qualidade de vida das pessoas, comprometendo o futuro das gerações futuras.

[...] Em relação ao agronegócio e ao sistema produtivo habitualmente empregado, as injustiças podem referir-se à concentração de terra e ao uso de bens comuns como a água e o solo, bem como também ao efeito dispersivo de insumos e resíduos. As diferentes reações a essas injustiças, ainda que de forma desproporcional (dadas as diferenças de poder econômico e político entre os grupos envolvidos), é o que poderá caracterizar uma situação de conflito, ressaltando o aspecto dialético do tema. Pode-se dizer que a aliança entre Estado, latifundiários e demais agentes vinculados ao agronegócio, ao dispor da terra pela via da estratégia economicista – e gerar problemas ambientais face ao modo pelo qual a terra é usada – desdobra-se na injustiça ambiental consoante a injustiça social. (SOUZA; CHAVEIRO, 2019, p. 2-3).

Assim, é notório que os problemas que decorrem das relações ambientais e delas associados, como o agronegócio e a regularização da demarcação das terras quilombolas e indígenas, estão intrinsecamente ligados às questões de relação de poder, de ordem política e

econômica de um país e seus representantes, o que leva a refletir sobre a grande dívida social que o Estado brasileiro tem com as comunidades tradicionais, o que influencia a sua própria sobrevivência, o direito ao consumo material, a justiça social, o uso dos bens comuns, a igualdade de oportunidades, dentre outros (SOUZA; CHAVEIRO, 2019), ou como afirmam os(as) entrevistados(as) abaixo:

[...] Aqui não tem ganho, por exemplo: uma época dessa, se você não trabalhar na roça, você não faz nada, fica zanzando feito louco, preocupado com nosso ganha-pão. E outra: nosso trabalho, às vezes, não recompensa financeiramente, você não consegue vender nem o milho. Não compensa, pois você passar quase um ano todo primeiro na broca, depois limpa, depois planta, apanha feijão, quebra de milho. Ave, Maria! Todo um processo demorado demais, aí, quando é no final, como agora, os caras querem pagar R\$ 25,00 no saco de milho. Não compensa, na minha opinião, uma saca de feijão, que é R\$ 150,00, não compensa também; muito melhor você guardar e comer [...]. Já a semente do governo a produção é mais rápida, porque tem muito veneno, mas, se você for comprar, ele é caro para caramba [...], e o milho do governo o quilo é R\$ 4,00, mas, se você for vender o nosso, o cabra não quer pagar nem R\$ 1,00 [...], e o milho do governo vem até com o corante que eles colocam e dizem que é para conservar o milho [...]; o nosso não tem nada disso, a nossa semente é natural. (FEIJÃO QUERENTIN, 2019).

Aqui a gente planta no terreno dos outros porque não tem terreno para todo mundo. Se tivesse como plantar no que é nosso, era bom, porque fica para os nossos animais a forragem, por exemplo; a fava não chegou ainda, mas, às vezes, a gente tira a fava antes do tempo, porque os donos querem colocar os bichos, né; nós tiramos o legume e a forragem fica para eles, e nós ainda temos que pagar; se fosse no nosso terreno, nós ficaríamos com tudo, não pagávamos renda; a forragem seria dos nossos animais. A nossa dificuldade é terra, que nós não temos. (FEIJÃO SEMPRE-VERDE, 2019).

Percebe-se, assim, que as iniciativas do governo seriam mais para alimentar a indústria de agrotóxico, a exploração territorial, o aumento da lucratividade das grandes empresas, ficando as ações inerentes ao cultivo de sementes crioulas e seu potencial sustentável sem o apoio necessário do governo, as quais, quando ocorrem, se dão de maneira fragmentada, assistencialista e muito pontual, como veremos no depoimento a seguir:

A gente aqui não tem apoio nenhum do governo. Ele não apoia porque não quer que a gente saia do zero; não quer que a gente suba na vida. A gente aqui ainda consegue plantar e ter nosso feijãozinho porque a gente planta e tira uma parte para guardar todos os anos, mas o governo não apoia isso, ele ignora nosso sofrimento, nem sequer olha nossas necessidades, vira as costas para a gente. (FEIJÃO SEMPRE-VERDE, 2019).

As fala acima chama a atenção por evidenciar a não existência de apoio do governo, impactando, direta ou indiretamente, as atividades naturais havidas nos quilombos dos(as) entrevistados(as), seja pelo uso de agrotóxicos por algumas pessoas, que acabam por contaminar os solos e a originalidade das sementes crioulas, seja pela terra contaminada ou

pelo ar que circula na atmosfera nas proximidades dos quilombos, o que pode contaminar as plantações, como afirma Feijão Amarelo (2019):

Eu não uso veneno, nunca fiz essa experiência, mas tem gente usando escondido [...]. O pessoal fala que parece que cresce mais rápido na plantação, faz com que o feijão, principalmente o milho, cresça mais ligeiro e tenha mais produção, aí a vantagem para muita gente usar o veneno, até porque, quando você não planta no veneno, você dá duas a três limpas no roçado; com o veneno, o mato já está grande, você bota o veneno e mata todo o mato e, quando você vai dar uma limpa, o legume já está quase todo pronto, no ponto de produção, aí só com uma limpa a pessoa tira [...]; aí tem gente que planta o milho no veneno e não limpa de jeito nenhum; plantou ali, colocou o veneno e só vai lá mesmo para colher [...]; por isso, tem gente que não aceita botar veneno na propriedade, porque contamina a água que escorre e contamina os açudes [...]. Quando coloca veneno, geralmente você só planta e coloca o veneno ali e pronto, você só vai mesmo para colher o legume, não tem aquele trabalho de plantar e, com 20 e 30 dias, depois você tem que entrar para dentro para limpar todo o mato. Se não botar o veneno, é mais demorado e dá mais trabalho, porque temos que capinar todo o mato, são mais homens para fazer esse serviço, para limpar o mato; enquanto com veneno uma única pessoa faz o serviço [...]. Com o natural, se torna mais demorado e caro para a gente. [...] dizem que o veneno causa mal à saúde, causa até o câncer [...]. Onde você bota veneno demora nascer o mato; para quem tem criação de animal, gado, por exemplo, demora muito a sair a forragem dos bichos e muitas terras aqui o interesse é mais nas forragens para os animais [...], aí, se você coloca veneno, demora mais ainda a forragem, demora a sair outro mato para se tornar forragem para os bichos e, quando nasce, se torna mais fraca a forragem, por isso que tem dono de terra que não aceita colocar veneno de jeito nenhum, por causa disso, por causa dos alimentos dos bichos, que ficam comprometidos [...].

Tal realidade se reflete também no cenário atual, a exemplo da preocupação com a perda dos direitos das comunidades tradicionais que vem sendo sentida pelos que habitam no Sítio Veiga, cujo sentimento remete à continuidade de suas tradições pelas gerações presentes e futuras. Assim, alguns(mas) entrevistados(as) afirmam o desinteresse de muitos(as) jovens da comunidade que já não têm os mesmos interesses dos seus pais, dos seus antepassados, com a agricultura e o cultivo das sementes crioulas.

Acredito que cada vez mais os filhos da terra, de agricultores, estão se desligando desse vínculo, almejando seguir outros ramos de carreira; é uma geração muito moderna ou, posso dizer, atrasada, de não pensar e se preocupar com o meio ambiente; a globalização nos cerca e tira nossas particularidades com relação à terra e impõe novas culturas. Contra essa maré, os pais incentivam e ainda ensinam seus filhos a preparar e cuidar da terra, sabendo o quão a terra nos dá para sermos. (FEIJÃO PINGO DE OURO, 2019).

Acho que porque eles veem o sofrimento dos pais, porque não é brincadeira, não, o trabalho do roçado: sai de manhã, aí chega às 10 ou 11 horas e sai só com a água e não tem rendimento [...], aí acho que por isso que eles não querem [...]. E hoje todo rapazinho [...] diz: 'Eu vou trabalhar fora! Eu que não vou trabalhar de roçado, raspar cobra por cima dos pés'. Eles falam isso, aí meu cunhado diz que os jovens de hoje vão morrer de fome, que não querem trabalhar de roçado. (FEIJÃO MANTEIGA, 2019).

Os relatos acima afirmam, portanto, que, para alguns(mas) jovens do Sítio Veiga, as atividades agrícolas, no contexto atual, não lhes dão as possibilidades para suprir todas as suas necessidades, os(as) quais, ao adentrarem no Ensino Médio e Superior, passam a construir novas perspectivas, que não sejam unicamente vinculadas à agricultura, como o ingresso em postos de trabalho compatíveis com a sua formação e com salários que possam atender às suas reais necessidades, o que, segundo eles(as), fica muito difícil caso se restrinjam apenas às atividades agrícolas.

Desse modo, faz-se necessário colocar as comunidades tradicionais quilombolas, dentre elas a comunidade Sítio Veiga, nas ações de incentivo e apoio ao desenvolvimento agrícola, respeitando, contudo, as suas singularidades, assegurando os valores fundamentais no princípio do desenvolvimento sustentável, cuja justiça social é essencial para o potencial existente das sementes crioulas e resolução das demandas sociais, tal como a legitimação das terras ao quilombo, o controle das indústrias do veneno nas plantações, o apoio aos(às) jovens a permanecerem em seus locais de origem, dando continuidade às suas tradições nas atividades agrícolas, desde que sejam compatíveis com as possibilidades de ascensão socioeconômica e de reconhecimento de sua força de trabalho no campo.

6 CONSIDERAÇÕES

No território quilombola do Sítio Veiga, em Quixadá, Ceará, as formas de organização coletiva em torno do cultivo de sementes crioulas são de extrema importância para a preservação da identidade sociocultural quilombola, da memória de seus ancestrais e da existência das futuras gerações.

As sementes crioulas não são plantadas sob o jugo da agricultura industrial, na perspectiva globalizada do agronegócio, mas de acordo com o conhecimento absorvido por seus ancestrais, passado entre gerações, garantindo a alimentação e a manutenção das famílias e de seus animais. As atividades permitem uma maior aproximação e solidariedade entre as pessoas de seu quilombo e de outros quilombos, o que as leva à troca de conhecimentos, resgatando a memória de seus ancestrais e de algumas espécies perdidas. Todavia, apesar da relevância da organização coletiva das sementes crioulas, a desvalorização e a falta de apoio a essas ações por parte do poder público estabelecem diversas lacunas à autonomia dessas famílias, dado que dependem das terras de terceiros para plantarem suas sementes.

As comunidades quilombolas ainda são colocadas em último plano na agenda do governo e no campo das políticas públicas, sobretudo quando comparadas ao agronegócio, que tem apoio prioritário, ferindo os próprios preceitos constitucionais de as famílias quilombolas continuarem cultivando suas sementes crioulas de forma natural.

A não legitimação das terras a essas famílias faz com que se tornem vulneráveis à própria contaminação de suas sementes nativas. A plantação dessas sementes em terras de terceiros, sem um rigoroso controle do veneno, prejudica a originalidade das sementes crioulas e os conhecimentos perpassados por seus ancestrais em preservar essas espécies às próximas gerações, o que compromete seu futuro e o direito de essas sementes continuarem existindo. Conclui-se que grande parte de suas demandas seria resolvida com a titulação da terra e do controle da produtividade, o que atualmente se configura apenas como atividade de subsistência humana, não dando para suprir todas as necessidades das famílias quilombolas do Sítio Veiga.

A implantação da casa de semente Pai Xigano se destacou como uma das maiores conquistas no processo de organização coletiva, visto que fortaleceu a cultura das sementes até então presente nos seus hábitos cotidianos, da relação com a agricultura e com o manejo das sementes, despertando uma consciência maior para a preservação ambiental, não se deixando influenciar pelo uso de agrotóxicos nas plantações, em razão do enorme apelo existente destes na distribuição das sementes do governo repassadas anualmente para o agricultor.

Desse modo, faz-se necessário revermos os processos históricos que situam a população quilombola e suas formas de organização em torno do cultivo de suas sementes, pois, ao quebrarmos os estereótipos sobre esses sujeitos sociais e suas formas peculiares de ser e viver, de se organizar coletivamente, poderemos criar imagens mais positivas e, a partir daí, traçar caminhos mais dignos e capazes de lhes assegurar o direito de terem garantidos seus territórios, suas terras, de plantarem suas sementes com mais autonomia e independência. Daí a relevância de situar a população quilombola como protagonista de sua própria história, validando, assim, suas raízes africanas e diásporas no mundo, como os *Contos de antigamente* de Dóroth e a autobiografia de Ana Eugenio, sendo estas as autoras e protagonistas de suas histórias, representantes da memória de seus ancestrais.

Observamos, assim, que os escritos narrados por Ana Eugenio foram mais do que uma autobiografia, por chamar a atenção para as particularidades e singularidades das comunidades de remanescentes quilombolas, ampliando o debate sobre o câncer a partir de um recorte étnico-racial. A dimensão da espiritualidade também deixa uma porta aberta para que os profissionais da área de Saúde atentem para a relevância desse aspecto para alguns pacientes; mesmo que seja desconhecida por muitos profissionais, a dimensão da espiritualidade traz elementos muito positivos no processo de enfrentamento de algumas enfermidades, possibilitando o alívio de alguns sofrimentos do paciente ou até mesmo, mediante sua fé, a cura de sua doença.

Nesse sentido, valendo-se de São Gonçalo, Ana Eugenio externou momentos de profunda espiritualidade e devoção, em uma narrativa capaz de ressignificar sua vida, como uma forma que encontrou de se conectar com seus ancestrais, de aliviar suas dores mais profundas, como a retirada de sua mama, o que nos leva a refletir como os sentimentos espirituais podem agir positivamente no organismo da pessoa, diminuindo o seu sofrimento e trazendo suportes emocionais favoráveis, tais como a resiliência e a determinação estritamente ligadas com seus sonhos de se manter viva, de lutar e de acreditar na sua superação, fortalecendo não só a sua espiritualidade, mas curando o seu corpo, equilibrando a sua mente e resgatando a sua saúde.

Observa-se nas falas dos(as) entrevistados(as) que os conhecimentos recebidos por seus ancestrais sobre as sementes crioulas estiveram presentes em suas vidas desde a mais tenra idade, fazendo parte do cotidiano familiar, posto que cresceram cercados(as) por sementes crioulas tanto nas atividades da agricultura como nas domésticas, por exemplo, na debulha de feijão, no cozinhar, nas hortas de seus quintais, etc. Logo, enfatizam que não têm como falar das

sementes sem relembrar a memória de seus ancestrais, passadas oralmente e contadas de uma geração à outra, dando-lhes oportunidade de usufruir desse patrimônio cultural e memorial.

Sobre a pesquisa *in loco* e a interação dos(as) pesquisadores(as) no quilombo Sítio Veiga, acredito que foi muito gratificante e de grande aprendizado, dotada de interação entre o quilombo e os(as) pesquisadores(as). O trabalho foi ainda repleto de construções científicas, marcadas por produções acadêmicas, tendo a colaboração de pesquisadores(as) de dentro do próprio quilombo, que estão inseridos(as) na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), tendo sido muitos desses artigos aprovados e publicados e outros aguardando o parecer de aprovação, o que reforça a participação e envolvimento desses sujeitos sociais na ciência e na pesquisa como protagonistas de suas histórias.

Pode-se dizer que um dos aspectos considerados um pouco negativos durante minha trajetória foram aqueles inerentes ao deslocamento, em razão de a localização do quilombo ser de difícil acesso, com estrada carroçável, o que dificulta o percurso de carro. Além disso, há todo um cuidado dos(as) membros(as) da Associação Comunitária e seus(uas) moradores(as) com os(as) pesquisadores(as) que adentram no território, cujo critério é minucioso e respaldado na ética e respeito à sua história e ao próprio local, exigindo, assim, uma conversa criteriosa com aqueles(as) que buscam desenvolver suas pesquisas no quilombo, ao mesmo tempo que deixa uma porta aberta para aqueles(as) pesquisadores(as) que honram pela ética e compromisso com as memórias e histórias de seus ancestrais e dos conhecimentos socializados.

Fica, portanto, por parte da comunidade Sítio Veiga, um convite e porta aberta para a continuidade de novas pesquisas, tendo todo o interesse em dar continuidade aos meus estudos no projeto de doutorado já pensado, o qual incide sobre as desigualdades de atendimento de saúde às mulheres negras quilombolas se comparado àquele destinado às mulheres brancas. As motivações pelo referido estudo têm como influência a própria história da autobiografia de Ana Eugenio, quilombola do Sítio Veiga, e dos inúmeros relatos que chamam a atenção para os tratos diferenciados de atendimento das mulheres negras, que perpassam pela área de saúde e se estendem à própria dificuldade de acesso ao atendimento, à não compreensão de suas singularidades, à invisibilidade que recai sobre os seus corpos com atitudes discriminatórias, dentre outros, contrariando os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) e das políticas públicas destinadas à saúde de mulheres negras e quilombolas.

Diante do exposto, fica a relevância das sementes crioulas nessa relação de ancestralidade, estabelecendo um elo capaz de germinar o solo e a vida; investem no presente e

se preocupam com as próximas gerações, unindo as diversas ancestralidades e seus guardiões em rituais de troca de conhecimentos, de resgate de memórias passadas e suas sabedorias em torno das sementes, de rituais sagrados, de festejos celebrando a colheita, como a festa de São Gonçalo. Essa relação chama a atenção para o cuidado com a terra e com o meio ambiente, trazendo a possibilidade de uma alimentação saudável para o corpo, livre de venenos e de agrotóxicos, e deixando principalmente o legado da preservação da identidade sociocultural quilombola, o que também se reflete na preservação e na sustentabilidade ambiental.

Fica patente a marca de um trabalho realizado dentro de uma perspectiva de compreensão e aprimoramento dos meus estudos sobre as questões étnico-raciais e ambientais, principalmente da valorização e respeito à dimensão humana, dos conhecimentos ancestrais herdados da preservação ambiental, da ética no campo da cidadania, do respeito à diversidade e do protagonismo desses sujeitos sociais como representantes orais de suas histórias e diásporas no mundo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA Notícias IBGE. **PNAD contínua 2018**: educação avança no país, mas desigualdades por região persistem. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24857-pnad-continua-2018-educacao-avanca-no-pais-mas-desigualdades-raciais-e-por-regiao-persistem>. Acesso em: 20 jul. 2020.

ALVES, S. A.; MARQUES, G. P.; MENDONÇA, M. R. A produção de sementes de variedades crioulas e a construção da autonomia camponesa no Movimento Camponês Popular – MCP – no Brasil. *In*: EGAL, 14. 2013, Perú. **Anales...** Lima: Egal, 2013. p. 1-18.

ARAÚJO JÚNIOR, P. P. Rio do Fogo (RN) – História e Patrimônio. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27. 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: Anpuh, 2013. p. 1-16.

ASSOCIAÇÃO Comunitária do Sítio Veiga. **Relatório da comunidade do Sítio Veiga**: uma parte de uma história de um povo. Reivindicação de reconhecimento de território quilombola. Sítio Veiga – Serra do Estevão – Quixadá – Ceará, 2009.

BARBOSA, M. M. *et al.* Educação no Campo e Agroecologia: alternativas para o resgate das sementes crioulas. *In*: MATOS, K. S. A. L. (org.). **Educação Ambiental e Sustentabilidade IV**. Fortaleza: UFC, 2013. p. 374-387.

BARROS, S. L. O olhar de uma abordagem afrocêntrica: foco no funcionamento da psiquê africana. **Revista África e Africanidade**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 13, p. 1-12, 2011.

BEZERRA, M. C. L.; BURSZTYN, M. (org.). **Ciência & tecnologia para o desenvolvimento sustentável**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2000.

BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 nov. 2003a.

BRASIL. **Guia de políticas públicas para comunidades quilombolas**. Brasília, DF: Seppir, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003b.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 dez. 2012.

BRASIL. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Guia de políticas públicas para comunidades quilombolas**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/igualdade-racial/guia-de-politicas-publicas-para-comunidades-quilombolas>. Acesso em: 20 jul. 2020.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.

CANAL RURAL. **Censo Agropecuário: há cada vez mais mulheres na produção rural**. Disponível em: <https://canalrural.uol.com.br/noticias/censo-agropecuario/censo-agropecuario-ha-cada-vez-mais-mulheres-na-producao-rural/>. Acesso em: 12 set. 2019.

CARVALHO, H. M. (org.). **Sementes, patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CHAGAS, M. F. A política do reconhecimento dos “remanescentes das comunidades dos quilombos”. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 15, p. 209-235, 2011.

CONAQ. **Site da Conaq**. 1995. Disponível em: <http://conaq.org.br/nossa-historia>. Acesso em: 30 jan. 2020.

CONAQ. **Violência contra quilombolas dispara em 2017**. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/violencia-contra-quilombolas-dispara-em-2017/>. Acesso em: 23 jan. 2020.

COSTA, T. C. Q. **Mulheres quilombolas e o pertencimento étnico-racial: elementos para uma análise da constituição dos perfis identitários na comunidade de quilombo Sítio Veiga em Quixadá/CE**. 2015. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

CUNHA, F. I. **Saneamento básico e meio ambiente: uma análise do saneamento básico integrando escola e comunidade através da educação ambiental no bairro João XXIII-CE**. 2006. Monografia (Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direito Social) – Programa de Pós-Graduação em Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direito Social, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

CUNHA, F. I. *et al.* A cor da escravidão e do racismo no quilombo Sítio Veiga em Quixadá, Ceará. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 48297-48311, 2020.

CUNHA, F. I.; SILVA, A. M. E.; VASCONCELOS, J. G. Ana Maria Eugenio da Silva: uma quilombola que venceu o câncer escrevendo e dançando com São Gonçalo. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 13, p. 277-293, 2020.

CUNHA, F. I.; VASCONCELOS, J. G.; SILVA, A. M. E. Casa de sementes Pai Xigano: um olhar para os saberes ancestrais do cultivo de sementes crioulas no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-CE. **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 27, p. 903-923, 2019.

DAL-FARRA, R. A.; GEREMIA, C. Educação em saúde e espiritualidade: proposições metodológicas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 34, n. 4, p. 587-597, 2010.

DICIONÁRIO PORTUGUÊS. **Dicionário de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/forragem/>. Acesso em: 8 set. 2019.

DIEGUES, A. C. *et al.* Saber tradicional, ciência e biodiversidade. In: DIEGUES, A. C. (org.). **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; São Paulo: USP, 1999. p. 30-35.

DOMINGOS, L. T. A visão africana em relação à natureza. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 3, n. 9, p. 1-11, 2011.

DOMINGOS, L. T. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afrodescendentes**. São Leopoldo: EST, 2017.

DÓROTH, E. R. **Contos de Antigamente**. Quixadá: Academia Estudantil de Letras Dom Maurício, 2017.

FCP. **Portaria nº 40, de 13 de julho de 2000**. Disponível em: <https://cpisp.org.br/portaria-fcp-n-o-40-de-13-de-julho-de-2000/>. Acesso em: 10 out. 2020.

FIGUEIREDO, G. P.; BARBOSA, M. M.; PINHEIRO, R. S. Agroecologia integrada à Educação Ambiental: ferramentas para uma melhor convivência da população com o semiárido. In: MATOS, K. S. A. L. (org.). **Educação ambiental e sustentabilidade IV**. Fortaleza: UFC, 2013. p. 360-373.

GREENME. Pinhão-roxo, para que serve? Usos medicinal e popular. **GreenMe**, 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.greenme.com.br/usos-beneficios/4035-pinhao-roxo-uso-medical-e-popular/>. Acesso em: 10 out. 2020.

HAERTER, L.; BARBOSA JÚNIOR, H. F.; BUSSOLETTI, D. M. A contação de histórias como elemento de resistência em comunidades quilombolas. **Boitatá**, Londrina, v. 12, n. 23, p. 89-102, 2017.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília, DF: Unesco, 2010. p. 167-212.

IBGE. **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**. Estudos e Pesquisa, Informação Demográfica e Socioeconômica, n. 41. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 18 jul. 2020.

INCRA. **Relatório técnico de identificação e delimitação do território da comunidade remanescente de quilombo Sítio Veiga**. Fortaleza: Incra, 2012.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Revista Etnografia**, Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

LEITE, I. B. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 124-149, 1999.

LÓPEZ, G. L. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**, Canoas, v. 1, n. 1, p. 45-50, 1999.

MIKHAILOVA, I. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista Economia e Desenvolvimento**, São Paulo, n. 16, p. 23-41, 2004.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTEIRO, K. S.; GARCIA, M. F. Dos territórios de reforma agrária à territorialização quilombola: o caso da Comunidade Negra de Gurugi, Paraíba. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 11, n. 2, p. 148-171, 2020.

MONTEIRO, S.; Desigualdades em saúde, raça e etnicidade: questões e desafios. *In*: MONTEIRO, S.; SANSONE, O. (org.). **Etnicidade na América Latina: um debate sobre raça, saúde e direitos reprodutivos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 44-56.

MOURA, C. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, K. Origem e histórico do Quilombo na África. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, p. 56-63, 1996.

NOBLES, W. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, E. (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298.

OLINDA, E. M. B.; SOUSA, E. F. Pensando o conceito de espiritualidade a partir das narrativas dos professores de Ensino Religioso. *In*: MATOS, K. S. L. (org.). **Cultura de paz, educação e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2015. p. 237-252.

REVISTA Carta Capital. Manifesto. **Revista Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-libera-queimadas-para-agronegocio-fora-da-amazonia/>. Acesso em: 31 out. 2019.

RIBEIRO, S. Camponeses, biodiversidade e novas formas de privatização. *In*: CARVALHO, H. M. (org.). **Sementes, patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003. p. 51-72.

SANTOS, G. Cultural popular e tradição oral na festa de São Gonçalo Beira Rio. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES, 5. 2009, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2009.

SANTOS, M. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEDUC. **Informações sobre comunidades quilombolas do Ceará**. Fortaleza: Seduc, 2017. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/37/2017/01/dados_quilombola.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.

SILVA, A. M. E. **Enfrentamento e superação do câncer de mama**: narrativa autobiográfica de uma mulher negra quilombola. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Programa de Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, C. S. **Do Quilombo Sítio Veiga à universidade**: uma experiência extensionista antirracista no sertão central cearense. 2018. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVA, S. R.; NASCIMENTO, L. K. Negros e territórios quilombolas no Brasil. **Cadernos Cedem**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 23-37, 2012.

SOUZA, L. B.; CHAVEIRO, E. F. Território, ambiente e modos de vida: conflitos entre o agronegócio e a comunidade quilombola de Morro de São João, Tocantins. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 31, p. 1-25, 2019.

TRINDADE, C. C. Sementes crioulas e transgênicos, uma reflexão sobre sua relação com as comunidades tradicionais. *In*: CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI, 15. 2006, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: Conpedi, 2006. p. 1-15.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. *In*: KI-ZERBO, J. (org.). **História geral da África**: metodologia e pré-história da África. Tomo I. São Paulo: Unesco, 2010. p. 140-166.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS
SUSTENTÁVEIS (MASTS)****PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPPG)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa *Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudos no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará*, realizada pela mestrandia Fernanda Ielpo da Cunha, sob orientação do professor doutor Luís Tomás Domingos. Esta pesquisa tem como objetivo “analisar como o cultivo de sementes crioulas contribui para a preservação da identidade sociocultural e sustentabilidade ambiental quilombola na comunidade Sítio Veiga em Quixadá-CE”. Para tal, pretende-se realizar entrevistas individuais com membros das famílias quilombolas inseridos no trabalho de cultivo de sementes crioulas. As entrevistas serão gravadas (áudio) e realizadas a partir da aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada contendo questões abertas sobre questões que envolvam os saberes ancestrais e sua relação com o meio ambiente, a terra e o cultivo de sementes crioulas, atrelado à própria identidade quilombola e sua organização política, econômica e social. A realização de cada entrevista será de aproximadamente 60 minutos e todas serão realizadas nas casas dos(as) entrevistados(as) ou em locais indicados por eles(as).

Informo que, além da realização de entrevistas, a pesquisadora fotografará dados obtidos durante o processo de coleta de informações se devidamente autorizada, os quais serão dos ancestrais quilombolas e seus descendentes, do processo de plantação e colheita das sementes crioulas e suas espécies, da dança de São Gonçalo celebrando a colheita, podendo estes ser utilizados para fins acadêmicos parcial ou integralmente e sem restrições de prazos, a partir da presente data.

Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (elaboração da dissertação de mestrado, publicação de artigos, apresentação em seminários e similares)

podendo o uso do conteúdo das informações coletadas ser utilizado parcial ou integralmente, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data.

Benefícios

Este estudo é importante porque dará maior visibilidade às atividades do cultivo de sementes crioulas e dos ensinamentos dos ancestrais quilombolas, as quais devem ser respeitadas e preservadas, deixando uma porta aberta para outros(as) pesquisadores(as).

Riscos

Os possíveis riscos estão relacionados ao constrangimento em responder a alguma pergunta ou discorrer sobre algum assunto, os quais serão minimizados e resolvidos com o compromisso firmado pela mestrandia.

Informo que é responsabilidade da pesquisadora responsável comunicar aos participantes e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unilab qualquer alteração pertinente a esse estudo.

Sua participação neste estudo será voluntária e não haverá nenhum retorno financeiro e também não lhe acarretará nenhum ônus financeiro, podendo dele sair a qualquer momento, sem que isso lhe acarrete futuros prejuízos.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar da pesquisa de campo referente à pesquisa acima mencionada a ser desenvolvida pela mestrandia Fernanda Ielpe da Cunha, sob a coordenação do professor doutor Luís Tomás Domingos, a quem poderei contatar/consultar a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar como voluntário(a) por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Fui informado(a) dos objetivos e metodologias da pesquisa de maneira clara e detalhada, os quais são estritamente acadêmicos, e do anonimato de minha colaboração, por meio de observação participante e entrevista semiestruturada, com duração aproximada de uma hora, a ser gravada a partir da assinatura deste termo, a qual poderei interromper a

qualquer momento sem sofrer sanções, não sendo obrigado(a) a responder a qualquer pergunta que julgar inconveniente ou constrangedora.

Confesso que fui orientado(a) sobre os benefícios desta pesquisa, que visa dar maior visibilidade às atividades do cultivo de sementes crioulas e aos ensinamentos dos ancestrais quilombolas, as quais devem ser respeitadas e preservadas, deixando uma porta aberta para outros(as) pesquisadores(as).

Considerando que fui informado(a) sobre a utilização dos dados obtidos deste, concordo na utilização deles para fins acadêmicos (elaboração da dissertação de mestrado, publicação de artigos, apresentação em seminários e similares), podendo o uso do conteúdo das informações coletadas ser utilizado parcial ou integralmente, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data.

Confirmo que fui orientado(a) sobre a solicitação e utilização do uso de imagens obtidas durante a coleta de dados, tais como as amostras de sementes crioulas e fotografias dos ancestrais quilombolas e seus descendentes, o plantio e colheita das sementes crioulas e a dança de São Gonçalo celebrando a colheita das sementes crioulas, podendo estes ser utilizados para fins acadêmicos parcial ou integralmente e sem restrições de prazos, a partir da presente data.

Fico ciente ainda sobre a responsabilidade da pesquisadora responsável em comunicar aos participantes e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unilab qualquer alteração pertinente a este estudo.

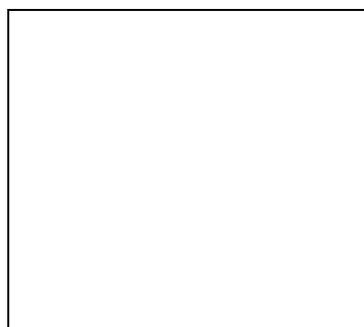
Declaro que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que foram esclarecidas minhas dúvidas e declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo. Caso venham a surgir novos questionamentos sobre o estudo, posso contatar a mestranda Fernanda Ielpo da Cunha pelo telefone (85) 99178-4892 ou pelo *e-mail* ferielpo@gmail.com. Para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante deste estudo ou se penso que fui prejudicado(a) pela minha participação, posso contatar o professor orientador doutor Luís Tomás Domingos pelo telefone (85) 99947-0905 ou pelo *e-mail* luis.tomas@unilab.edu.br ou ainda entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da Unilab pelo telefone (85) 3332-6190 ou pelo *e-mail* cep@unilab.edu.br, situado na sala 303, 3º andar, bloco D, *campus* das Auroras, rua José Franco de Oliveira, s/n, CEP: 62.790-970, Redenção – Ceará – Brasil. Horários de funcionamento: Segunda (8 às 12 horas), quarta (13 às 17 horas) e sexta (8 às 12 horas) ou acessar ainda a Plataforma Brasil no *link*: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>.

_____, ____/____/____.

Data e Local

Assinatura do participante ou responsável legal

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável



Assinatura datiloscópica

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS
SUSTENTÁVEIS (MASTS)****PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPPG)****1 Identificação**

- 1.1 Nome
- 1.2 Idade
- 1.3 Religião
- 1.4 Estado civil
- 1.5 Escolaridade
- 1.6 Profissão/ocupação
- 1.7 Renda familiar
- 1.8 Composição familiar
- 1.9 Etnia
- 1.10 Naturalidade. Onde nasceu? Tempo que mora no quilombo?
- 1.11 Relação/vínculo com a comunidade?

2 Concepção dos saberes ancestrais no cultivo de sementes crioulas

- 2.1 Fale-me um pouco sobre seus ancestrais/antepassados.
- 2.2 O que você aprendeu de mais importante com os seus ancestrais/antepassados? O que representa hoje para o(a) senhor(a) esses aprendizados?
- 2.3 Como seus ancestrais/antepassados repassavam os conhecimentos sobre o cultivo de sementes crioulas? E de que forma o(a) senhor(a) hoje cultiva essas sementes?
- 2.4 O que são sementes crioulas? O(A) senhor(a) sabe da história da origem dessas sementes?
- 2.5 Fale-me um pouco sobre as principais espécies de sementes cultivadas no quilombo.
- 2.6 O que essas sementes representam para o(a) senhor(a)?

- 2.7 De que maneira essas sementes podem contribuir para o meio ambiente e a sustentabilidade ambiental?
- 2.8 Diga-me as vantagens/desvantagens desse tipo de cultivo? Existe alguma diferença das sementes crioulas para as outras sementes?

3 Identidade quilombola no processo de organização, política, econômica e social no cultivo de sementes crioulas

- 3.1 Fale-me de sua compreensão sobre quilombo.
- 3.2 O que representa o quilombo hoje para o(a) senhor(a)?
- 3.3 Como se encontra o processo da posse das terras/territórios?
- 3.4 Como se dá a relação entre ser quilombola, os conhecimentos ancestrais e o cultivo de sementes crioulas?
- 3.5 Como o quilombo se organiza politicamente, economicamente, socialmente e culturalmente em torno do cultivo de sementes crioulas?
- 3.6 Vocês receberam algum apoio de instituições/entidades no cultivo das sementes crioulas?
- 3.7 Como o governo intervém nas ações sobre a agricultura familiar e o cultivo de sementes crioulas?

**APÊNDICE C – INSTRUMENTAL DE TABULAÇÃO – PERFIL
SOCIOECONÔMICO**



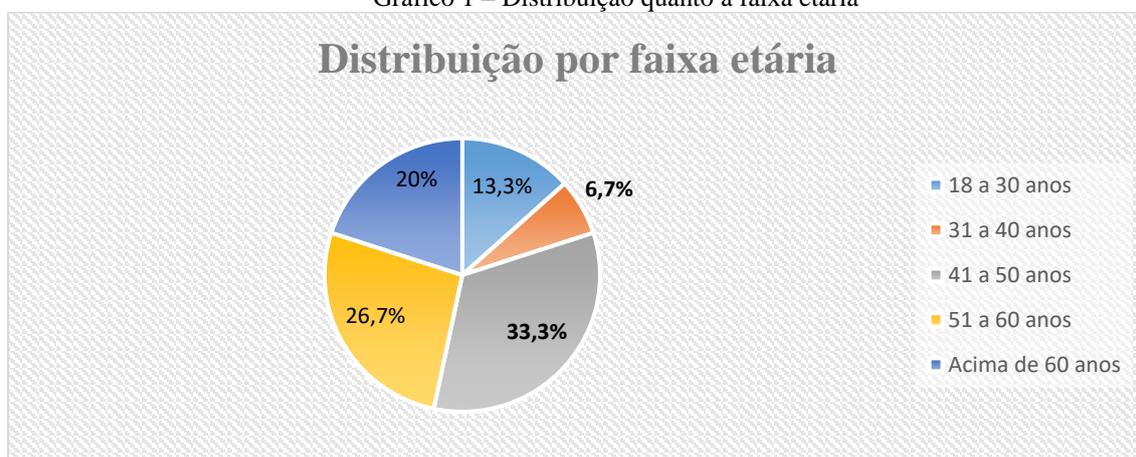
**MESTRADO ACADÊMICO EM SOCIOBIODIVERSIDADE E TECNOLOGIAS
SUSTENTÁVEIS (MASTS)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PROPPG)**

Tabela 1 – Distribuição quanto à faixa etária

| Faixa etária | Quantidade | Percentual (%) |
|---------------------|-------------------|-----------------------|
| 18 a 30 anos | 2 | 13,3 |
| 31 a 40 anos | 1 | 6,7 |
| 41 a 50 anos | 5 | 33,3 |
| 51 a 60 anos | 4 | 26,7 |
| Acima de 60 anos | 3 | 20 |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Gráfico 1 – Distribuição quanto à faixa etária



Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 2 – Distribuição quanto ao sexo

| Sexo | Quantidade | Percentual (%) |
|--------------|-------------------|-----------------------|
| Masculino | 6 | 40 |
| Feminino | 9 | 60 |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Gráfico 2 – Distribuição quanto ao sexo



Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 3 – Distribuição quanto à procedência

| Procedência | Quantidade | Percentual (%) |
|---------------------------|------------|----------------|
| Quilombo Sítio Veiga | 15 | 100 |
| Outros quilombos | - | - |
| Não tem origem quilombola | - | - |
| Outros estados | - | - |
| Não soube responder | - | - |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 4 – Distribuição quanto à religiosidade

| Religiosidade | Quantidade | Percentual (%) |
|-----------------------------|------------|----------------|
| Católico | 14 | 93,3 |
| Evangélico | 1 | 6,7 |
| Religião de matriz africana | - | - |
| Outras | - | - |
| TOTAL | 15 | 100 |

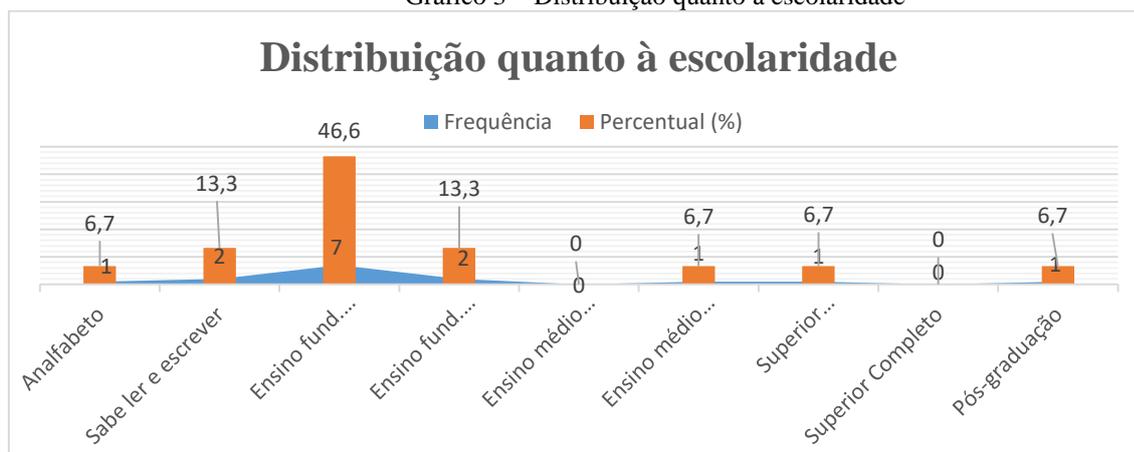
Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 5 – Distribuição quanto à escolaridade

| Escolaridade | Frequência | Percentual (%) |
|-------------------------------|------------|----------------|
| Analfabeto | 1 | 6,7 |
| Sabe ler e escrever | 2 | 13,3 |
| Ensino fundamental incompleto | 7 | 46,6 |
| Ensino fundamental completo | 2 | 13,3 |
| Ensino médio incompleto | - | - |
| Ensino médio completo | 1 | 6,7 |
| Superior incompleto | 1 | 6,7 |
| Superior completo | - | - |
| Pós-graduação | 1 | 6,7 |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Gráfico 3 – Distribuição quanto à escolaridade



Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 6 – Distribuição quanto à renda familiar

| Renda | Quantidade | Percentual (%) |
|--------------------------------|------------|----------------|
| Menos de um salário mínimo | 9 | 60 |
| De um a dois salários mínimos | 6 | 40 |
| Acima de dois salários mínimos | - | - |
| Sem renda | - | - |
| Não respondeu | - | - |
| Não soube responder | - | - |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Gráfico 4 – Distribuição quanto à renda



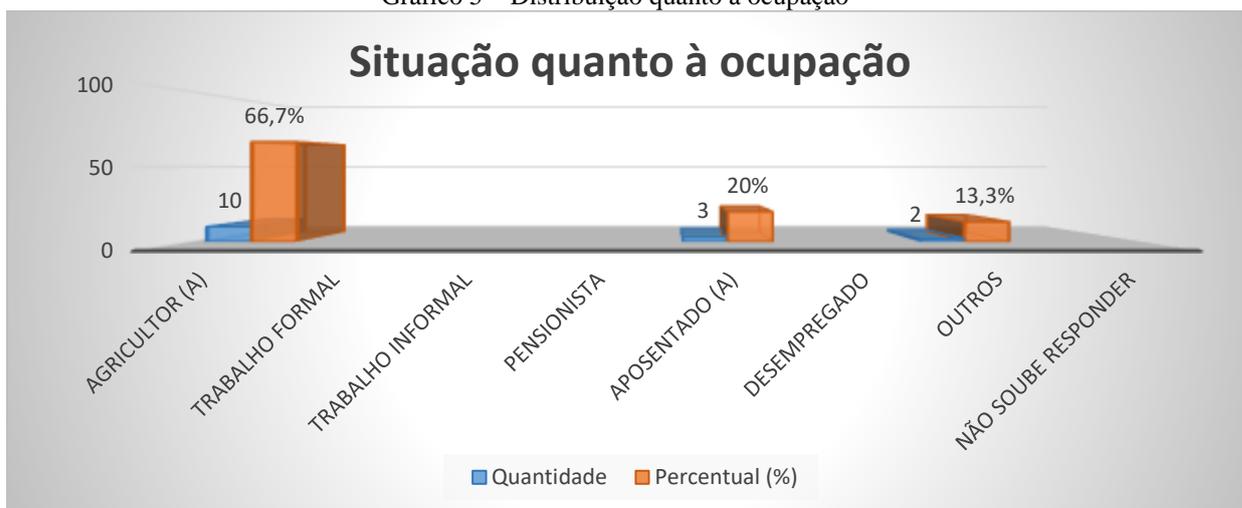
Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Tabela 7 – Distribuição quanto à ocupação

| Ocupação | Quantidade | Percentual (%) |
|---------------------|------------|----------------|
| Agricultor(a) | 10 | 66,7 |
| Trabalho formal | - | - |
| Trabalho informal | - | - |
| Pensionista | - | - |
| Aposentado(a) | 3 | 20,0 |
| Desempregado(a) | - | - |
| Outros | 2 | 13,3 |
| Não soube responder | - | - |
| TOTAL | 15 | 100 |

Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

Gráfico 5 – Distribuição quanto à ocupação



Fonte: Pesquisa direta (junho-agosto de 2019).

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP (APROVADO)

(continua)

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS SABERES ANCESTRAIS E O CULTIVO DE SEMENTES CRIOULAS: Estudos no Quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará.

Pesquisador: FERNANDA IELPO DA CUNHA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 13322119.1.0000.5576

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.422.994

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa visa analisar como o cultivo de sementes crioulas contribui para a preservação da identidade e sustentabilidade ambiental quilombola na comunidade sítio veiga, em Quixadá-Ce. Desde o surgimento dos transgênicos, híbridos, insumos agrícolas e mecanização do processo produtivo no ambiente rural a agricultura tradicional tem perdido cada vez mais espaço, sendo inclusive esquecida pelo poder público. Os cultivos com sementes crioulas contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, ambientalmente equilibrada, além da preservação da memória e identidade cultural. Sob o ponto de vista biológico, essas sementes guardam importante material genético com características únicas. O projeto segue em caráter qualitativo, o qual propõe-se a compreender as narrativas dos quilombolas do Sítio Veiga, inscrevendo-se na metodologia da História Oral.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar como o cultivo de sementes crioulas contribui para a preservação da identidade sociocultural e sustentabilidade ambiental quilombola na comunidade, Sítio Veiga em Quixadá-CE.

Objetivo Secundário: -Analisar como os ancestrais quilombolas cultivavam as sementes crioulas e socializavam as gerações subsequentes;-Identificar os principais impactos dos ensinamentos dos ancestrais sobre as sementes crioulas na manutenção da preservação e sustentabilidade

Endereço: Avenida da Abolição, 3

Bairro: Centro Redenção

UF: CE

Telefone: (85)3332-1381

CEP: 62.790-000

Município: REDENCAO

E-mail: cep@unilab.edu.br

(continuação)

**UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA**



Continuação do Parecer: 3.422.994

ambiental;-Avaliar as principais dificuldades encontradas pelas famílias quilombolas em manter viva a tradição do cultivo de sementes crioulas repassadas por seus ancestrais;-Analisar como as técnicas de manejo dessas sementes são produzidas e organizadas pelas famílias;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Constrangimento causado aos entrevistados no processo da pesquisa, a qual será interrompida, respeitando-os, assim como a desistência do participante em querer continuar na pesquisa.

Benefícios:

A relevância dessa pesquisa para o MASTS/UNILAB, deixa registrado uma pesquisa comprometida com as questões ambientais e étnico-raciais, que deverá ser repassada e preservada de uma geração a outra, atendendo inclusive o próprio conceito de desenvolvimento sustentável "um desenvolvimento que atenda às necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras". (BRUNDTLAND, 1987). Logo, a pesquisa nessa área, deixará uma porta aberta para outros pesquisadores e para a própria sociedade repensar e valorizar o legado e os ensinamentos dos quilombos, de sua relação de cuidado com a terra, com o meio ambiente, os saberes de seus ancestrais, os quais devem ser respeitados e preservados. O cultivo de sementes crioulas chama a atenção para uma qualidade de vida saudável, ou seja, de uma cultura cuja a preservação ambiental se legitima com o cuidado com a terra, uma técnica que não utiliza agrotóxico ou fertilizantes, portanto, sem impacto ao meio ambiente. Uma cultura, em que as pessoas poderiam consumir uma alimentação mais segura, aumentando a biodiversidade e sustentabilidade local, sendo as comunidades tradicionais seus grandes guardiões.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O estudo trata-se de uma pesquisa apresentada ao Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de mestre.

A pesquisa parte da hipótese que o cultivo com sementes crioulas por serem naturais e sem alteração genética contribuem para a sustentabilidade ambiental e sua preservação. Além disso, entende-se que os ensinamentos ancestrais repassados de uma geração a outra são responsáveis por manter viva a tradição das sementes crioulas, bem como contribuem para afirmação da identidade sociocultural quilombola.

Endereço: Avenida da Abolição, 3

Bairro: Centro Redenção

CEP: 62.790-000

UF: CE

Município: REDENCAO

Telefone: (85)3332-1381

E-mail: cep@unilab.edu.br

(continuação)

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA



Continuação do Parecer: 3.422.994

Entretanto, os cultivos com sementes crioulas contribuem para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, ambientalmente equilibrada, além da preservação da memória e identidade cultural. Todavia, apesar, da relevância das sementes crioulas para um meio ambiente equilibrado, as multinacionais a serviço do grande capital já vêm intervindo em tecnologia de ponta utilizando-se da biotecnologia e da manipulação da genética das sementes híbridas, as transgênicas, das orgânicas, na perspectiva de fins comerciais e patenteamento das espécies. O reconhecimento das comunidades tradicionais em uma perspectiva de uma agricultura familiar sustentável e sem impactos ao meio ambiente, fere os próprios princípios de lucratividade, comercialização e transformação das sementes crioulas. Daí o desafio dessa pesquisa, avaliar o cultivo das sementes crioulas nessas comunidades tradicionais, considerando os valores, as práticas culturais e os saberes repassados e produzidos.

1. Local e Período: A pesquisa será realizada no período compreendido entre junho a agosto de 2019 na comunidade sítio Veiga, em Quixadá-Ceará. O projeto deverá ser previamente examinado e aprovado pelo Comitê de Ética e posteriormente será apresentado aos participantes da pesquisa, com relação aos objetivos, finalidades e procedimentos metodológicos, de forma que possam se sentir seguros e a vontade para participar ou não no estudo. Conterá ainda um termo de consentimento livre e esclarecido escrito que deverá ser assinado pelos participantes que voluntariamente farão parte da pesquisa.

2. População a ser entrevistada: Serão abordados o quantitativo de 15 quilombolas maiores de 18 anos, que residem e moram no quilombo e que trabalham ou tem conhecimento no cultivo de sementes crioula, e que, voluntariamente se dispuserem a responder uma entrevista com perguntas previamente semiestruturadas. Garantir-se-á o anonimato as respostas e a amostra será definida de acordo com congruência ou coincidência de opiniões contidas nas falas dos entrevistados.

3. Aspectos Relativos à Conduta Ética: O estudo seguirá a resolução 466/2012 (BRASIL: 2012), que trata e regulamenta as diretrizes e normas que envolvem pesquisa com seres humanos. A entrada na instituição ocorrerá mediante a apresentação do projeto de pesquisa, seguido do ofício de apresentação. Na ocasião da coleta de dados será enfatizado aos entrevistados a liberdade para participarem, ou não, no estudo, a ausência de qualquer ônus e garantia de anonimato de sua identidade. Só após o esclarecimento é que o entrevistado (a) assinará o Termo de Consentimento.

Endereço: Avenida da Abolição, 3

Bairro: Centro Redenção

CEP: 62.790-000

UF: CE

Município: REDENCAO

Telefone: (85)3332-1381

E-mail: cep@unilab.edu.br

(continuação)

UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO
INTERNACIONAL DA



Continuação do Parecer: 3.422.994

4. Coleta de Dados: As técnicas utilizadas na pesquisa serão observações simples, entrevistas através da técnica do gravador e o diário de campo para o registro das falas dos atores sociais. A coleta de dados será realizada mediante a aplicação de uma entrevista com indagação previamente semiestruturada e direcionada aos objetivos da pesquisa. O instrumento será dividido em duas partes aplicado através de uma entrevista gravada aos quilombolas da comunidade Sítio Veiga que voluntariamente vão participar da pesquisa. Na primeira parte constarão dados relacionados à identificação dos sujeitos da pesquisa: idade, sexo, profissão, tempo de serviço, nível de instrução, procedência, entre outros. Na segunda parte constarão indagações relacionadas aos objetivos da pesquisa. Nessa fase do estudo os sujeitos sociais serão convidados pela pesquisadora para fazerem parte da pesquisa e após concordarem, serão agendados para uma entrevista individual em dias diferentes sendo o local sugerido pelo próprio entrevistado, todavia com todo o cuidado para conferir o sigilo das informações e proteção aos sujeitos da pesquisa. Será levada em consideração a disponibilidade de horário e aceitação voluntária dos mesmos. A entrevista só será gravada após autorização dos sujeitos mediante assinatura do TCLE.

5. Apresentação e Análise dos resultados: Os resultados serão categorizados de acordo com as falas e observações feitas durante a entrevista. A análise dos dados será fundamentada na literatura vigente referente ao assunto.

6. Critérios para Inclusão e Exclusão no Estudo: Poderão fazer parte deste estudo optamos por quilombolas maiores de 18 anos, que residem e moram na comunidade Sítio Veiga e trabalham ou tem conhecimento no cultivo de sementes crioulas. Deverão ser adultos e não haverá distinção de sexo, raça, cor e religião; os mesmos serão previamente esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e será condição imperativa concordar expressamente e por decisão própria participar do estudo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram anexados.

Recomendações:

Não há recomendações.

Endereço: Avenida da Abolição, 3

Bairro: Centro Redenção

UF: CE

Município: REDENCAO

CEP: 62.790-000

Telefone: (85)3332-1381

E-mail: cep@unilab.edu.br

(conclusão)



Continuação do Parecer: 3.422.994

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|---|------------------------|-------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1338403.pdf | 08/05/2019 13:22:11 | | Aceito |
| Outros | CARTA_ANUENCIA.jpg | 08/05/2019 13:20:41 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| Outros | CARTA_ONUS.jpg | 08/05/2019 13:19:53 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| Outros | CARTA_ENCAMINHAMENTO.jpg | 08/05/2019 13:18:47 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 08/05/2019 13:18:09 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto.pdf | 08/05/2019 13:17:41 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha.pdf | 08/05/2019 13:17:11 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |
| Outros | Lattes_Fernanda_Ielpo_da_Cunha.pdf | 23/04/2019 15:16:18 | FERNANDA IELPO DA CUNHA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

REDENCAO, 28 de Junho de 2019

Assinado por:
 Luis Carlos Silva de Sousa
 (Coordenador(a))

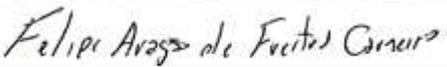
| | |
|----------------------------------|---------------------------|
| Endereço: Avenida da Abolição, 3 | CEP: 62.790-000 |
| Bairro: Centro Redenção | |
| UF: CE | Município: REDENCAO |
| Telefone: (85)3332-1381 | E-mail: cep@unilab.edu.br |

ANEXO B – DECLARAÇÕES DE REVISÃO VERNACULAR E DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

DECLARAÇÃO DE REVISÃO VERNACULAR

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado³⁷, foi procedida a correção gramatical e estilística da dissertação intitulada **Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudo no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará**, de autoria de Fernanda Ielpo da Cunha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Fortaleza-CE, 13 de novembro de 2020.

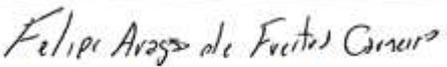


Felipe Aragão de Freitas Carneiro

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização da dissertação intitulada **Os saberes ancestrais e o cultivo de sementes crioulas: estudo no quilombo Sítio Veiga, Quixadá-Ceará**, de autoria de Fernanda Ielpo da Cunha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 13 de novembro de 2020.



Felipe Aragão de Freitas Carneiro

³⁷ Número do registro: 89.931. E-mail: felipearagaofc@hotmail.com